



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



Délcio Luis Balieiro Frazão

Cabanos do Acará

As múltiplas possibilidades de usos de um *website* para o ensino de história da Cabanagem no município do Acará/Pará.

Ananindeua-PA

2024

Délcio Luis Balieiro Frazão

Cabanos do Acará

As múltiplas possibilidades de usos de um *website* para o ensino de história da Cabanagem no município do Acará/Pará.

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História/Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Pará/*Campus* Universitário de Ananindeua, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Broni de Mesquita.

Ananindeua-PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

L953c Luis Balieiro Frazão, Délcio.
Cabanos do Acará: as múltiplas possibilidades de usos de um *website* para o ensino de história da Cabanagem no município do Acará/Pará / Délcio Luis Balieiro Frazão. — 2024.
134 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Thiago Broni de Mesquita
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Ananindeua, Mestrado Profissional em
Ensino de História, Ananindeua, 2024.

1. Ensino de história. 2. História pública. 3. Cabanagem. 4.
website. 5. Ensino de Cabanagem. I. Título.

CDD 981.15

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO DISCENTE

DELICIO LUIS BALIEIRO FRAZÃO

A Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação, presidida pelo orientador Prof. Dr. Thiago Broni de Mesquita e constituída pelos (a) examinadores (a) Profa. Dra. Danielle Figueiredo Moura e Prof. Dr. José do Espírito Santo Dias Junior, reuniu-se no dia 10 de junho de 2024, às 16:00 horas, através de videoconferência na Plataforma Google Meet, para avaliar a Defesa de Dissertação do mestrando **DELICIO LUIS BALIEIRO FRAZÃO** intitulada: “Cabanos do Acará: as múltiplas possibilidades de usos de um web site para o ensino de história da Cabanagem no município do Acará/Pará.” Após explanação do mestrando e sua arguição pela Comissão Examinadora, a dissertação foi avaliada depois que todos os presentes se retiraram. Desta apreciação, a Comissão Examinadora retirou os seguintes argumentos: 1) que a dissertação atendeu prontamente a todas as recomendações feitas à época do exame de qualificação; 2) que o mestrando respondeu com propriedade a todas as indagações e questionamentos da Banca; 3) que o mestrando construiu argumentos coerentes, dentro de uma escrita que guarda um estilo e clareza a serem exaltados; 4) e que por todos estes aspectos a dissertação foi **APROVADA**, com conceito **EXCELENTE** pela Comissão que também recomendou a publicação da dissertação, de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Curso.

(Assinado digitalmente em 12/06/2024 10:42)
DANIELLE FIGUEREDO MOURA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
NPI (11.26)
Matricula: ###902#2

(Assinado digitalmente em 13/06/2024 12:28)
JOSE DO ESPIRITO SANTO DIAS JUNIOR
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
CCAME (11.19)
Matricula: ###859#0

(Assinado digitalmente em 12/06/2024 09:14)
THIAGO BRONI DE MESQUITA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
NPI (11.26)
Matricula: ###247#3

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpa.br/documentos/> informando seu número: **1**, ano: **2024**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **12/06/2024** e o código de verificação: **62e82df86c**

AGRADECIMENTOS

Uma das partes importantes de um trabalho acadêmico são os agradecimentos, uma vez que registra de forma pontual todos aqueles que contribuíram no seu percurso formativo. E o primeiro cabe, por justiça, à Capes pela concessão da bolsa de mestrado, sem a qual essa dissertação não seria possível.

O meu primeiro agradecimento se dirige a Deus que me presenteia todos os dias com o dom da vida, sem dúvida viver é um privilégio.

Aos meus colegas de turma por todos os momentos que compartilhamos juntos nessa formação, destaco em especial a parceria nos trabalhos durante as disciplinas com meu colega e agora amigo Marcos Vinícius.

Aos meus queridos professores que me apresentaram ferramentas que utilizei para construção desse trabalho. Entre nosso competente corpo docente, destaco as orientações e paciência do Professor Adilson Brito durante o pior momento da minha vida.

A minha querida professora e amiga de longa data Edilza Fontes.

Ao meu orientador Thiago Broni de Mesquita que com suas orientações tornou esse sonho possível.

A minha esposa Maria do Rosário que sempre esteve ao meu lado com muita dedicação e empenho nos momentos difíceis, carregando a minha cruz na labuta diária da minha existência.

Sonho Cabano (1985)
(G.R.C.S Acadêmicos da Pedreira)

*O sonho rebelado iluminou
Cobriu a mata e se virou no Rio Mar
Rufam tambores cabanos
Glória ao Grão-Pará! Meu Pará,
Choveu temor na riqueza dos palácios
Calou com sangue cada boca de canhão
Tapuios e negros a reinar
De trabuco na mão
Vingança! Vingança! Vingança!
Clama o Brigue palhaço,
Guerreiro da Liberdade,
Fere o ar da servidão,
Nos arraiais da cidade,*

*É festa! É festa! É festa!
Nos quilombos e roças,
Nas vielas e choças
Coração de angelim*

*Canta Pedreira,
Põe amor na memória,
A noite é bela,
O cabano é história*

*Ôôôô, Imperador!
Murucutum. Em Nazaré,
Paraense quando quer
Não tem dono e nem senhor
Imperador.*

RESUMO

A dissertação aborda as múltiplas possibilidades de usos de *website* para o ensino de história tendo na história da Cabanagem o seu foco. O trabalho dialoga com os campos da história pública e da história local para discutir as histórias e as memórias sobre a Cabanagem no município do Acará/Pará. O município do Acará é reconhecido por boa parte de sua população como o berço da Cabanagem. Líderes do movimento cabano no século XIX tiveram origem nas terras do Acará e entre eles se destaca Félix Clemente Malcher, primeiro presidente cabano e proprietário de terras na região. Atualmente o município presta homenagens a história da Cabanagem através de nomes de prédios públicos, ruas, avenidas, além de manter preservados em sua zona rural importantes lugares de memória da Cabanagem tais como a Fazenda Acará-Açu, propriedade que pertenceu a Félix Clemente Malcher e que foi atacada pelas tropas imperiais e quase completamente destruída. Nas escolas e nas diversas comunidades do município alunos(as) e munícipes trazem em seus nomes os sobrenomes de líderes cabanos e em qualquer parte do município sempre é possível encontrar alguém que conhece alguma história ou caso da Cabanagem para contar. Ao longo do desenvolvimento dessa dissertação buscamos reunir em um *website* intitulado Cabanos do Acará parte dessas informações por meio da divulgação de entrevistas realizadas com professoras da rede pública de ensino, de fotografias e também através de verbetes que poderão ser atualizados por alunos e alunas da rede pública de ensino do Acará. Nessa dissertação o *website* é apresentado em sua fase de implantação e com ideias que consideramos iniciais e que, portanto, apresentam limitações, mas dão a dimensão do tamanho e das possibilidades que poderemos alcançar à medida que ele for sendo implementado como instrumento para o ensino de história da Cabanagem no município. A dissertação também apresenta um memorial sobre como me tornei professor de história, como vivi a experiência de uma pós-graduação em ensino de história em rede e como a história da Cabanagem também faz parte da trajetória que é minha e também da geração de estudantes da graduação em história da UFPA entre os anos 1990/2010. Entre as implicações práticas dessa dissertação destacamos o registro do *website* como projeto de ensino junto a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) a qual disponibilizou carga horária para a sua implementação na rede estadual de ensino do Acará no ano de 2024.

Palavras-chave: Ensino de história; Cabanagem; História local; História pública; *website*.

ABSTRACT

The dissertation addresses the multiple possible uses of *websites* for teaching history, with the history of Cabanagem as its focus. The work dialogues with the fields of public history and local history to discuss the stories and memories about Cabanagem in the municipality of Acará/Pará. The municipality of Acará is recognized by a large part of its population as the birthplace of Cabanagem. Leaders of the Cabano movement in the 19th century originated in the lands of Acará and among them Félix Clemente Malcher, the first Cabano president and landowner in the region, stands out. Currently, the municipality pays tribute to the history of Cabanagem through the names of public buildings, streets, avenues, in addition to keeping important places of memory of Cabanagem preserved in its rural area, such as Fazenda Acará-Açu, a property that belonged to Félix Clemente Malcher and which was attacked by imperial troops and almost completely destroyed. In schools and in the various communities in the municipality, students and residents bear the surnames of Cabanagem leaders in their names and in any part of the municipality it is always possible to find someone who knows a story or story about Cabanagem to tell. Throughout the development of this dissertation, we sought to gather on a *website* entitled Cabanos do Acará part of this information through the dissemination of interviews carried out with teachers from the public school system, photographs and also through entries that can be updated by students from the network. public education system in Acará. In this work, the *website* is presented in its implementation phase and with ideas that we consider to be initial and which, therefore, present limitations, but give the dimension of the size and possibilities that we can achieve as it is implemented as an instrument for teaching history of Cabanagem in the municipality. The dissertation also presents a memorial about how I became a history teacher, how I experienced a postgraduate degree in online history teaching and how the history of Cabanagem is also part of my trajectory and that of the generation of students from degree in history from UFPA between the years 1990/2010. Among the practical implications of this dissertation, we highlight the registration of the *website* as a teaching project with the State Department of Education (SEDUC), which made available hours for its implementation in the Acará state education network in 2024.

Keywords: History teaching; Cabanagem; Local history; Public history; Website.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Memorial da Cabanagem – Anos 1980.....	27
Figura 2: Rascunhos de Oscar Niemeyer - Memorial da Cabanagem.....	28
Figura 3: Eleições 1988 - Registro da prisão arbitrária de Edmilson Rodrigues feita pelo Exército.....	30
Figura 4: Plenária do Orçamento Participativo e inauguração da Escola Cabana Cordolina Fontenelles.....	31
Figura 5: Interior da Biblioteca do Centur (S/D).....	32
Figura 6: Cabano Paraense	33
Figura 7: Capas dos livros indicados para pesquisas sobre Cabanagem nos anos 1990	34
Figura 8: Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Eduardo Angelim.....	50
Figura 9: Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Monte Horebe	50
Figura 10: A Cabanagem – Teláris.....	55
Figura 11: <i>Website</i> Passados Presentes	60
Figura 12: Vista aérea da zona urbana do município do Acará/Pará.....	72
Figura 13: Mapa zona urbana do Acará.....	72
Figura 14: Manoel Gonçalves em frente à sua casa	73
Figura 15: Casa abandonada - Rua dos Cabanos.....	74
Figura 16: Casa de madeira - Rua dos Cabanos	75
Figura 17: Carochos de açaí - Rua dos Cabanos	75
Figura 18: Orla do rio Acará - Av. Comandante Pedro Vinagre.....	76
Figura 19: Vendedor de peixe seco na feira da Av. Comandante Pedro Vinagre.....	76
Figura 20: Venda de peixe e camarão seco - Av. Comandante Pedro Vinagre	77
Figura 21: À esquerda - Cabano Paraense (Pintura de Alfredo Norfini) / À direita: Vendedor de peixe seco na feira da Av. Comandante Pedro Vinagre	78
Figura 22: Escola 13 de Maio.....	79
Figura 23: Entrevista com Kátia Cristina Oliveira.....	80
Figura 24: Uniforme da Escola 13 de Maio	81
Figura 25: Entrevista com Daise Souza da Cunha	81
Figura 26: Mapa registrando o percurso entre o centro da cidade do Acará e a entrada do Ramal do Km 05	83
Figura 27: Mapa com trecho percorrido em estrada de terra entre a entrada do Km 05 e o Ramal Santa Cruz (ponto de travessia para a Comunidade Acará-Açu)	84

Figura 28: Mapa com o trecho entre o Ramal Santa Cruz e a travessia do Jaguarari às margens do igarapé Itapiocaba.....	84
Figura 29: Trecho entre a travessia do Jaguarari no igarapé Itapiocaba e a casa da professora Daise Souza da Cunha às margens do Rio Acará – Comunidade Acará-Açu.....	85
Figura 30: Ramal do Km 05	85
Figura 31: Ponto de travessia do Jaguarari no igarapé Itapiocaba	86
Figura 32: Travessia de rabeta entre o igarapé Itapiocaba e o Rio Acará.....	86
Figura 33: Família da professora Daise Souza da Cunha em sua casa às margens do Rio Acará	87
Figura 34: Retorno para a cidade de Acará após a entrevista. Ao fundo: Fazenda Acará Açu	87
Figura 35: Registro Geral de Antônio Malcher da Cunha.....	89
Figura 36: Certidão de Nascimento de Constância Malcher	89
Figura 37: Sede da Fazenda Acará Açu	90
Figura 38: Igreja da Fazenda Acará Açu.....	91
Figura 39: Projeto Guardiães do Cacau - Fazenda Acará Açu.....	91
Figura 40: Escola Nossa Senhora do Desterro - Fazenda Acará Açu	92
Figura 41: Vista do Rio Acará - Fazenda Acará Açu.....	92

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC: Base Comum Curricular.

SOME: Sistema Modular de Ensino.

PPGEH: Programa de Pós-Graduação em Ensino de História.

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

ANPUH: Associação Nacional de História.

OP: Orçamento Participativo.

CCPP: Conselho Comunitário de Controle Popular.

SEMEC: Secretaria Municipal de Educação de Belém.

SEDUC: Secretaria de Estado de Educação do Pará.

PPHIST: Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

TDIC's: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

LISTA DE QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1: Você já ouviu falar sobre Cabanagem (1835-1840)?.....	51
Gráfico 2: Qual a importância do movimento da Cabanagem para o município do Acará e para a sua população?.....	52
Gráfico 3: Você conhece alguma rua, prédio, praça, monumento ou local (os chamados “espaços de memória”) que homenageie ou lembre a Cabanagem no município do Acará?.....	53
Gráfico 4 e 5: A história da cidade do Acará é importante para os seus moradores?	53

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	COMO APRENDI CABANAGEM? REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, APRENDIZAGEM HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA ENTRE OS ANOS 1980-2000	23
2.1.	Como aprendi Cabanagem? Memórias sobre o ensino de história nos anos 1980/1990.	24
2.2.	A escrita da história da Cabanagem e o que vivi nos meus tempos de graduação. ...	35
2.3.	Leituras para um projeto de ensino de história da Cabanagem no Acará.....	39
3.	WEBSITE CABANOS DO ACARÁ: RELATO DE EXPERIÊNCIA E UM PRODUTO PARA A HISTÓRIA PÚBLICA DA CABANAGEM NO ACARÁ	48
3.1.	O que sabem os(as) alunos(as) da rede pública de ensino do Acará sobre Cabanagem?	48
3.2.	É possível uma história pública da Cabanagem no Acará/Pará?	58
3.3.	Projetando uma forma de trazer a presença do passado cabano do Acará na aula de história.....	65
3.4.	Por que um <i>website</i> ?	66
3.5.	Construindo o <i>website</i> Cabanos do Acará com a participação da comunidade em fotografias, vídeos, depoimentos e entrevistas.	71
3.6.	Ideias de última hora: fotografia, vídeo, verbetes de memória e diálogos possíveis entre humanidades digitais e cultura <i>maker</i>	94
3.7.	O <i>website</i> Cabanos do Acará: descrição do produto.	101
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
5.	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

1. INTRODUÇÃO

A Cabanagem é uma das principais rebeliões populares da história do Brasil imperial. O movimento contou com a participação de vários povos indígenas, negros(as) e brancos(as) que aderiram ao movimento e que travaram uma luta árdua na capital da província do Grão-Pará, mas, sobretudo, nos interiores, na floresta. A dimensão da revolta popular pode ser mensurada, segundo Souza Júnior (2022), pelo expressivo número de mortos nos embates que excederam as trinta mil mortes. A história da Cabanagem se inscreve na história da Amazônia daquele período ao reforçar a identidade dos sujeitos da região, o ódio contra o mandonismo branco e português e através da luta pela terra, por mais direitos e pela liberdade.

Um fato interessante sobre a história do movimento é a sua ligação com o atual município do Acará no Pará. Boa parte da história anterior ao movimento se desenrola nos interiores do Grão-Pará. Um destes interiores era a freguesia de São José do Rio Acará que a época da Cabanagem era uma freguesia campestre com 1.539 moradores livres e 1.437 escravizados, distante 20 léguas de Belém (Baena, 2004). Nessa região se desenvolveu, desde tempos coloniais, grande parte da produção agrícola do Grão-Pará, mas também havia uma sociedade peculiar, insatisfeita e revoltosa. Lideranças políticas do século XIX circularam nas terras do Acará, a exemplo dos irmãos Angelim e Félix Clemente Malcher. No momento que a Cabanagem se interioriza, líderes cabanos se refugiam na freguesia do Acará (Lima, 2009).

Como sabemos, a Amazônia no percurso de sua colonização a partir do século XVII produziu uma massa de “despossuídos”. Essa população era composta por indígenas, negros(as) mestiços(as) e homens e mulheres brancos(as) pobres, exposta por um grande período a opressão e a exploração. Em diversos momentos essa população mostrou o seu protagonismo resistindo as condições de vida e de trabalho impostas e, a Cabanagem, é um dos pontos de culminância desse processo. É importante ressaltar que para se compreender melhor a Cabanagem, Souza Júnior (2022) recomenda que não restrinjamos nosso olhar ao momento de sua eclosão, em 1835, pois “precisamos reconstruir a tradição de resistência que perpassou a história das camadas populares do Grão-Pará.” (Souza Junior, 2022, p.12)

A agitação política da primeira metade do XIX encontrará espaço e motivação suficiente para alimentar um sonho de uma liberdade no Grão-Pará. Essa liberdade se apresenta no contexto de difusão das ideias liberais em Portugal e o movimento pela constitucionalização da monarquia. Esse movimento, em 1820, propiciou o debate e a adesão ao ideário do “vintismo” português na Amazônia, havendo a imprensa e os intelectuais assumido o papel de canal de difusão desses ideais.

Deste período, sabemos que a elite paraense se dividia em dois grandes grupos. O primeiro deles era uma elite “tradicional” formada por um grupo de funcionários, proprietários e negociantes que monopolizou o poder na província do Grão-Pará desde os primórdios da colonização portuguesa na Amazônia e cujos negócios estavam intimamente ligados a Portugal. A região era porta de entrada para a venda dos produtos da referida elite na Europa. Para esses grupos, a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil representou imensos prejuízos. Cabe ressaltar que os membros dessa elite sempre estiveram intimamente vinculados ao Estado absolutista português (Souza Junior, 2022, p. 24).

No outro polo de disputa, estava a chamada “elite recente”. Esse grupo era constituído por proprietários-negociantes, ou seja, de “novos ricos” e era formado a partir da conquista e ocupação de Caiena por tropas portuguesas saídas do Pará, fato que abriu novas possibilidades de negócios ligados ao abastecimento das tropas e à exploração do comércio caribenho. Tal elite encontrava-se alijada do poder na província do Grão-Pará, o que criava dificuldades para a ampliação dos seus negócios (Souza Júnior, 2022, p. 25)

Entre os membros da elite recente estava um estudante paraense que cursava direito da Universidade de Coimbra, desde 1816, chamado de Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente. Ele almejou se beneficiar da Revolução Constitucionalista para chegar ao poder na Província. Patroni se associou a comerciantes ricos, como Pedro Rodrigues Henriques, Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva e Amândio José de Oliveira Pantoja. Todos eles eram membros da “elite recente”, da qual Patroni fazia parte. Patroni adquiriu uma tipografia na Europa e introduziu a imprensa no Pará ao fundar o jornal chamado “O Paraense”. O jornal se tornou um importante difusor das ideias liberais.

Este breve resumo do trabalho de Souza Júnior é proposital. Conforme será possível ver em minha proposta de primeiro capítulo, no meu tempo de bacharelado em história não fui um pesquisador da história da Cabanagem. Apesar disso, em diversos momentos a história desse movimento atravessou a minha trajetória e umas delas acontece exatamente quando inicio minha carreira docente na rede estadual de ensino do Acará/Pará. Há pouco mais de dez anos assumi a vaga de professor na Escola Estadual de Ensino Médio Felipe Patroni, na sede do município, onde atuo. Na sala da direção há uma gravura de Felipe Patroni e referências ao retorno dele após cursar direito da Universidade de Coimbra, em Portugal, no contexto da Revolução do Porto. Lá também há menções à tipografia adquirida por Patroni e que lançou as bases da imprensa no Pará, com a fundação do jornal “O Paraense”, o mais importante propagador do ideário liberal no Grão Pará. No Acará, as escolas-sede organizam e concentram toda parte de secretária e documentação escolar dos(as) alunos(as) do Sistema Modular de

Ensino (SOME), ao passo que as escolas municipais, nas localidades que compõe os circuitos modulares de ensino, funcionam como anexos cedendo suas salas e espaços pedagógicos para utilização dos(as) discentes e professores(as).

Ainda sobre estes atravessamentos da história da Cabanagem em minha vida destaco minha primeira experiência como docente do município do Acará, quando fui designado para a localidade de São Lourenço. A comunidade é de difícil acesso e fica às margens do rio Acará e lá está localizada a Escola Municipal Eduardo Angelim, onde atuo. Trata-se de mais uma escola que homenageia o nome de uma liderança cabana e minha expectativa foi grande em relação às turmas de 2º Ano do Ensino Médio, já que é nessa série que são abordados os conteúdos referentes ao processo de Independência do Brasil e, por conseguinte, a história do império no Brasil. Uma das minhas maiores surpresas ao chegar ao chão da sala de aula foi o fato de que boa parte dos(as) alunos(as) alegavam desconhecer a história da Cabanagem no município, fato que me causou grande inquietação pois, supostamente, eles deveriam ter estudado e discutido esse tema no 8º ano do Ensino Fundamental.

Foi neste contexto que tive acesso ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PPGEH/UFGA). Por meio dele queria poder propor um projeto que discutisse a importância da história da Cabanagem no município do Acará. No primeiro ano do curso a ideia que norteou minhas atividades junto ao programa foi a de criar um percurso museológico, algo que envolvesse ensino de história e patrimônio histórico, haja vista a quantidade de lugares de memória que o município possui. Naquele momento as orientações que tive foram insuficientes e isso me levou a elaboração de um projeto que se tornou inviável à medida em que o tempo passava.

Foi durante a realização da disciplina da linha de pesquisa de “Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão” que meu olhar sobre o meu projeto de pesquisa mudou. A disciplina, à época ministrada pelo meu atual orientador, discutiu como é possível dar sentido histórico para temas de história na sala de aula a partir de diferentes tipos de suportes, tais como livros, filmes, programas televisivos, sítios da Internet, mapas, fotografias etc. A partir da problematização dos usos das múltiplas linguagens que existem em nosso cotidiano fomos levados a refletir sobre nossos produtos. Nessa disciplina conheci os campos da história pública e da história local e o trabalho do meu orientador no desenvolvimento de *websites* e projetos de ensino que envolvem história e memória. Em meio a questões de ordem pessoal tive a orientação do meu trabalho redirecionada pelo PPGEH/UFGA para meu atual orientador e, a partir de então, iniciamos os trabalhos visando o projeto Cabanos do Acará.

O projeto Cabanos do Acará foi concebido conforme orientações técnicas que constam em documento produzido pelo Grupo de Trabalho Produção Técnica vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no ano de 2019, que trata dos produtos e instrumentos relacionados a avaliação da pós-graduação. O documento, compartilhado durante as orientações coletivas da pós-graduação, me ajudou a compreender o que de fato é um “produto” e a focar em algo realmente factível e possível de ser realizado. Dessa forma o produto dessa dissertação é o *website* Cabanos do Acará, inserido no eixo de *Divulgação da produção* onde estão inseridas atividades relacionadas à divulgação da produção. O *website* Cabanos do Acará é um produto de comunicação do subtipo *Produção de programas de mídia* e sua descrição completa consta na última seção dessa dissertação.

Considero que o trabalho desenvolvido a partir de então aliou orientações técnicas e humanas que tornaram possíveis a dissertação que hora apresento. O objetivo principal deste trabalho foi o de demonstrar a trajetória de vida de um professor de história que se tornou pesquisador de sua própria prática e se tornou capaz de apresentar à comunidade escolar onde atua um produto voltado para o ensino de história da Cabanagem. Dessa forma o texto desse trabalho é escrito em formato autobiográfico, narrando diferentes momentos da minha vida, falando sobre como aprendi a respeito da história da Cabanagem para então demonstrar como projetei um produto que pode se tornar capaz de proporcionar mudanças nos modos como meus alunos(as) aprendem não somente sobre a história da Cabanagem no Acará, mas sobre história como uma disciplina que ensina sobre a humanidade no tempo.

Quando fui indagado a respeito dos problemas que a minha pesquisa sugere, falei sobre inquietações que me perseguem há cerca de pouco mais de uma década. Sempre que ministro aulas sobre a história da Cabanagem seja no 8º ano do Ensino Fundamental ou no 2º ano do Ensino Médio, pergunto aos meus alunos(as) se eles(as) conhecem a história dos personagens que dão nome a escola onde estudam. Como dito anteriormente, no geral os(as) alunos(as) desconhecem, muito embora demonstrem interesse em saber mais sobre o tema, conforme será possível observar em dados que gerei durante a pesquisa dessa dissertação. Cabe destacar que a história do movimento cabano ganhou espaço não somente na historiografia, mas em documentos oficiais que regem o ensino de história, entre eles a Base Comum Curricular (BNCC). Tal questão me levou a um segundo problema, investigar o currículo do Ensino Fundamental e as diretrizes do plano de ensino das disciplinas Estudos Amazônicos e História da Secretaria Municipal de Educação do Acará. Nas documentações sobre as orientações do Plano de Ensino para o ano de 2015, sugerem de forma muito generalista o estudo das rebeliões no período regencial em termos de conteúdo a serem trabalhados no 8º Ano. Os objetivos de

aprendizagem, para esse objeto de estudo, focam apenas a comparação das principais características das revoltas que ocorreram no período.

Sobre os problemas que sugeri diversas questões estão postas, entre elas destaco a relevância que é dada a Cabanagem tanto em termos de escrita da história, quanto ao próprio ensino de história sobre o tema. Nos últimos 30 anos o campo da historiografia reposicionou a história do movimento, retirando-o de um lugar de subalternidade e dando relevância histórica e política. O mesmo ocorreu no campo do ensino de história, afinal, se no final dos anos 1980 a Cabanagem era apenas um tema de história regional, estudos amazônicos, ou estudos paraenses, atualmente a mesma ganha destaque em obras didáticas de história. A Cabanagem não é mais escrita em balões explicativos, ou pequenos textos generalizantes. A Cabanagem está conectada a história do Brasil e a história global do oitocentos.

Analisar a história da Cabanagem sob a perspectiva do ensino de história vem sendo um grande desafio. Após minha aprovação no PPGEH/UFPA, compreendi que a educação histórica é uma tarefa complexa e que envolve não apenas o refinamento do olhar em relação ao que tange a consciência histórica. Compreender as dinâmicas que compõem a tecitura das experiências históricas ensinadas dentro e fora da sala de aula e, as dinâmicas de construção do sentido nas relações entre linguagem e narrativa, também é tarefa a ser enfrentada.

A narrativa histórica pode ser vista e descrita como essa operação mental constitutiva. Com ela, particularidade e processualidade da consciência da história podem ser explicadas didaticamente e constituídas como uma determinada construção de sentido sobre a experiência do tempo através da narrativa histórica, na qual as competências para tal narrativa surgem e se desenvolvem. (Rüsen, 2001, p. 43)

Desse refinamento de olhar partem outros problemas importantes e que perfazem a concepção da metodologia que empregamos nesta dissertação¹. Ao projetar Cabanos do Acará nos perguntamos se seria possível discutir sobre os usos do passado e sobre a memória social da Cabanagem no ensino de história. Questionamos se é possível que a memória de moradores(as) de comunidades no interior do Acará seja utilizada como base para um projeto de ensino sobre a história da Cabanagem no município? Seria possível envolver a escola e, sobretudo, os(as) alunos(as) na gravação de entrevistas com moradores(as) dessas localidades? Quais serão as histórias e memórias possíveis nesse sentido?

¹ Considero que esta dissertação é resultado de um trabalho em equipe. Ela apresenta ao público leitor a escrita de um professor de história da rede pública de ensino no Pará, mas também revela muito da condução do meu orientador e sua experiência no campo da história pública, assim como a atuação técnica da equipe contratada para o desenvolvimento do website e do trabalho de edição de vídeos. Essa dissertação e suas questões, portanto, são plurais e o produto é uma cocriação à muitas mãos.

Um segundo eixo que consideramos importante são os lugares de memória da Cabanagem no Acará. Como disse anteriormente, a região do Acará foi um dos palcos dessa história, mas onde estão esses lugares? O que restou da Cabanagem? Será possível mapear tais espaços e construir verbetes com informações sobre esses lugares? É possível, nesse caso, envolver não somente a comunidade escolar, mas as comunidades que abrigam esses lugares como um todo?

História, memória, patrimônio histórico e ensino de história caminharão de mãos dadas com os campos da história pública e da história local neste projeto. Pretendo, ao final do processo de pesquisa adentrar, como disse anteriormente, na linguagem dos *websites* e das mídias sociais, envolvendo diretamente os(as) alunos(as) das escolas que são *locus* da pesquisa em tais atividades. O objetivo é apresentar um produto que possa envolver os(as) alunos(as) nas metodologias ativas que utilizaremos, a fim de ampliar a bagagem de conhecimento deles(as) e a suas consciências históricas em relação a história da Cabanagem no Acará.

A perspectiva aqui adotada é que tanto aquilo que o professor apresenta e ensina na sala de aula de história quanto o que o aluno compreende e aprende fazem parte da interação pela linguagem que é constitutiva da aula e do conhecimento histórico escolar. Também considero que toda enunciação ao constituir conhecimento, irradia valor positivo ou negativo acerca dele a partir do que é considerado importante pelos(as) professores(as) e alunos(as), do que faz sentido para eles. (Rocha, 2009, p. 84)

Sobre a questão levantada por Rocha (2009), é incontornável não mencionar os trabalhos de Jorn Rüsen, em especial no que se refere a escrita de uma teoria da história circular. Através dela, o ponto de partida do percurso de análise se inicia pelos interesses que se apresentam como carências de orientações presentes na vida dos homens e das mulheres. Esses interesses se orientam a partir de balizas temporais localizadas no passado e onde o presente projeta expectativas de futuro.

A abordagem de Rüsen é também compartilhada por autores como Reinhart Koselleck (2006) e François Hartog (2014). Tais autores compartilham da ideia da existência de estratos do tempo e regimes de historicidade os quais dialogam, em certa medida, com a existência de demandas sociais de tempo presente. Sobre tais demandas, Marieta de Moraes Ferreira os definiu como “um período móvel que se desloca com o desaparecimento progressivo das testemunhas.” (Ferreira, 2012).

É interessante que a abordagem teórica dos autores aparece refletida em minha prática docente. A todo momento durante esses anos de magistério, percebi haver uma carência de orientação na sala de aula sobre o que se refere a alcance da história no sentido de debater a

identidade e a memória dos sujeitos nas comunidades onde trabalho. Essa dissertação se insere nesse contexto, pois se propõe trabalhar um tema pouco compreendido e mobilizado pelos membros dessas comunidades, qual seja, o movimento da Cabanagem como uma revolução amazônica (Souza Junior, 2022).

Como sabemos, a Cabanagem foi um momento privilegiado de explosão da insatisfação das camadas populares do Grão-Pará que reunidas conquistaram o poder. Considerada a mais importante rebelião popular da história do Brasil, atualmente a historiografia sobre o tema defende a existência de “Cabanagens”. As múltiplas faces desse movimento dizem respeito a participação de diferentes grupos sociais compostos por grandes proprietários(as), roceiros(as), indígenas, negros(as), mestiços(as) e homens e mulheres brancos(as) pobres. A luta desses sujeitos que compuseram o movimento cabano nos fala, no tempo presente, sobre os inúmeros projetos e interesses no seu interior, sobre como o movimento se tornou plural e como ganhou dimensões que vão para além do que ocorreu na província do Grão-Pará, atingindo conexões revolucionárias regionais, nacionais e internacionais, conforme já mencionado anteriormente.

Como disse, o atual município do Acará possui muitos locais de memória em torno da história da Cabanagem. No entanto, apesar de ter sido um importante lugar para a história do movimento, o município não possui nenhuma política de memória que reúna, retrate ou divulgue a memória da Cabanagem. Tal questão por si só atravessa os problemas acima descritos. Tendo por base tal questão, apresento como produto desta dissertação o *website* Cabanos do Acará, como proposta de produção de programas de mídia, onde estarão reunidas a proposta do projeto piloto a ser apresentado ao PPGEH/UFPA quando de sua defesa.

Sabemos que a manutenção de um *website* demanda investimento e conhecimentos técnicos. Tais investimentos vão para além do que é possível alcançar em uma dissertação de mestrado. Almejo com este produto contribuir para o aperfeiçoamento da consciência histórica dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as) nesse trabalho. Para Rüsen (2001), esse processo é a soma das operações mentais com as quais os homens e mulheres interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo. A consciência histórica tem a função de estabelecer uma “fusão” entre passado, presente e futuro. Dependendo das contingências, é preciso construir uma nova interpretação do passado para se fazer uma projeção para o futuro, onde o(a) aluno(a) ou membro da comunidade consiga se orientar melhor no tempo, já que o ambiente virtual proporciona um amplo acesso aos múltiplos sujeitos.

Do ponto de vista metodológico podemos afirmar que o ponto alto desta dissertação é a divulgação de entrevistas feitas com as professoras Kátia Cristina Almeida Carneiro Oliveira

e Daise Souza da Cunha. Conforme poderemos ver nas seções seguintes, as entrevistas tem por base a metodologia da história oral da qual a história pública é tributária. À medida em que fomos construindo o *website* Cabanos do Acará o diálogo com outras metodologias e ferramentas de ensino foram a ele sendo integradas. Assim encaixamos em nosso produto meios de estabelecer interações com nosso público alvo, estudantes da rede pública de ensino, como é o caso do que chamamos de *Verbetes de Memória*, ferramenta que integra a metodologia das humanidades digitais a um produto voltado para o ensino de história.

Por fim, é importante falar sobre as questões de viabilidade e da relevância acadêmica e social da investigação. Sobre a viabilidade avaliamos que a manutenção do *website* exige investimento para a sua manutenção, pois em sua etapa de instalação foram investidos cerca de R\$5.000,00 entre desenvolvimento, edição de vídeo e manutenção dos 12 primeiros meses da página na internet. Do ponto de vista da relevância acadêmica e social da investigação, acreditamos que já justificamos a importância dessa dissertação e do produto dela decorrente, pois permite um olhar não somente sobre a história da Cabanagem no Acará, mas, sobretudo, como essa história acessa o tempo presente e como podemos estabelecer importantes vínculos entre esses processos e o ensino de história com a participação ativa da comunidade nesse percurso.

Contribuir com o processo de educação histórica de alunos(as) da rede pública de ensino do Acará-Pará a partir da construção de *website* que organize, na forma de um percurso de histórias e memórias da Cabanagem no município do Acará é uma meta desta dissertação que também teve como pautas: a realização de entrevistas com moradores(as) das comunidades visando o registro de histórias e memórias da Cabanagem na região; o levantamento de lugares de memória, prédios públicos e patrimônios históricos do município que tem suas histórias associadas ao movimento cabano no município; o registro fotográfico dos lugares de memória da Cabanagem no Acará e do cotidiano da cidade e ideias que surgiram de última hora, tais como, a criação de verbetes que poderão ser escritos a partir de pesquisas realizadas com alunos(as) envolvidos no projeto.

As seções a seguir foram estruturadas levando em consideração dois importantes momentos desta dissertação. Na segunda seção é apresentado texto aprovado no contexto da qualificação, em formato autobiográfico e que reflete sobre as memórias da minha aprendizagem histórica sobre o tema da Cabanagem. Nela constam três subseções que abordam respectivamente minhas memórias sobre o ensino de história e a Cabanagem entre as décadas de 1980/1990; O que vi e vivi durante a minha graduação em história nos anos 2000, momento no qual a escrita da história da Cabanagem ganhou espaço na historiografia nacional e uma

síntese das leituras que considerei importantes para a elaboração de um projeto de ensino de história sobre a Cabanagem no Acará. A terceira é última seção aborda o segundo momento dessa dissertação que ocorreu entre agosto 2023 e fevereiro de 2024 e que trata do processo de construção do *website* Cabanos do Acará. Ela possui sete subseções que partem de dados sobre o que os(as) alunos(as) da rede pública de ensino do Acará sabem sobre Cabanagem e avança em direção a uma discussão sobre história pública, sobre como projetamos o produto, porque escolhemos o formato *website*, como construímos esse *website*, como podemos dialogar com os temas das humanidades digitais e cultura *maker* para, enfim, chegarmos à descrição do produto.

2. COMO APRENDI CABANAGEM? REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, APRENDIZAGEM HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA ENTRE OS ANOS 1980-2000.

Nos anos 1990 a disciplina história ainda convivia com resquícios daquilo que foi ensinado nos tempos da Ditadura Militar que havia se encerrado em 1985. Nesta mesma época, se discutia o futuro da educação no Brasil, na esfera federal, e, no âmbito da Associação Nacional de História (Anpuh), o debate era sobre o que se ensinar em história. História, Estudos Sociais, Estudos Amazônicos ou mesmo Estudos Paraenses eram as disciplinas que introduziam os(as) alunos(as), daquela geração, ao campo das humanidades e, desde ali, se tinha uma preocupação em falar sobre a importância do movimento cabano para a história do Pará e do Brasil.

Certamente a primeira vez que ouvi falar sobre a história da Cabanagem foi em alguma aula de Estudos Amazônicos, quando estudei na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Stellina Valmont, entre os anos 1980 e 1990. Nesta época, ainda não havia a distribuição gratuita de livros didáticos e sempre éramos direcionados por nossos(as) professores(as) a realizar a busca de obras nas bibliotecas da escola e, particularmente, na Biblioteca Pública do Centur. A obra de referência nos anos 1980 era *História geral de Belém e do Grão Pará* de Carlos Roque (2001) e, nos anos 1990, a coleção “História do Pará: das primeiras populações à Cabanagem” de Gerard Proust (1998).

Início esta seção falando sobre como a minha história se conectou a história da Cabanagem, pois o meu trabalho dissertará sobre como a história desse movimento pode ser apropriada por alunos(as) das escolas da rede pública de ensino no município do Acará, região do Baixo Tocantins. A história desta região está intimamente ligada à história da Cabanagem, possui diversos lugares de memórias, prédios públicos e uma população cujos sobrenomes fazem alusão aos nomes de grandes líderes cabanos. Apesar de tudo isso, pouco ou quase nada foi feito no sentido de evidenciar as histórias e memórias cabanas no município.

Falo nesta seção sobre como aprendi a história da Cabanagem ao longo da minha vida e qual a bagagem que trago em relação a esse tema. O objetivo é o de refletir sobre a minha história e a minha prática docente, na chave professor(a)-pesquisador(a)-professor(a), tema amplamente discutido no PPGEH/UFPA e, para isso, a seção está dividida em três subseções conforme destacado na introdução.

2.1. Como aprendi Cabanagem? Memórias sobre o ensino de história nos anos 1980/1990.

Ao longo da primeira etapa do Mestrado Profissional em Ensino de História no campus universitário da Universidade Federal do Pará, em Ananindeua, aprendemos sobre a importância de nos compreendermos como professores(as) e pesquisadores(as), como nossas práticas devem ser estudadas, pesquisadas, escritas e divulgadas. Segundo a lógica debatida nas aulas de metodologia da pesquisa em ensino de história e na linha de pesquisa de linguagens, narrativas e difusão, analisar nossa história como docentes e nossas práticas em sala de aula é uma parte importante do processo da pesquisa no ensino história.

É com base nesses pressupostos que inicio esta subseção refletindo sobre as memórias que tenho sobre como aprendi a respeito da história da Cabanagem ao longo da minha trajetória de vida. Rememorar como esse assunto se mostrou para mim é importante, pois ele confere sentido as linguagens e narrativas que pretendo apresentar como produto desse trabalho. Nesse primeiro momento buscarei cruzar as memórias que tenho do meu processo de aprendizagem na escola básica entre os anos de 1980 e 1990, com histórias relacionadas as comemorações do sesquicentenário da Cabanagem, as apropriações políticas da história do movimento e, por fim, com uma bibliografia que se dedica a estudar a história do ensino de Estudos Amazônicos como objetos de seus estudos.

Nasci no ano de 1979, momento no qual o Brasil vivia o processo de abertura lenta e gradual da ditadura militar que foi concluído apenas no ano de 1985. Cresci no bairro da Terra Firme, periferia de Belém e ao longo de minha vida escolar atravessei todos os problemas que uma família da periferia possa sofrer. Fui criado em uma moradia precária coberta por palha, sofrendo forte insegurança alimentar, por uma mãe semianalfabeta e um pai alcoólatra. Iniciei meus estudos no ano de 1987, quando tinha entre 07 e 08 anos de idade, na EMEF Maria Stellina Valmont, localizada na Passagem Vitória, bairro da Terra Firme. Naquela época iniciei meus estudos na 1ª série sem ter sido devidamente alfabetizado. Concluí a 4ª série no ano de 1993, com 13 anos de idade, tendo me evadido da escola várias vezes e pelos mais diversos motivos.

Apesar das tantas dificuldades e, mesmo sem saber, fiz parte de uma geração de transição de alunos(as) da escola básica. Ao final da ditadura militar, em 1985, várias questões estavam postas. Educadores(as) no Brasil inteiro se mobilizaram em torno das discussões sobre o futuro da educação no Brasil, da escola como vetor de transformações sociais e como lugar de uma formação cidadã. No campo do ensino de história, desde os anos 1980, já se debatia a importância de consolidar a disciplina dentro de uma perspectiva crítica, reflexiva e onde os(as)

cidadãos tomassem consciência da importância da democracia e da cidadania. A escola era o elo e as aulas de história o canal por meio do qual tais mudanças se concretizariam.

Um dos grandes desafios daquela década, lembro, era a questão da alfabetização. Para se ter uma ideia, boa parte dos meus problemas escolares foram decorrentes do fato de não ter sido alfabetizado no tempo certo. Apenas no ano de 1989 foi que minha mãe, mesmo sendo semianalfabeta, conseguiu me alfabetizar em casa, permitindo que eu conseguisse avançar nos meus estudos. Hoje sabemos que boa parte das políticas educacionais da década de 1990 foram voltadas para a erradicação do analfabetismo. Paulo Freire, nessa época, falava da importância não somente da alfabetização para o manejo da língua, mas, especialmente da alfabetização para a vida, para a leitura do mundo. Em um de seus textos, Freire reflete sobre sua prática para afirmar que:

Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos, projetávamos levar a termo uma alfabetização direta, ligada realmente à democratização da cultura [...] pensávamos numa alfabetização que fosse ao mesmo tempo um ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores; uma alfabetização na qual o homem, que não é passivo nem objeto, desenvolvesse a atividade e a vivacidade da invenção e da reinvenção, características dos estados de procura. (Freire, 1980, p. 41).

Paulo Freire criticava métodos de alfabetização mecanicistas, que ensinam somente a ler e escrever. Segundo o método desenvolvido por ele, além da leitura e da escrita, deve-se ter preocupação com a realidade social do sujeito. Hoje percebo que me encaixava nessa lógica, na medida em que, a teoria desenvolvida por Freire me via como sujeito em formação pelo entorno e pelo todo e não como um ignorante, como pressupunham algumas das minhas professoras e mesmo dirigentes da escola onde estudei. Dentro desse contexto fui capaz de perceber que à medida que a democracia avançava, as escolas mudavam e, dos bancos das minhas salas de aulas na periferia de Belém, fui percebendo a importância de uma educação crítica e que me fizesse refletir sobre a minha realidade como sujeito da minha própria história.

O bairro da Terra Firme, onde cresci, é o mais populoso da cidade de Belém e tem boa parte da sua história associada a problemas de moradia precária, insegurança alimentar e questões relacionadas à segurança pública. Sobre esse último fator é interessante lembrar o caso da chacina de 11 pessoas no bairro, entre os dias 04 e 05 de novembro de 2014, após a morte do cabo PM Pety. Esse triste episódio ganhou repercussão nacional e levou a Assembleia Legislativa do Estado do Pará a abrir a CPI dos Grupos de Extermínio para apurar o caso da chacina.

Se de um lado convivi com um cenário de extrema violência de outro posso falar também de como cresci aprendendo sobre resistência na periferia. A juventude da Terra Firme

sempre teve acesso a diversos coletivos culturais. O Coletivo Casa Preta, grupos de folclore, grupos de esporte, rap e a própria ação da igreja católica no bairro são exemplos de espaços por onde a juventude tinha acesso a um conhecimento que estava além daquilo que aprendíamos na escola. Era o conhecimento produzido pela comunidade e para a comunidade. Em sua dissertação de mestrado, Edivânia Santos Alves analisa a história da luta pela moradia no bairro da Terra Firme, entre 1979 e 1994, e corrobora as memórias que tenho desse mesmo período.

O burburinho das agitações na Terra Firme, suscitou a necessidade de organização dos seus moradores numa dimensão para além das lutas e mobilizações de caráter político, vivenciadas dentro e fora das entidades (centros comunitários, associações de moradores, grupos de mulheres, de jovens e pastorais ligados à Igreja Católica, grupos culturais, bois bumbás, quadrilhas juninas, teatro, grupos esportivos e times de futebol) que emergiram ao centro da cena por protagonizarem isolada ou coletivamente ações político-sociais. Assim, o dia a dia tecia-se paralelamente, marcado por referências como o lugar de origem destes moradores, além de sua própria condição de ocupantes de terras em litígio.

Em termos da ação política popular, as estratégias escolhidas por estes sujeitos para tornar possível sua convivência, tentando torná-la pacífica e agradável, se dava por meio da improvisação de atividades esportivas, de lazer e religiosas, como recursos de integração entre os comunitários, para buscar garantir sua unidade e o estabelecimento de um sentimento de pertencimento com relação ao lugar ocupado. (Alves, 2010, p.89)

Certamente, a primeira vez que ouvi falar sobre a Cabanagem, deve ter sido em alguma reportagem sobre a inauguração do Memorial da Cabanagem. A obra de 15 metros de altura por 20 de comprimento, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, a pedido do então governador do Pará Jader Barbalho, foi inaugurada em 07 de janeiro de 1985 e fazia parte das homenagens de comemoração do sesquicentenário do movimento. Acontece que em 1985 eu ainda era muito criança para entender o que aquilo representava e é possível que a memória que eu tenha sobre esse evento tenha sido adquirida sem mesmo a ter vivido.

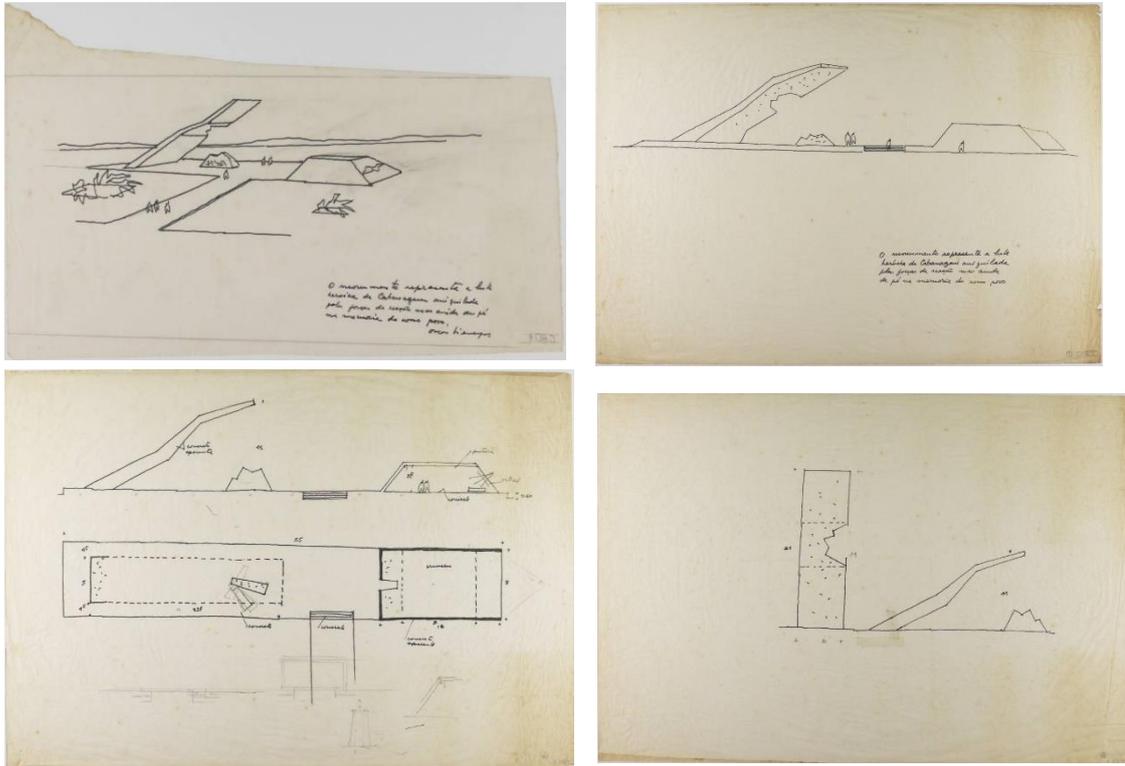
Figura 1: Memorial da Cabanagem – Anos 1980



Fonte: Acervo pessoal de Paulo Bordallo

Ao visitar o *website* da Fundação Oscar Niemeyer para realizar pesquisas sobre o monumento me deparei com a imagem acima e com os rascunhos do arquiteto. Um fato me chamou a atenção quando vi tais rascunhos e suas anotações. Durante as aulas da disciplina da linha de pesquisa de linguagens, narrativas e difusão, discutimos sobre a importância dos usos da memória e os usos do passado no processo de construção do sentido e da consciência histórica. Como disse anteriormente, nos anos 1980 ainda estava saindo da primeira infância e não tenho como recordar exatamente o fato, entretanto, ao estar diante dos rascunhos, pude quase que reviver esse momento. Através das fontes e em função de uma forte memória coletiva que compartilho pude, de alguma forma conectar minhas memórias individuais à inauguração do monumento.

Figura 2: Rascunhos de Oscar Niemeyer - Memorial da Cabanagem



Fonte: <https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro265>

No *website* da fundação segue a seguinte descrição "O monumento representa a luta heroica da Cabanagem aniquilada pelas forças da reação, mas ainda de pé na memória do nosso povo". Ainda é ressaltado que o memorial foi inaugurado em 7 de janeiro de 1985 em homenagem ao sesquicentenário do movimento nativista da cabanagem (1835) no Pará e que o projeto compreende também um Museu onde há documentos referentes ao movimento e cinco criptas com restos mortais dos principais líderes cabanos².

Vendo a fotografia, os rascunhos e a descrição das imagens no site lembrei o debate sobre a memória coletiva na obra de Maurice Halbwachs (1990), nas aulas da linha de pesquisa. Ao analisar a lembrança individual como limite das interferências coletivas, o autor destaca que acontece com muita frequência que nós atribuímos memórias a nós mesmos, acreditando que ideias, reflexões, sentimentos e paixões têm origem em nós mesmos e não em nosso grupo.

Quantas vezes exprimimos então, como uma convicção que parece todo pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem a nossa maneira de ver que nos espantaríamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós. "Já tínhamos pensado nisso": nós não percebemos que não somos senão um eco. (Halbwachs, 1990, p. 47)

² NIEMEYER, Oscar.[Memorial da Cabanagem].s.d. Fundação Oscar Niemeyer. Coleção Oscar Niemeyer. Disponível em: <https://www.oscarniemeyer.org.br/obra/pro265>. Acesso em: 22/01/2023.

A questão que me fiz, diante desses documentos disponibilizados no site da Fundação Oscar Niemeyer, diz respeito ao fenômeno descrito por Halbwachs. Como eu podia saber tanto sobre o monumento e o que ele representa? Como aconteceu o meu aprendizado histórico sobre a Cabanagem? Em que momento a história desse movimento passou a fazer parte da minha vida ao ponto de eu acreditar que a memória que eu tenho sobre o Monumento da Cabanagem é a mesma descrita pelo próprio arquiteto? Certamente o meu processo correspondeu aos modos como a história se apropria de múltiplas linguagens e narrativas para compor o que chamamos de consciência histórica.

De fato, não foi o arquiteto Oscar Niemeyer, nem tampouco o Memorial da Cabanagem que me fizeram saber o pouco que sei sobre essa história, mas sim o fato de que eu cresci na maior periferia de Belém. Quando a descrição diz que o monumento representa a luta heroica da Cabanagem aniquilada pelas forças da reação, mas ainda de pé na memória do nosso povo, não há como não fazer associação direta à minha história, à história do meu bairro e à história de lutas dos movimentos sociais que, em 1995, são tomados pelo espírito cabano que elegeu o petista Edmilson Rodrigues prefeito de Belém.

Em 1995 eu era um adolescente de 16 anos e estava na 5ª série do Ensino Fundamental. Nesse ano, no bairro da Terra Firme os movimentos sociais se articulavam em torno da candidatura de Edmilson Rodrigues. A campanha política associava o candidato ao movimento cabano e a militância agia de tal forma que era impossível não imaginar a dimensão daquele movimento. Imagens de Edmilson Rodrigues, com a camisa da CUT, sendo preso arbitrariamente pelo Exército por ter movido denúncia no TRE contra uma juíza que avalizou uma fraude eleitoral, mandando validar uma urna em que apareceram cerca de 70 votos a mais além do número de eleitores cadastrados, faziam-nos acreditar que estávamos diante de um lutador do povo e que o povo mais uma vez iria tomar o poder da capital. Foi assim o meu primeiro aprendizado sobre a história da Cabanagem, foi assim que aprendi que Belém teve um governo do povo e que mais uma vez estávamos diante da possibilidade de rememorar essa história.

Figura 3: Eleições 1988 - Registro da prisão arbitrária de Edmilson Rodrigues feita pelo Exército



Fonte: <https://somostodosedmilson.blogspot.com/2010/03/edmilson-rodrigues-militante-da-luta.html>

Os dois governos de Edmilson Rodrigues coincidiram com a conclusão dos meus estudos na educação básica e meu ingresso no curso de bacharelado e licenciatura em História na UFPA no ano de 2001. Entre os anos de 1996 e 2002 a cidade viveu o chamado “Governo do Povo”. Senti que a cidade de Belém sofreu um processo de transformação, especialmente na periferia. Desse tempo ficaram registradas em minha memória duas políticas implementadas na gestão do PT de Edmilson Rodrigues. A primeira foi o Orçamento Participativo (OP) que fez políticas públicas chegarem à periferia, integrando lideranças comunitárias à prefeitura da cidade de Belém, a exemplo das obras de macrodrenagem do Igarapé Tucunduba, fiscalizado pelo Conselho Comunitário de Controle Popular – CCPP criado pela prefeitura. A segunda foram as chamadas Escolas Cabanas que via, nesses espaços, a possibilidade de fazer o que se chamou de “Cidade Criança”. Em ambos os casos o que estava posto era o processo de democratização do direito à cidade e do direito à educação. Por todo lado, se falava de governo do povo, governo cabano e obras de pequeno, médio e grande porte tinham seus nomes associados à Cabanagem. Assistir o conceito de democracia sendo associado diretamente ao movimento cabano, me fez ter cada vez mais interesse por esse tema.

Figura 4: Plenária do Orçamento Participativo e inauguração da Escola Cabana Cordolina Fontenelles



Fonte: <https://psol50.org.br/governo-do-povo-conheca-a-experiencia-que-vai-inspirar-o-novo-governo-de-edmilson-rodrigues-em-belem/>

Foi no final dos anos 1990 que tive minha primeira aula sobre a história da Cabanagem no Pará. É importante lembrar que naquela época não havia tantas obras de referências quanto hoje e havia também uma certa confusão sobre o que de fato estávamos estudando. Não sabíamos se era História do Pará, Estudos Sociais do Pará ou Estudos Amazônicos. Em sua tese de doutorado, Geraldo Magella de Menezes Neto analisa o processo que vai da transformação da disciplina de História do Pará ao surgimento dos Estudos Amazônicos. Para ele, com o processo de abertura política nos anos 1980, há uma organização dos movimentos sociais, sindicatos de professores(as) e associações profissionais, havendo assim mais espaços de debate e questionamentos às disciplinas impostas pela Ditadura, como Educação Moral e Cívica e Estudos Sociais, com o objetivo de apagar a herança autoritária na educação. Para o caso do Pará, Menezes Neto (2020) afirma que:

Em encontros organizados pela Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC) e pela Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC) os(as) professores(as) da educação básica se posicionaram e mostraram as suas demandas, principalmente da necessidade de livros didáticos voltados para a realidade regional. E livros atualizados, pois, como vimos, os produzidos por Dionísio Hage eram do início da década de 1970 e remontavam aos valores da Ditadura.

Dessas demandas dos(as) professores(as) da educação básica, surgem alguns livros didáticos de História regional, e no final da década de 1990, uma nova disciplina na tentativa de entender a Amazônia de forma mais abrangente: os Estudos Amazônicos. (Menezes Neto, 2020, p. 145)

Davison Hugo Rocha Alves, que possui uma vasta produção sobre a história da disciplina Estudos Amazônicos, destaca que os debates na Secretaria de Educação do Estado do Pará e a elaboração da disciplina Estudos Amazônicos, começaram a ser discutidos em 1987. Nesse ano, a secretaria organizou um evento em Belém voltado para os(as) professores(as) da

rede estadual. Nesse encontro os(as) professores(as) ressentiam-se da falta de material didático, que dialogasse com temas amazônicos e sobre a importância de construir novos caminhos para a história regional criando não somente textos didáticos, mas também uma disciplina vocacionada a compreender a realidade atual da região amazônica.

Em que pesem as questões que dizem respeito a história da disciplina Estudos Amazônicos, cabe a mim relatar o olhar sobre o que ocorria do ponto de vista de quem estava no banco da escola. Para mim, o que marca a história dessa disciplina são as pesquisas na Biblioteca Pública Arthur Viana do Centur. Como nos anos 1990 ainda não havia a universalização da distribuição de livros didáticos, nós, alunos(as), íamos em busca das obras indicadas pelos(as) professores(as), que na maioria das vezes tinham formação em Ciências Sociais ou apenas o curso de magistério. É curioso lembrar que essas pesquisas nos permitiam sair da periferia e visitar o centro de Belém, circular nesses espaços, conhecer alunos(as) de outras escolas, trocar experiências. Íamos ao Centur com nossa equipe fazer tais pesquisas e lá tínhamos acesso ao cinema, a gibiteca, as salas de áudio visual, lembro que a fundação oferecia cursos e isso foi muito importante para a minha formação e para muitos(as) da minha geração.

Figura 5: Interior da Biblioteca do Centur (S/D)

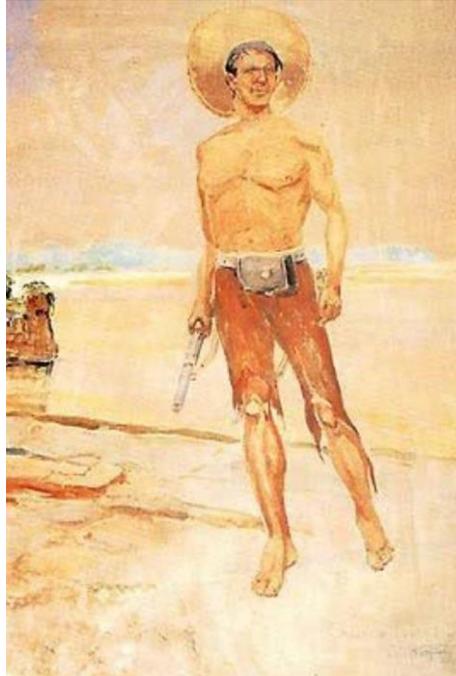


Fonte: Diretoria de Leitura e Informação - Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Nesse final dos anos 1990, quando eu ainda estava terminando meu ensino fundamental na Escola Maria Stellina Valmont o tema mais requisitado pelos(as) professores(as) da disciplina de Estudos Amazônicos era justamente a história da Cabanagem. Tenho nítida a

memória da formação das equipes para a apresentação de seminários. As fases da Cabanagem, a história dos seus líderes e a aquarela de Alfredo Norfini que retrata o Cabano Paraense. Essas eram as principais referências que tínhamos para compor nossos cartazes e as falas que dividíamos entre nós, após fazer a cópia dos livros no Centur.

Figura 6: Cabano Paraense



Fonte: Alfredo Norfini, 1940. Aquarela, 97,3 x 69 cm - Acervo do Museu de Arte de Belém.

As obras que tínhamos acesso no Centur eram divididas em duas partes. A primeira delas faz parte da seção de obras raras, onde se tinha acesso a coleção *Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*, de Domingos Antonio Raiol, *Noções de História do Pará*, de Ernesto Cruz ou mesmo as *Apostilas de História do Pará*, de Theodoro Braga. A segunda era a que estudantes do ensino básico frequentavam, nela tínhamos acesso a obras como *Estudos Paraenses*, de Dionísio Hage, *Estudos Sociais do Pará*, de Dionísio Hage, Léa Ceres da Rocha Matos e Lydio Lima Filho, *História do Pará: Amazônia, volume 1*, da SEMEC, *Estudos e problemas amazônicos: história social e econômica e temas especiais*, da SEDUC/IDESP e no final dos anos 1990 as obras *História do Pará: das primeiras populações à Cabanagem*, volume I, de Gerard Prost e *História do Pará: do período da borracha aos dias atuais*, volume II, também de Gerard Prost.

Figura 7: Capas dos livros indicados para pesquisas sobre Cabanagem nos anos 1990



Fonte: Geraldo Magella de Menezes Neto.

Se eu fosse capaz de relembrar como apresentávamos nossos seminários sobre a história da Cabanagem no Pará eu certamente falaria que dividíamos o trabalho em três momentos. O primeiro, seria falando sobre o contexto da revolta que aconteceu na província do Grão-Pará entre 1835 e 1840. O segundo, seria a questão política e econômica envolvendo o governador da província Bernardo Lobo de Souza e o autoritarismo do seu governo. Por fim, destacaria a importância dos líderes do movimento como Félix Clemente Malcher, os irmãos Francisco e Antônio Vinagre e Eduardo Angelim, apontando para o fato de que a Cabanagem foi o único dos movimentos do período regencial onde o povo, representado por indígenas, negros(as) e a camada mais pobre da população, que tomou o poder. Basicamente era isso que apreendíamos das leituras daquela época e o que conseguíamos apresentar num contexto de tantas precariedades no ensino básico dos anos 1990.

Em minhas memórias posso afirmar que convivi com três situações que me fizeram desenvolver um aprendizado histórico sobre a Cabanagem durante a minha formação na escola básica. A primeira delas, o Memorial da Cabanagem inaugurado em 1985 e abandonado pelo

poder público, afinal, poucos anos após a sua inauguração ele já não era utilizado com o objetivo pelo qual ele foi construído, tornando-se abrigo para moradores de rua e alvo de pichações, depredações e acúmulo de lixo (Carmo; Faria Neto, 2015). O segundo, foi a eleição para a Prefeitura Municipal de Belém de 1995 e as duas gestões do petista Edmilson Rodrigues, que me fizeram ter um aprendizado histórico e político sobre a importância do povo no poder e isso associado a história da Cabanagem no Pará. O terceiro, diz respeito a forma como a história da Cabanagem se torna um tema a ser debatido nas salas de aula através da disciplina Estudos Amazônicos, fazendo-nos ter algum repertório sobre o tema e nos ensinando a ler a nossa própria história.

2.2. A escrita da história da Cabanagem e o que vivi nos meus tempos de graduação.

Nos anos 2000 concluí minha formação na educação básica. No primeiro semestre do ano 2000 prestei exame de massa do Departamento de Supletivo da SEDUC e fui aprovado. No segundo semestre desse mesmo ano estudei no cursinho pré-vestibular do Colégio Vera Cruz e, no vestibular desse ano, fui aprovado para o curso de bacharelado e licenciatura em História da UFPA. Entre idas e vindas concluí meu curso de graduação em história entre 2001 e 2008. Durante esses anos trabalhei como agente prisional (2002-2003), policial militar (2005-2009) e em 2008 fui aprovado no concurso para professor(a) de história na SEDUC/PA. Durante a minha graduação fui bolsista de iniciação científica da professora Edilza Joana Oliveira Fontes. Na iniciação científica conheci os(as) professores(as) do curso de história e pude estabelecer vínculos que me permitiram, de alguma forma, poder viver uma das tantas viradas de chave no processo de escrita da história da Cabanagem no Pará.

Nessa época a professora Magda Ricci já era uma referência nos estudos sobre o movimento cabano. Nos anos 1990 ela havia defendido sua tese de doutorado *Assombrações de um padre regente: Diogo Antonio Feijó - 1784-1843*, na Universidade Estadual de Campinas. Esse trabalho foi premiado e publicado em livro pela editora da UNICAMP e, para nós que ingressávamos no curso de graduação em história, era uma leitura obrigatória. A professora Magda Ricci, naquele início dos anos 2000, já desenvolvia diversos projetos ligados a história da Cabanagem. Interessante notar que em sua pós-graduação ela se dedicou a biografia de um dos maiores nomes da história do período regencial e, no Pará, ela passou a se debruçar sobre a história dos cabanos, principais opositores de seu biografado.

No Bloco B do campus básico da UFPA só fomos ler sobre a história da Cabanagem nas disciplinas de História do Brasil II e ao final da disciplina de História da Amazônia I.

Naquela época os professores José Maia e Paulo Watrin se revezavam na condução de ambas as disciplinas. Tive a oportunidade de cursar Brasil II com o professor José Maia. Em 2001 ele havia acabado de retornar de seu mestrado na UNICAMP onde defendeu a dissertação: *Fugindo, sempre fugindo: escravidão, fugas escravas e fugitivos no Grão-Pará (1850-1888)*. Para nós era uma oportunidade participar daquelas aulas, mas o que de fato chamava a atenção era a conexão que havia entre os(as) professores(as) daquela geração. José Maia, Paulo Watrin e Magda Ricci ampliavam o repertório teórico e metodológico e de pesquisa sobre a história do oitocentos na região amazônica.

Nessa mesma época a professora Edilza Joana Oliveira Fontes atuava em uma espécie de linha de frente do curso de história. Sob a sua coordenação diversos professores(as) da casa saíram para a pós-graduação. Ela havia sido presidente da ANPUH/PA, quando a entidade ganhou visibilidade e trouxe o professor Carlos Ginzburg para a Conferência de Abertura do Simpósio Regional de História em Belém de 2004. Nessa época foi construído com recursos arrecadados pelos(as) professores(as) do curso, o Laboratório de História e também foi implementado o Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST), projetos nos quais ela exerceu forte protagonismo. No ano de 2002, sob sua coordenação, foi publicada a coleção, *Contando a história do Pará*. Como disse anteriormente, fui bolsista de pesquisa da professora Edilza Fontes e, fez parte do meu aprendizado histórico, estar com ela quando o curso de história ganhou relevância acadêmica e política dentro da UFPA. Em diversas situações ouvi artigos serem projetados, assisti orientações de trabalhos de conclusão de curso, organizei eventos, participei de reuniões com os(as) professores(as) do curso e passei a ser inserido nesse ambiente de forte circulação de ideias. Para além das aulas na graduação, tive uma oportunidade ímpar de conviver com aqueles que escreviam a história da Amazônia em um tempo de ebulição dessas histórias.

No Volume II da Coleção *Contando a História do Pará*, por exemplo, há um artigo de Magda Ricci intitulado “Do patriotismo à revolução: história da Cabanagem na Amazônia”. Esse e outros artigos foram apresentados a alunos(as) da graduação da minha geração pelos(as) próprios(as) autores(as). A divulgação científica dos textos publicados por professores(as) do curso de história era uma das maiores preocupações daquela época. Havia um duplo interesse em fazer com que os(as) alunos(as) da graduação consumissem essas produções. O primeiro deles dizia respeito ao conhecimento que ia sendo compartilhado para além do que era projetado para a graduação em seu currículo. O segundo era despertar nos(as) alunos(as) o interesse pela pesquisa, levando-os(as) a se integrar aos projetos desenvolvidos por aqueles(as) professores(as).

No mesmo ano de 2002 foi publicada a coletânea de artigos: *Terra Madura: historiografia e história social da Amazônia*, organizada pelos professores José Maia Bezerra Neto e Décio de Alencar Guzmán. O título da obra era uma crítica ao livro *Terra imatura*, de Alfredo Ladislau publicado em 1923. Terra Madura foi, para a minha geração (e futuras gerações), uma das maiores referências no campo da historiografia da Amazônia. Assisti de perto a concepção da obra e, no curso de História do Brasil II, li com a minha turma o artigo “O Império lê a Colônia: um barão e a história da civilização na Amazônia”, assinado por Magda Ricci. Lembro que o debate se estabeleceu em torno do fato de que a história da Amazônia, no período imperial, deveria deixar de ser lida dentro de uma perspectiva marginal. O professor José Maia explicava sobre as relações de centro e periferia dentro da historiografia brasileira que naquela época já era sudestino centrada. Para ele, era importante que compreendêssemos a centralidade da Amazônia num contexto mais amplos, sobretudo, era importante entender a Cabanagem como o lugar onde pessoas e ideias circulavam no Grão-Pará, nas fronteiras da Amazônia internacional e no território brasileiro. Não se tratava de uma história regional ou local, para ele, a Cabanagem marcava a presença da região amazônica no mundo oitocentista.

No ano de 2003, foi publicada a coletânea de artigos: *Os senhores dos rios. Amazônia, margens e história*, organizada por Mary Del Priore e Flávio Gomes. Na época Mary Del Priore era professora da UNICAMP e Flávio Gomes, que havia sido professor do curso de história na UFPA, era professor da UFRJ. Os senhores dos rios foi outra grande referência no campo da historiografia amazônica, pois reuniu artigos de diversos professores(as) da UFPA sob a batuta de duas das maiores referências da historiografia nacional. Nessa coletânea, Magda Ricci assina o artigo “O fim do Grão-Pará e o nascimento do Brasil: movimentos sociais, levantes e deserções no alvorecer do novo Império (1808-1840)”. O artigo foi analisado pelos organizadores da obra em uma mesa redonda oferecida à comunidade acadêmica no Auditório Setorial Básico II. Mary del Priore e Flávio Gomes discorreram por horas sobre a importância da Amazônia na história do Brasil e teceram fortes críticas sobre a relação de centro, periferia e margens da história, fazendo alusão ao fato de que os “senhores dos rios” da história do Brasil, naquele contexto, estavam na região amazônica. Lembro que nessa palestra o professor Flávio Gomes, profundo conhecedor dos arquivos do estado do Pará, destacou que o Arquivo Público do Pará era o segundo maior do Brasil. Sobre esse tema há controvérsias, haja vista que o Arquivo Público do Estado de Pernambuco também abriga um dos maiores acervos sobre a história do Brasil.

Ainda sobre meus tempos de graduação, não há como negar a importância das dissertações de mestrado da professora Eliana Ramos Ferreira e do professor Mário Médice Costa Barbosa. Eliana Ramos defendeu a dissertação: *Em tempo cabanal: cidade e mulheres no Pará imperial – primeira metade do século XIX*, no ano de 1999 na PUC de São Paulo. Mário Médice defendeu a dissertação: *O Povo Cabano no Poder: memória, cultura e imprensa em Belém-PA (1982-2004)*, no ano de 2004, também na PUC de São Paulo. Obviamente que não tivemos acesso às dissertações, pois naquela época os repositórios ainda não eram digitais como hoje. Sabíamos apenas que se tratavam de trabalhos que inovavam ao investigar a presença feminina na Cabanagem, seus cotidianos e as múltiplas experiências e graus de envolvimento político com o movimento cabano, no caso de Eliana Ramos. E a análise sobre como líderes políticos como Jader Barbalho, nos anos 1980, e Edmilson Rodrigues, nos anos 1990, se apropriaram da memória do movimento cabano para afirmar seus projetos políticos com a construção de lugares de memória, como foram os casos do Memorial da Cabanagem, no governo de Jader, e a Aldeia Cabana, no governo de Edmilson Rodrigues, no caso de Mário Médice. Era recorrente nos corredores do Bloco B do curso de História da UFPA o comentário de Edmilson Rodrigues construiu em torno de si a ideia de que o seu governo era o legítimo sucessor do governo de Eduardo Angelim.

No fundo, o que sabíamos sobre a história da Cabanagem, no início dos anos 2000 ficava circunscrito muito mais ao burburinho dos corredores do Bloco B. Havia, como disse, um foco muito grande no projeto de pesquisa da professora Magda Ricci e, posteriormente, no ano de 2004 a defesa da dissertação do professor Mário Médice movimentou o imaginário dos graduandos em história daquela geração. Nada era muito aprofundado. Esse cenário muda com a criação do PPHIST, em nível de mestrado, no ano de 2004 e o avanço de pesquisas sobre o século XIX no Pará e na Amazônia.

Finalizo essa subseção falando sobre dois artigos publicados pela professora Magda Ricci nos anos de 2001 e 2008. O primeiro é intitulado “Do sentido aos significados da Cabanagem: percursos historiográficos”, publicado nos *Anais do Arquivo Público do Pará*, em 2001, ano que ingressei no curso de História. Durante muitos anos esse artigo foi uma referência para alunos(as) dos cursos de graduação em história na UFPA. Ele oferece ao leitor a análise de alguns dos mais expressivos estudos historiográficos sobre os “cabanos”, explorando suas problematizações e discussões, desde o século XIX até os dias atuais. No artigo, Ricci tece alguns “marcos” da vasta bibliografia sobre o assunto e demonstra como a história do movimento foi marcada por uma escrita da história que os associava, em um primeiro momento, às condições de violentos, bárbaros, sediciosos, cruéis e, em um segundo momento, como

libertador e revolucionário. O segundo artigo, intitulado “Fronteiras da nação e da revolução: identidades locais e a experiência de ser brasileiro na Amazônia (1820-1840)”, publicado na revista *Boletim Americanista*, em 2008, ano que concluí meu curso de graduação. Curiosamente, li esse artigo durante as disciplinas no mestrado e tive uma orientação sobre ele com o professor Thiago Broni de Mesquita. Pude perceber que os estudos sobre a história as Cabanagem entre 2001 e 2008 deram um salto tanto no campo da produção acadêmica, que se torna mais robusta. Por fim, é importante ressaltar que apesar da alusão a diversos trabalhos produzidos por Ricci, não quero dar a ela a responsabilidade por toda a produção existente sobre o tema da Cabanagem, apenas destaco que foi a produção dela que acompanhei nesse momento da minha vida como leitor leigo e admirador de sua produção.

2.3. Leituras para um projeto de ensino de história da Cabanagem no Acará.

Nos meus tempos de graduação aprendi que todo projeto de pesquisa começa com um levantamento de referências bibliográficas. Boa parte das minhas referências ainda são aquelas da época da graduação. Como grande parte dos discentes do PPGEH/UFGA, eu também estive afastado da academia por um longo período, por isso, muitas das minhas referências ainda são aquelas lidas nos anos 2000 e outras que me foram indicadas nas orientações e na qualificação. Nos anos 2000, no curso de graduação em História, nas disciplinas historiográficas, era comum lermos artigos e textos publicados em coletâneas. Essas coletâneas tinham a finalidade de divulgar uma escrita da história do Brasil dentro de determinados marcos temporais que norteiam a nossa historiografia. Sobre esse tema destaco os casos das coleções *O Brasil Republicano* (2003), *O Brasil Imperial* (2009) e, mais recentemente, *O Brasil Colonial* (2014), bem como a coleção *História da Vida Privada no Brasil* (1998) e os livros *Uma Breve História do Brasil* (2010) e *A Nova História do Brasil* (2012). Tais coleções de livros, coletâneas e obras de síntese são importantes por apresentarem questões importantes que devem ser aprofundadas na historiografia, mas, em especial, por serem um canal de divulgação da produção histórica, de pesquisadores e, também, de “silêncios” e “lacunas” a serem debatidas no campo da história.

Para esta dissertação, optei por fazer um levantamento de referências que pudessem me ajudar a projetar o *website* Cabanos do Acará, produto desta dissertação. Boa parte dos artigos que considere importantes foram produzidos por Magda Ricci, além dos trabalhos de Ana Renata e Mark Harris. Iniciei meu trabalho de leituras a partir do volume II de *O Brasil Imperial*, organizado por Keila Grinberg e Ricardo Salles, que recorta o período de 1831 a 1870. A intenção dos organizadores foi a de pautar temas importantes entre a abdicação de D. Pedro

I, em 1831, e o fim da Guerra do Paraguai, em 1870. Para eles, o volume reflete sobre a formação da nação brasileira para além da tradicional dicotomia entre a “anarquia” do período regencial e “ordem” do segundo reinado. No volume, a história da Cabanagem divide espaço com a história dos movimentos sociais de Pernambuco, a Revolução Farroupilha e a Sabinada.

Na coletânea, Magda Ricci assina o capítulo “Cabanos, patriotismo e identidades: outras histórias de uma revolução”. De modo geral o capítulo sintetiza a produção de Ricci e avança em uma série de questões que foram propostas no artigo, de 2008, “Fronteiras da nação e da revolução: identidades locais e a experiência de ser brasileiro na Amazônia (1820-1840)”. Ambos os artigos são publicados entre 2008 e 2009, período no qual concluí meu curso de graduação em história. Nas linhas a seguir buscarei fazer uma resenha de ambos os artigos e demonstrar como eles são importantes no processo de afirmação da história da Cabanagem dentro de um contexto nacional de produção sobre o oitocentos no Brasil e como eles podem nortear questões que pretendo aprofundar no desenvolvimento do produto dessa dissertação.

No artigo de 2008, Ricci aprofunda questões relativas à escrita da história do movimento cabano e avança ao pautar a historiografia do Brasil afirmando que, naquele período, ainda se lia a Cabanagem como “mais um movimento regional típico do período regencial do Império do Brasil”. Para ela, a Cabanagem se abria dentro de um leque de questões que extrapolavam tal imposição, uma vez que se criou no interior do movimento um sentimento comum de identidade entre povos de etnias e culturas diferentes. A vasta documentação analisada pela pesquisadora versa sobre um sentimento patriótico gestado no interior do movimento e que se interioriza e se internacionaliza naquilo que ela define como uma experiência de “tráfico de ideias”. Em que pese a história do movimento e os sujeitos históricos a ele vinculados, para mim, chama a atenção o fato de Ricci lançar a hipótese de que parte significativa da experiência de classe entre os cabanos teria surgido em sua relação com seus líderes, dentro do processo revolucionário.

A bandeira de luta dos levantados de janeiro resumia-se na morte aos portugueses e aos maçons. Neste primeiro momento, as mortes e as perseguições a estes dois grupos foram pontuais, culminando no assassinato das duas autoridades máximas da Província. Assim, quando Malcher pregava o retorno ao campo e ao trabalho, a massa cabana percebia que esta volta significava uma continuidade em sua condição social. Somente em agosto de 1835, durante o segundo assalto cabano a Belém, e meses após a morte de Malcher, foi que se expandiu a chacina aos inimigos cabanos na capital do Grão-Pará. Meu argumento aqui é o de que houve um aprendizado de luta entre um momento e outro. (Ricci, 2008, p. 13).

O argumento da autora sobre a existência de um aprendizado de luta entre um momento e outro, bem como a hipótese levantada sobre a experiência de classe, vão de encontro às discussões feitas sobre a construção do sentido histórico no ensino de história ao longo das

disciplinas no PPGEH/UFGA. Em diversos momentos compreendemos que a construção do sentido ocorre quando fazemos a leitura a contrapelo da historiografia e construímos narrativas possíveis sobre esse passado, o relacionando constantemente com o ensino de história. Na linha de pesquisa de linguagens e narrativas históricas discutimos sobre quais as responsabilidades do pesquisador na pesquisa participativa. A questão que levanto é sobre a compreensão da história da Cabanagem dentro de uma chave que encadeie historiografia, ensino de história, participação da comunidade do município do Acará e as escolas que serão *locus* da pesquisa. Nesse sentido, tanto hipótese proposta por Ricci, quanto o seu argumento sobre o aprendizado de luta, são elementos que conferem sentido e podem ser o elo entre história e os sujeitos participantes nessa pesquisa.

Avançar em um projeto de ensino cujo fim seja a criação de *website* abordando outras possibilidades para o ensino de história da Cabanagem no Acará é, portanto, falar do aprendizado histórico que podemos ter ao ensinar a história do movimento. Compreender a história dos sujeitos que dão sobrenome a alunos(as), que dão nome a prédios e espaços públicos é colocar as cartas na mesa para os participantes. Falar sobre a história do movimento no município do Acará e construir sentido histórico no ensino, é ampliar a bagagem de conhecimento. Ir de encontro a elementos constitutivos da consciência histórica, estabelecendo ligações entre a identidade pessoal e a compreensão do conjunto social no qual é levar o(a) aluno(a) a ser ver como sujeito dessa história no tempo presente. Conhecer as bandeiras de luta, a experiência de classe e o aprendizado histórico da Cabanagem em um de seus palcos, no interior do Pará, através da proposta que iremos construir ao longo dessa dissertação, é avançar no campo da memória individual e coletiva, é construir narrativas e difundir um dos pressupostos teórico-metodológicos lançados por Ricci, no ano de 2008, qual seja: o fato de que a história da Cabanagem extrapola a ideia de que esse movimento foi apenas “mais um movimento regional típico do período regencial do Império do Brasil”.

Para Rüsen (2006), a consciência é produzida no processo de construção dos sentidos que damos ao mundo da vida. A consciência histórica, ao seu passo, se faz nos modos como moldamos as narrativas históricas do passado e como vamos estabelecendo relações com o presente e projeções futuras. Essa operação histórica é eivada de sentidos que partem do sujeito (e de sua consciência histórica) e se projetam no coletivo. O passado, nesse sentido, é produto das relações e ganha corpo a partir de suas interpretações no presente. Há, nesse processo, portanto, o que o autor define como aprendizado histórico.

O aprendizado histórico é um processo da consciência que se dá entre os dois pontos de referência seguintes. De um lado, um dado objetivo da mudança temporal do

homem e de seu mundo no passado. De outro, um sujeito determinado, uma autocompreensão e uma orientação da vida no tempo. O aprendizado histórico caracteriza-se, pois, como um movimento duplo: algo objetivo torna-se subjetivo, um conteúdo da experiência de ocorrências temporais é apropriado; simultaneamente, um sujeito confronta-se com essa experiência que se objetiva nele (Rüsen, 2007, p. 107).

Retomemos à discussão sobre a escrita da história da Cabanagem, produzida por Ricci, e as possibilidades de diálogos dela com o ensino de história. Conforme dito anteriormente, no ano de 2009, Ricci assina o capítulo “Cabanos, patriotismo e identidades: outras histórias de uma revolução” no volume II de *O Brasil Imperial*. Mais uma vez, Ricci tece uma resenha crítica sobre a historiografia ao rever versões hegemônicas sobre a Cabanagem e, avança no sentido de afirmar as hipóteses lançadas no artigo de 2008. Em sua análise duas questões são importantes para a construção desse trabalho. A primeira, diz respeito ao modo como Ricci posiciona a história do movimento cabano entre a época de Pombal e o período de prosperidade da borracha na Amazônia. Já a segunda, vai de encontro aos modos como a autora confere sentido as conexões internacionais do movimento e estabelece relações importantes sobre o que ela titula de “histórias cabanas e a questão da liberdade”.

Em entrevistas informais realizadas com os(as) professores(as) das escolas onde a pesquisa está sendo desenvolvida, no município do Acará, um dado chama a atenção. Quando perguntados sobre qual ponto da história da Amazônia os colegas conhecem, parte significativa deles rememora a história do ciclo da borracha da Amazônia. Singular, nesse caso, é a falta de conhecimento não somente da história da Cabanagem, mas, especialmente, a questão de que esses(as) professores(as) desconhecem o fato de que o município do Acará foi um importante cenário de luta dentro da história do movimento.

Quando Ricci retoma a época de Pombal, o que estava posto em seu capítulo era o lugar ocupado pela região Amazônica no contexto da virada do século XVIII para o XIX. O Grão-Pará, naquele contexto, seguia em franco crescimento, de modo que o mundo do trabalho, a política de ocupação e a cultura histórica que nele se desenvolvia o colocava em uma situação ímpar dentro da política colonial de Portugal. A emancipação de aldeamentos indígenas, o casamento misto entre europeus com lideranças indígenas, a exportação de cerca de 19% dos produtos remetidos à metrópole, entre 1804 e 1807, atestavam esse fato.

Mercadorias, homens livres, índios e negros de muitas etnias com canoas e rendas entravam e saíam dos sertões de dentro e fora da capitania do Grão-Pará. [...] Negros, índios e brancos entravam e saíam pelos sertões indo até localidades como Santarém. Já nas capitais populosas, como Belém, a vida política fervilhava. É preciso compreender melhor, contudo, como essa vivência se relaciona com acontecimentos e o processo político da corte carioca, mas como também abarca outros problemas e contextos. (Ricci, 2011, p.195).

Quando compreendemos que a possibilidade de fazer história com o público é uma das práticas mais difíceis, certamente tal dificuldade está associada aos modos como operamos escrita da história e os usos do passado. Maria Lima (2014), destaca que desde os anos 1980 há um movimento de renovação no campo do ensino de história. Compreender que aprendemos história dentro da sala de aula, mas, acima de tudo, fora dela é um passo que a atual geração de professores(as) vem galgando no Brasil e, para isso, a mobilização de conceitos como os de cultura histórica, consciência histórica e educação histórica são fundamentais.

A ideia dos conceitos como construções históricas exacerba as práticas historiográficas como práticas políticas, cravadas no tempo, portadoras, portanto, de intenções e inseridas em projetos. [...] a narrativa histórica é mais uma das maneiras de lidar com o tempo em uma sociedade, remetendo, portanto, ao lugar que esse discurso ocupa e às funções sociais que assumiu ao longo do tempo. (Lima, 2014, p. 56)

Dessa forma, se em 2008/2009 as publicações de Ricci demarcavam território em importantes espaços de difusão da escrita da história nacional, trazendo a Cabanagem para o centro da discussão, hoje faz-se necessário trazer tais discussões para a escola e para a sociedade. Faremos tal operação levando em consideração a diversidade de sujeitos referenciados por Ricci no seu capítulo de 2009, que conversam diretamente com o público-alvo dessa dissertação, que são: alunos(as) da educação básica, predominantemente negros(as), de um município da região do Baixo Tocantins paraense, cuja ancestralidade pode estar associada a importantes sujeitos que participaram do movimento cabano no oitocentos. Considero que o exposto nos remete a definição do conceito de aprendizagem, no campo do ensino de história, aponta para a relação entre aprendizagem e linguagem. A linguagem é o signo mais importante do desenvolvimento humano, pois nomeia objetos e fenômenos, organiza e dá funcionalidade ao pensamento.

Verifica-se, assim, que ao longo do tempo o significado do termo *aprendizagem* esteve associado à capacidade humana de adquirir, atribuir sentidos e transformar os conhecimentos existentes em novas e diferentes formas de pensar, comunicar, aprender e viver. Para isso concorreu a multiplicidade de olhares e compreensões sobre o termo, dada, especialmente, pela complexidade das situações que lhe são constituintes. Ideias e práticas de investigação atribuíram ênfases diferenciadas aos aspectos constitutivos das condições humanas de aprender. (Lima, 2019, p.29)

Concebo o processo de aprendizagem na chave de compreensão proposta por Lima (2019), a qual dialoga diretamente com as questões debatidas na linha de pesquisa de linguagens e narrativas. Especialmente quando tratamos do reconhecimento do lugar do tempo presente na aula de história buscando, a todo momento, narrar os detalhes e construir sentidos que levem à

aprendizagem histórica. Para Silva (2017), “é deste modo que o professor forma uma identidade intelectual que lhe permite tornar-se autor da aula, uma ‘aula como texto’”.

Sobre o capítulo de Ricci (2009), uma segunda questão dialoga diretamente com as questões que pretendo analisar durante esta dissertação. Ao falar sobre as conexões internacionais e histórias de gente simples que vivia a história de convulsão social, Ricci ressalta o que intitula “histórias cabanas e a questão da liberdade”. Corpos e mentes agitavam-se pelo interior da província e o soar da palavra liberdade causava transtorno e despertava sonhos. O que aconteceu no Grão-Pará, naquele contexto era algo único e, para Ricci, compreender aquela sociedade é de suma importância, pois tudo nela parecia ruir, inclusive princípios de vida e os hábitos da educação.

Existia uma trincheira entre o mundo cabano e o da “legalidade”. Entre os que “comiam e bebiam” e os que “pagavam até o final” havia um terreno fértil para lutas e divergências sobre os rumos do movimento revolucionário. [...] o movimento cabano começava a ganhar fôlego no interior da província [...]. A Cabanagem ganhou assim outros contornos e se tornou mais ampla e popular. (Ricci, 2011, p. 219).

Magda Ricci conclui o capítulo de *O Brasil Imperial* considerando ser um erro fechar os olhos para o passado cabano no Pará e crítica uma certa historiografia que pensa a Amazônia como espaço vazio e sem seu povo. Para ela, a Cabanagem foi um momento ímpar de lutas. Luta pela terra, luta pela liberdade e por ideais que circulavam em um espaço Pan Amazônico de trocas e tal conclusão poderá ser vista em vídeos com entrevistas que realizamos com professoras do município do Acará, as quais se veem como parte da história da Cabanagem por terem aprendido com a história do movimento a ensinar crianças e adolescentes do Acará.

De 2009 para cá muita coisa avançou no âmbito da escrita da história da Cabanagem. A história do movimento ganhou lugar nos cursos de graduação e pós-graduação e despontou em outras obras de síntese da história nacional. Tal foi o caso, por exemplo, da obra *Brasil: uma biografia*, de Lília M. Schwarcz e Heloísa M. Starling (2015), para citar apenas uma das tantas obras desse nicho. No capítulo “Regências ou o som do silêncio”, a história do movimento é escrita em “Revoltas por todo lado. Cabanos no longínquo Grão-Pará”. O termo “longínquo” aparece no subcapítulo para ressaltar a distância do Grão-Pará do Rio de Janeiro e a proximidade com o estrangeiro, lugar onde as relações da província eram feitas. As autoras atestam o fato de que a história dos conjuntos de revoltas do período regencial não é mais vista sob a lente de meros “motins políticos”, mas sim como espaço de luta e expressão mais radical dos(as) que defendiam ora a unidade nacional ora o federalismo. E concluem com uma das expressões mais forte do trabalho de pesquisa de Magda Ricci sobre a história da Cabanagem: a existência de um “patriotismo” que, naquele contexto, não queria dizer ser brasileiro.

E, por mais que os cabanos fossem chamados de “patriotas”, o termo, nesse contexto, não era sinônimo de ser brasileiro, e muito menos estava vinculado a desígnios e motivações nacionais. Indígenas, negros de origem africana e mestiços provenientes das mais diversas culturas criaram formas de identidade muitas vezes pouco afinadas com o modelo europeu de governo instalado no Rio de Janeiro. Essa é, na verdade, mais uma história de encontros e de desencontros entre um passado colonial muito específico e a história imperial de 1822 a 1840, que procurava passar por cima das diferenças que a constituíam. (Schwarcz e Starling, 2015, p. 253).

Em artigo de 2009 intitulado *Terra e trabalho como componentes das lutas cabanas no Acará-PA (Século XIX)*, Ana Renata do Rosário de Lima analisa os casos de revoltas e lutas camponesas no Acará, no contexto geral que culmina com a Cabanagem. Demonstra como ações de “ocupações de terras, saques, roubos de fazendas e sítios e comércio clandestino, foram ligadas (por anti-cabanos), à criminalidade e banditismo”. O artigo se debruça sobre um universo rural onde diferentes sujeitos estão lendo, discutindo e estabelecendo relações de resistência e luta.

Nos bastidores das lutas ‘cabanas’, os sujeitos sociais envolvidos, entre eles camponeses e escravos e libertos, poderiam ter projetos de uma economia própria, que poderia ir além da simples subsistência. Daí, formas diferentes de resistência àquele momento, dentre elas a formação de “comunidades de quilombos” que podem ter historicamente, forjando-se a partir delas, unidades camponesas e relações de produção com a terra. A pequena produção camponesa e suas relações com a sociedade mais ampla foi reduzida à “quadrilhas de comerciantes”, pois ameaçavam as elites econômicas e escravistas locais. Isso pode ser evidenciado, pela exaustiva documentação arquivística e pela sobrevivência de comunidades camponesas negras rurais hoje no Pará, justamente em áreas onde a interiorização da Cabanagem foi mais expressiva, como o Acará. (De Lima, 2018, p. 06)

Anos depois, em *Terra de revolta*, livro publicado em 2014 como produto de sua tese de doutorado em antropologia, Ana Renata Lima Pantoja mobiliza as metodologias da pesquisa em história e em antropologia para uma pesquisa inovadora. Ao se debruçar sobre a Comunidade de Cuipiranga, localizada às margens do rio Arapiuns, no município de Santarém/Pará, a pesquisadora da história da Cabanagem escuta os atuais moradores de um dos redutos cabanos e segue em busca da memória social que o movimento deixou nesta comunidade. Sobre o relato de sua experiência ela fala que:

Procurei semiestruturar as entrevistas e iniciar com questões do tipo “como vivem”, “o que fazem”, “o que lembram de sua infância no lugar”, “do que viviam seus pais”, “em que trabalhavam”, “o que contavam os mais velhos sobre o Cuipiranga” e etc., que são também, extremamente pertinentes a esse trabalho. Além disso, quando as primeiras expressões como “uma grande guerra” ou “aqueles cabano” começaram a aparecer, procurei não demonstrar ansiedade e os deixar à vontade, e só em seguida fui estruturando novas perguntas. (Pantoja, 2014, p. 134)

O trabalho de pesquisa de Ana Renata Lima Pantoja nos serviu de inspiração para a realização das duas entrevistas que publicamos no *website* Cabanos do Acará, as quais serão

apresentadas nas seções seguinte deste trabalho. A leitura de *Terra de revolta* nos ofereceu pistas sobre as possibilidades, os limites e como poderemos seguir em busca da memória social da Cabanagem no Acará/Pará e como poderemos fazer com essas entrevistas se tornem públicas e sejam aproveitadas dentro de um projeto voltado ao ensino de história. Ainda sobre a pesquisa, cumpre destacar como ela reúne documentação histórica, ampla pesquisa de campo, uso de fotografias, imagens e iconografias, apontando múltiplas possibilidades para o trabalho que campo que desenvolvemos no processo de produção de fontes para o produto desenvolvido.

Outra obra que foi leitura obrigatória para a construção deste trabalho é *Rebelião na Amazônia: Cabanagem, raça e cultura popular no Norte do Brasil, 1978-1840* de Mark Harris. O autor, professor da Universidade de St. Andrews, foi professor visitante na Universidade Federal do Pará nos anos de 2003 e 2004 e apresenta, em sua obra, um outro olhar para Amazônia que não aquele que a representa para o mundo pela sua exuberante floresta, mas um olhar sobre uma região insurreta, onde camponeses(as) defenderam seu modo de vida e lutaram contra as elites, chegando ao poder em um contexto de levantes sociais generalizados no Brasil, em meados do século XIX. Harris apresenta em sua obra o panorama de uma pesquisa de etnografia histórica onde é possível acompanhar em detalhes o final do período colonial e a história que se desenrola na Amazônia e culmina com a Cabanagem. Parte importante de sua obra é a alusão que o autor faz aos rios da Amazônia e como conhecer a geografia e os povos da região é um fator para compreender a história que se desenrolou e está registrada na documentação histórica que ainda temos acesso. Sobre o texto do autor o parágrafo a seguir demonstra o lugar do Acará/Pará.

Embora seja difícil identificar uma data precisa de início da rebelião da Cabanagem, as questões atingem um ápice nesse intervalo, no final de 1834. Um jornalista do Maranhão e amigo de Batista Campos, apelidado Papagaio havia escrito ataques inflamados ao governo, que, por sua vez, tentou censurá-lo. Ele se retirou para a fazenda de Félix Malcher, no rio Acará (Malcher também havia fugido da capital), e lá discutiu com Batista Campos algumas ideias para a tomada da presidência. Batista Campos e Malcher haviam tido, há bastante tempo, uma disputa pessoal, mas agora consideravam apoiar-se mutuamente. Um grupo de soldados foi prender Papagaio, mas foi forçado a retroceder, quando seu comandante foi morto por disparos vindos da fazenda. Uma força muito maior foi reunida, então, com o objetivo de prender todos os dissidentes e colocar um fim aos seus planos. O presidente Lobo de Souza acusava Malcher de republicanismo, bem como de apoiar a abolição dos escravos, a expulsão de todos os portugueses e a apropriação de seus bens. Pedro Vinagre foi morto, ao lado de outros, e Malcher, preso, mas Batista Campos, sempre audacioso, conseguiu escapar. No entanto, ele morreu de septicemia no final daquele ano; aparentemente, uma lâmina de barbear estava infectada e, na ausência de assistência médica, ele logo faleceu. (Harris, 2020, p. 257)

Esta dissertação propõe a criação do *website* Cabanos do Acará, mas, sobretudo, fala sobre como eu e minha geração de contemporâneos, aprendemos sobre história. Sobre essa

questão mobilizo o artigo “Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História” assinado por Maria Auxiliadora Schmidt (2017). Para ela, há no campo da didática da história um domínio teórico específico que diz respeito a dois movimentos: como se aprende história e como se ensina história, de modo que a centralidade desse está localizado na aprendizagem para as atividades de ensino, cujo foco é o(a) aluno(a). Como se ensina, por sua vez, depende de como os indivíduos aprendem. Nesse processo, a didática atua como ciência da aprendizagem histórica.

A centralidade da aprendizagem na prática docente é uma problemática que vem sendo enfrentada por educadores em geral e, especialmente, pelos especialistas na área das Didáticas Específicas, como a Didática da História, podendo-se afirmar que se sabemos como se aprende, pode-se saber como se ensina. Assim, entende-se que o “elemento nuclear da prática docente é a aprendizagem, que resulta da atividade intelectual e prática de quem aprende em relação ao conteúdo ou objeto, realizada junto com os(as) professores(as) e colegas. Portanto, a referência para as atividades de ensino é a aprendizagem do aluno; o como se ensina depende de saber como os indivíduos aprendem”. (Schmidt, 2017, p. 61)

Teoricamente, pensar historicamente é outro eixo abordado por Schmidt em sua reflexão sobre Jörn Rüsen. Interessante que, nessa matéria, questões sobre: para que se ensina história? E, para que se aprende história? Estão diretamente associadas a compreensão do tempo e para que a vida humana seja desenvolvida de maneira cidadã nas chaves de identidade do sujeito e de suas relações com a coletividade. Nesse sentido a formação da consciência histórica é o fim da aprendizagem histórica, a narrativa dando forma e função para a aprendizagem histórica e, por fim, a própria aprendizagem histórica como apreensão da mudança temporal.

Ao longo desse capítulo falei um pouco sobre a minha aprendizagem histórica. Se a história da Cabanagem no Pará ao longo da minha vida como aluno da educação apareceu de forma secundária, na minha vida ela esteve associada a uma história de lutas políticas e a proximidade que estabeleci com meus professores(as) da graduação em história, quando boa parte dessa história foi escrita. A seção seguinte fala sobre como pensei um produto para o ensino de história da Cabanagem que será utilizado nas escolas da rede pública municipal do Acará/Pará. Essa proposta se fez com base em orientações e posso dizer que foi feita à seis mãos, ela é resultado de um trabalho em equipe e da minha trajetória junto ao PPGEH/UFPA.

3. WEBSITE CABANOS DO ACARÁ: RELATO DE EXPERIÊNCIA E UM PRODUTO PARA A HISTÓRIA PÚBLICA DA CABANAGEM NO ACARÁ.

3.1. O que sabem os(as) alunos(as) da rede pública de ensino do Acará sobre Cabanagem?

No ano de 2022, durante o curso da disciplina da linha de pesquisa em *Linguagens e narrativas históricas: produção e difusão* cursada no Campus Universitário da UFPA/Ananindeua, me foi lançado o desafio de organizar um site abordando a história da Cabanagem no município do Acará. Até aquele momento havia proposto desenvolver uma espécie de percurso museológico que tinha a cidade e seus lugares de memória da Cabanagem como fonte, mas considerei a possibilidade e aceitei o desafio proposto pelo professor da disciplina que, meses após, veio a se tornar meu orientador.

Em linhas gerais, os debates da disciplina refletiam sobre a construção do sentido no processo de ensinar e aprender história. Discutia sobre como demandas sociais de tempo presente estabelecem relações e possibilidades de diálogo na sala de aula. Compreendemos que voluntária ou involuntariamente o tempo presente sempre tem algo a dizer em qualquer situação que envolva a história e os usos do passado. O(a) historiador(a) ou o(a) professor(a) de história ao falar sobre história, inevitavelmente, se dirige a interlocutores(as) de sua própria época. Sobre essa discussão, Silva (2017) recorre à clássica análise de Lourax (1992) sobre o anacronismo e defende a prática de um “anacronismo controlado”, aquele que nos permite conferir sentido e inteligibilidade à história, lindando com a tensão passado/presente e possibilitando aproximar do nosso tempo, temas que nos parecem tão distante da realidade.

Neste sentido, a aula é resultado de uma experiência coletiva de leitura, marcada pela interação entre professores e alunos e pelo acúmulo de experiências que eles carregam. Está em jogo, neste sentido, a admissão de que a experiência da aula apresenta certa porosidade, movida a partir dos saberes de seus atores – professores e alunos. Trata-se de uma experiência que se cumpre a partir de um processo dialógico, tal qual a relação que se estabelece entre leitores e textos de uma obra aberta, isto é, considerando a recepção (criativa) do leitor como um atributo fundamental. Neste processo, professores e alunos são leitores em diferentes graus, considerando a capacidade de operar com categorias e conceitos próprios à forma da história como campo disciplinar (Silva, 2017, p. 106).

Durante uma das aulas fui questionado sobre o que meus alunos(as) do Acará sabiam sobre a história da Cabanagem. Respondi: - parece que não sabem nada. Fui então confrontado com a afirmação: - Como podem não saber nada e estudar em uma escola que homenageia o nome de um líder cabano? Foi então que compreendi que o exercício de construção do sentido,

naquilo que pretendia ensinar em minhas aulas, deveria partir do presente, daquele lugar, das experiências dos meus alunos(as) para, aí então, dar palco à história da Cabanagem, mas, sem perder de vistas a relação passado/presente.

Desde o ano de 2014 atuo da rede pública de ensino do Acará e há tempo percebo a existência de uma memória positiva, na memória social e na memória pública, sobre a história da Cabanagem na cidade. Nomes de prédios públicos, escolas e ruas prestam homenagem a história do movimento e seus líderes. Nas escolas onde atuo é comum lecionar para alunos(as) com sobrenomes de grande líderes cabanos que viveram no município. Em uma conversa informal ou em uma entrevista formal é perceptível a relação de proximidade e orgulho que a população do Acará demonstra em relação aos cabanos. Em alguns momentos chega a parecer que essas pessoas “conhecem pessoalmente” os cabanos, que seria possível esbarrar com um cabano a qualquer momento no Acará.

Mas, o que de fato sabem sobre a história da Cabanagem? O que sabem sobre a história da Cabanagem no Acará? Quando buscamos as especificidades da história do movimento a conversa muda de lugar. Sabem bem de ouvir falar, mas parece faltar ao público da cidade um elo que conecte suas memórias à história. Encontrar caminhos possíveis, diálogos e tornar públicas as histórias dos “Cabanos do Acará” é observar como pode o tempo presente orientar e dirigir a história ensinada nas escolas desse município paraense.

No ano de 2022 realizei uma pesquisa exploratória, em formato de questionário, junto a duas turmas de alunos(as) da EMEIF Eduardo Angelim e EMEIF Monte Horebe. A primeira fica localizada na Comunidade São Lourenço, zona rural do município e a segunda fica localizada na comunidade homônima à escola.

Figura 8: Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Eduardo Angelim



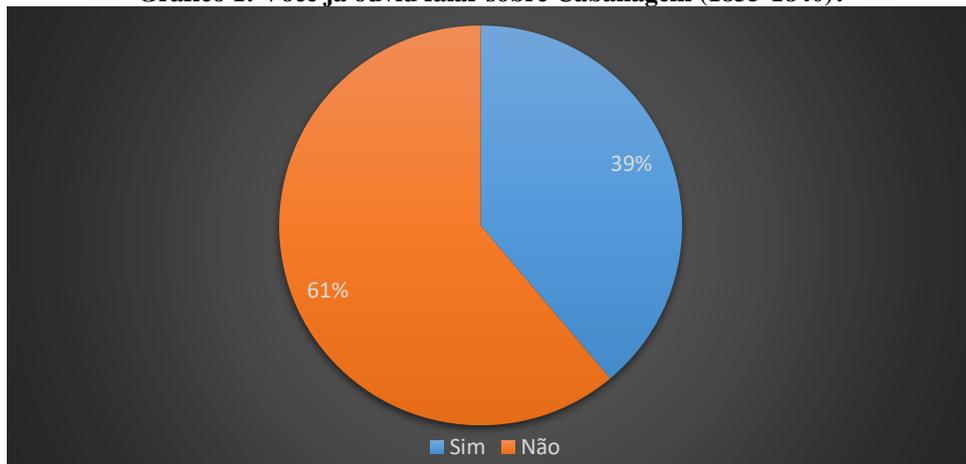
Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 9: Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Monte Horebe



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

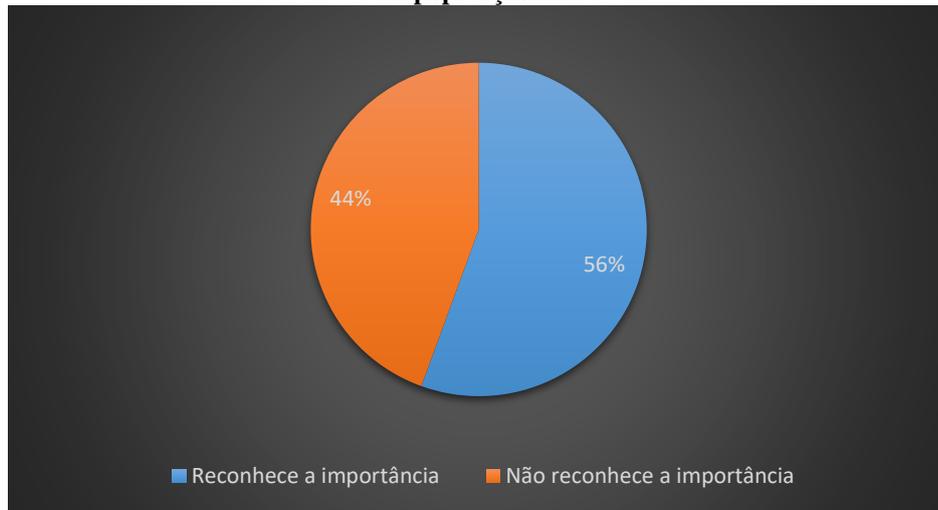
A pesquisa constava de seis perguntas abordando a temática Cabanagem. A primeira pergunta da pesquisa era: Você já ouviu falar sobre a Cabanagem (1835-1840)? Caso já tenha ouvido, faça um relato sobre a história que lhe foi contada.

Gráfico 1: Você já ouviu falar sobre Cabanagem (1835-1840)?

Fonte: 1º levantamento de informações sobre a temática Cabanagem (1835-1840). Ano: 2022.

Mais de 60% dos(as) entrevistados(as) afirmaram não saber nada e nem nunca ter ouvido falar sobre a história da Cabanagem. Em uma das respostas negativas um aluno afirmou “Não nunca ouvi falar da Cabanagem. Sei que ela é uma coisa muito importante para nós” (Aluno 12). Já as respostas afirmativas trazem um dado interessante, qual seja, na maioria dos casos a história da Cabanagem foi contada a eles(as) pelos mais velhos e está associada a própria história do Acará, em uma das respostas uma aluna afirma “Sim, a Cabanagem é um momento deixado pelos antepassados que eu não conheço” (Aluna 32). Em outra resposta o aluno responde que “Sim, meu padrasto me disse que a Cabanagem foi uma guerra que aconteceu aqui e que foi um momento histórico no Brasil, que foi considerada uma história” (Aluno 2). A segunda pergunta buscava as respostas dos(as) alunos(as) sobre qual a importância do movimento cabano para o município do Acará e para a sua população.

Gráfico 2: Qual a importância do movimento da Cabanagem para o município do Acará e para a sua população?

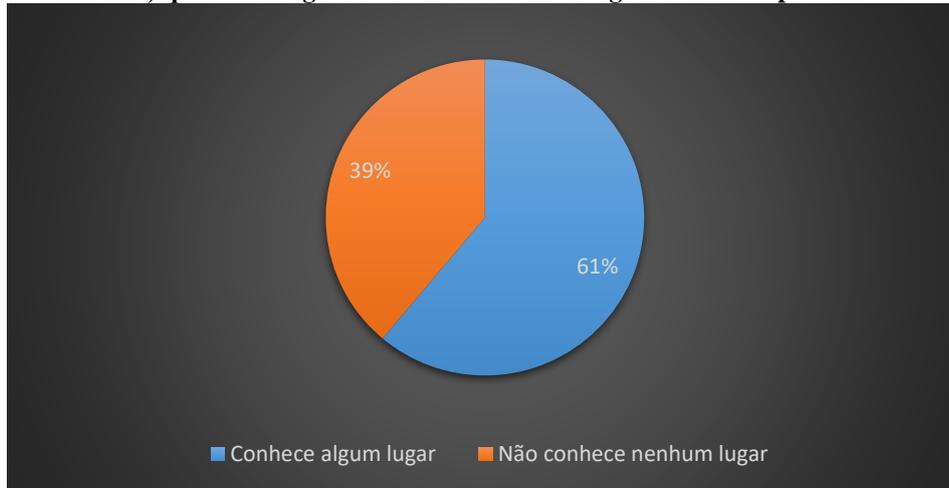


Fonte: 1º levantamento de informações sobre a temática Cabanagem (1835-1840). Ano: 2022.

Conforme podemos observar no Gráfico 2, quando perguntados(as) sobre a importância do movimento cabano para o município do Acará, mais da metade dos(as) alunos(as) conseguiram reconhecer a existência de alguma importância. Interessante notar que entre aqueles(as) que não reconheceram a importância do movimento cabano para o município do Acará, cerca de 22% já haviam ouvido falar da Cabanagem, os demais 78% não reconheceram porque nunca ouviram falar. Entre aqueles(as) que reconheceram a importância do movimento cabano para o município do Acará e sua população o dado que chama a atenção é que esse reconhecimento se faz porque eles(as) sabem que existem locais que homenageiam a história da Cabanagem. Em uma das respostas, por exemplo, a aluna afirma na primeira pergunta não saber nada sobre a Cabanagem, mas na segunda pergunta ela responde “Eu acho que a Cabanagem pra mim é importante porque a cidade tem os seus lugares sobre a Cabanagem, mas eu não sei falar sobre a Cabanagem” (Aluna 22). Em outra resposta, mais uma vez um aluno que afirmou não conhecer a história da Cabanagem, responde a segunda pergunta reconhecendo a importância da Cabanagem para o município com a seguinte resposta “Sei que foi um momento muito esperado para o povo do Acará” (Aluno 15).

Na terceira questão foi perguntado se os(as) alunos(as) conheciam alguma rua, prédio, praça ou locais de memória que prestam homenagem ou relembrem a Cabanagem no município do Acará.

Gráfico 3: Você conhece alguma rua, prédio, praça, monumento ou local (os chamados “espaços de memória”) que homenageie ou relembre a Cabanagem no município do Acará?



Fonte: 1º levantamento de informações sobre a temática Cabanagem (1835-1840). Ano: 2022.

Conforme podemos observar, a maioria dos(as) alunos(as) conhecem algum lugar que presta homenagem ou relembre a Cabanagem no município do Acará. A maioria dos(as) alunos(as) reconheceram o prédio da Prefeitura Municipal do Acará, a Escola Estadual Felipe Patroni e a Rua dos Cabanos, todas localizadas na zona urbana do município.

Na quarta questão foi perguntando aos(as) alunos(as) se a história da cidade do Acará teria importância para os seus moradores. Já a quinta questão perguntava se eles(as) consideravam que a história do Acará poderia ter alguma importância para a história do Pará e do Brasil.

**Gráfico 4 e 5: A história da cidade do Acará é importante para os seus moradores?
A história do Acará tem importância para a história do Pará e do Brasil?**

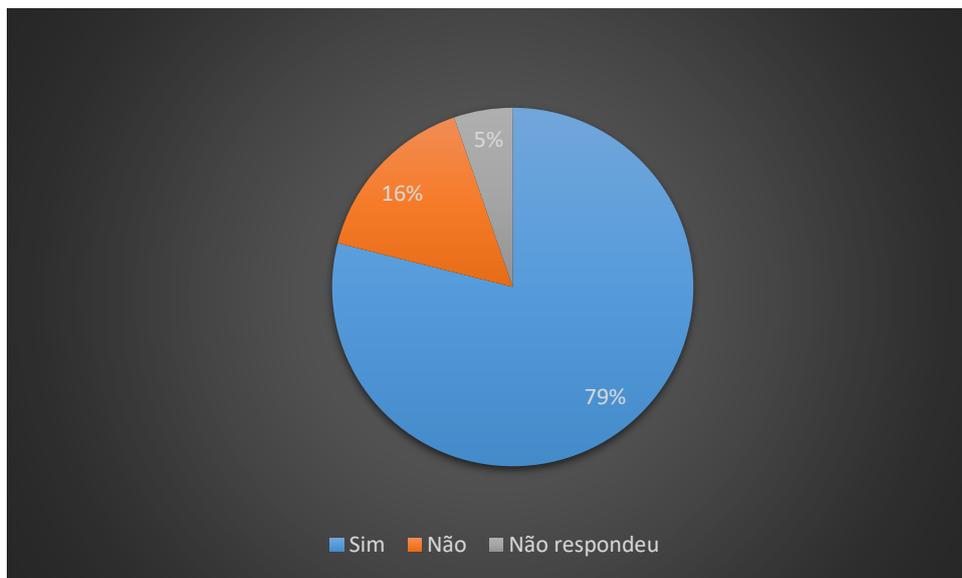


Fonte: 1º levantamento de informações sobre a temática Cabanagem (1835-1840). Ano: 2022.

Conforme podemos observar, os dados se repetem nos gráficos. O mesmo percentual de alunos(as) que consideram que os(as) moradores(as) do município reconhecem a importância da história do município é o mesmo de alunos(as) que consideram que a história do município pode ser importante para a história do Pará e do Brasil. Em ambas as perguntas, as justificativas variam bastante. Em muitos casos a importância da história do município para os seus(as) moradores(as) estão associados a ideia de preservação da cidade. Em uma das respostas a aluna afirma “Para mim a história é importante para manter uma rua bem asfaltada e limpa” (Aluna 39), em outra resposta a aluna afirma que é importante conhecer a história do município para saber quem são as autoridades. Entre as respostas sobre a importância da história do Acará para o Pará e o Brasil, boa parte dos(as) alunos(as) justifica suas respostas falando sobre a economia do município e a produção e exportação de dendê.

A última questão perguntava aos(as) alunos(as) se eles gostariam de conhecer um pouco mais sobre a história do município do Acará e a sua importância para a história do Brasil.

Gráfico 6
Você gostaria de conhecer um pouco mais sobre a história do Acará?



Fonte: 1º levantamento de informações sobre a temática Cabanagem (1835-1840). Ano: 2022.

Para os(as) alunos(as) que responderam afirmativamente à questão, as justificativas foram as mais variadas. Para muitos(as) deles(as) a história de cidades do interior precisa ser contada, para outros(as) é importante aprender sobre a história da cidade para poder contar para outras pessoas. Em nenhuma das respostas os(as) alunos(as) afirmam querer conhecer a história da Cabanagem na cidade ou fazem menção a esse dado.

Após a realização da pesquisa diagnóstica, foram realizadas junto às turmas aulas ao modo tradicional com o uso do livro didático. Nas escolas municipais do Acará foram distribuídos os livros da coleção Teláris História (Editora Ática). Na edição destinada ao 8º ano, a Cabanagem é apresentada na Unidade IV que tem como título o “Brasil monárquico: Primeiro e Segundo Reinado”. Na prática de sala de aula, o tema costuma ser abordado no início do 4º bimestre do ano letivo, momento no qual se espera que os(as) discentes já conheçam assuntos como a história das revoluções, as independências no mundo, bem como a importância do iluminismo e as especificidades da independência do Brasil. As figuras a seguir foi recortada da coleção utilizada no município e ilustra o texto didático que os(as) alunos(as) tiveram acesso durante uma das aulas na sequência didática sobre a história da Cabanagem no ano de 2022.

Figura 10: A Cabanagem – Teláris

A Cabanagem

Em 1835, teve início uma luta entre comerciantes e proprietários de terra do Grão-Pará. Em meio aos conflitos, a população ribeirinha, que vivia em cabanas e era composta de indígenas, mestiços e negros, revoltou-se contra os membros das elites. Visando melhores condições de vida, os rebeldes tomaram a cidade de Belém, proclamando uma República independente na província do Grão-Pará.

O primeiro governo rebelde foi encabeçado pelo fazendeiro Félix Antônio Malcher, que logo tentou desbançar as lideranças populares. Após confrontos armados entre os revoltosos, Malcher foi derrotado e morto. O segundo governo formou-se sob o comando do cabano Francisco Vinagre, que teve de enfrentar os bombardeios dos navios de guerra enviados pelo governo imperial.

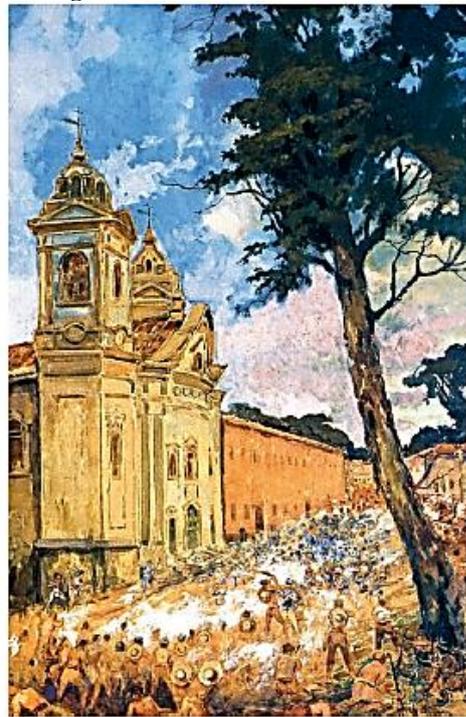
Derrotado, Francisco Vinagre foi preso, e Belém voltou ao domínio do Império. Algum tempo depois, os cabanos retomaram as armas sob a liderança do irmão de Francisco, Antônio Vinagre, e de Eduardo Angelim.

Mais uma vez, a capital da província foi conquistada pelos revoltosos, com a instauração de um terceiro governo rebelde. Durante os conflitos, escravizados eram libertados e os ricos proprietários sofriam linchamentos.

Em 1840, o movimento foi sufocado pelas tropas governamentais. Durante a revolta morreram cerca de 30 mil pessoas, o equivalente a mais de um quinto da população da província.

A Revolução Farroupilha

Desde a independência, os estancieiros do Rio Grande do Sul reivindicavam maior autonomia provincial e o fim dos altos impostos sobre o charque gaúcho, que não tinha condições de competir com o da região platina. Além disso, vários desses proprietários promoviam intenso contrabando de animais com o Uruguai, onde também possuíam terras e gado. A tentativa, por parte do governo regencial, de limitar essas transações estimulou sua revolta, que eclodiu em 1835.



Assalto dos cabanos ao trem, aquarela do italiano Alfredo Norfini, de 1867, representando a tomada do Trem de Guerra (nome, na época, do depósito de armamentos) pelos cabanos em Belém. O episódio, ocorrido em 1835, foi marcante pelo grande número de mortos.

Mundo virtual

Jogo da Cabanagem. Jogo sobre a Cabanagem, elaborado pelo Laboratório de Realidade Virtual da Universidade Federal do Pará. É necessário fazer o download do jogo. Disponível em: <www.larv.ufpa.br/tr-jogo_cabanagem>. Acesso em: 5 maio 2018.

De acordo com a BNCC, a história da Cabanagem e das rebeliões do período regencial devem ser trabalhados de modo a levar os(as) discentes a identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado (BNCC, p. 427). Conforme é possível observar, o texto didático da obra *Télaris História* nos permite abordar o tema dentro da chave de interpretação proposta na BNCC.

Durante a aula com o uso do livro didático optamos por utilizar a estratégia didática conhecida como *brainstorming*, mobilizando neles a imaginação, criatividade, a busca de suposições, hipóteses e habilidades de classificação na leitura. Ao estimular os(as) alunos(as) a falarem sobre termos que lhes pareceram familiares na leitura, os termos “populações ribeirinhas”, “revolta” e “rebeldes” foram bastante citados, além destes termos, os nomes “Félix Clemente Malcher”, “Antônio Vinagre” e “Eduardo Angelim” também foram bastante citados. Na Escola Eduardo Angelim, localizada na zona rural do município, identificaram o nome da escola e também falaram que conhecem a história de Félix Clemente Malcher que, segundo eles(as), era “dono da fazenda Acará Açú”. Já entre os(as) alunos(as) que costumam frequentar a zona urbana do município, houve o destaque ao nome Pedro Vinagre que é o mesmo nome da rua localizada na orla da cidade, onde também está localizado o centro comercial. Após a realização da aula, na Escola Eduardo Angelim, que fica localizada na Comunidade São Lourenço, zona rural do município, alguns alunos(as) me pararam e disseram que conheciam os parentes de Félix Clemente Malcher. Em outras escolas, os(as) próprios(as) alunos(as) reconheciam que tinham sobrenomes de cabanos, mas que não sabiam exatamente o que isso representava. Em todas as escolas, após a aula com a leitura do texto didático, as turmas passaram a ter mais curiosidade e a pedir mais informações sobre a história da Cabanagem no Acará.

A diagnose que descrevemos acima tem como referência artigo assinado por Rocha (2014) e que tem como foco responder à questão “Para que estudar história?”. Em uma escala bem mais ampla e com complexidade de questões pesquisadas, a autora aponta para a importância da pesquisa quantitativa no ensino de história para então estabelecer relações sobre qual bagagem o aluno traz para a aula de história e como ele se relaciona com a linguagem da história.

Efetivamente, bagagem poderia se traduzir como capital cultural, sendo a relação entre aquilo que o aluno traz e o que a escola requisita ou espera dele. No caso específico da aula de história, tal bagagem ou capital se traduz nas informações prévias que se aproximam dos conhecimentos históricos escolares. (Rocha, 2014, p. 90)

É importante destacar que, no processo didático, os(as) alunos(as) são portadores de conhecimentos e experiências. Ao chegar na escola no Acará, o(a) aluno(a) traz consigo alguma bagagem sobre a história da Cabanagem, muito embora ele(a) não saiba o que isso significa ou como expressar com exatidão. Isso ficou claro quando perceberam que o texto didático presente no livro que utilizam na escola possuía nomes de líderes cabanos que eles supostamente “conhecem”, seja porque dão nome a escola na qual estudam, seja porque são o nome de importantes ruas da cidade, seja porque eles têm o sobrenome desses líderes. De alguma forma foi possível que eles sentissem a presença do passado naquela aula de história (Rocha, 2014).

Dando prosseguimento a sequência didática proposta para as aulas sobre Cabanagem, encerrei as discussões com uma aula que abordou o conceito de “lugar de memória”. A discussão clássica proposta por Norat (1992) e amplamente discutida entre historiadores e profissionais da história foi utilizada na aula buscando dar sentido a bagagem que meus alunos(as) tinham sobre o assunto. O plano de aula foi organizado com base no verbete Memória do Dicionário de Ensino de História. Ao escrever no quadro a palavra memória, perguntei aos(as) alunos(as) o que a palavra significava para eles. Boa parte das respostas diziam que “gravar na memória pra não esquecer”, “memória é lembrar”, “memória é algo sobre o passado”, “memória tem a ver com história”. Após ouvir as respostas, escrevi no quadro a citação a seguir e pedi que os(as) alunos(as) copiassem no caderno:

Ao consultar um dicionário, encontramos o significado da palavra “memória” associada ao ato de preservar experiências do passado; conjunto de funções psíquicas que permite lembrar, reter ideias, impressões ou ato de guardar. Parece que dificilmente vamos encontrar a palavra “esquecimento” como parte da resposta ao que é memória. (Gil, 2019, p. 155)

Buscando conferir sentido ao conceito de memória que busquei introduzir, disse aos(as) alunos(as) que vivemos cercados de memória. Utilizei como exemplo o ato de tirar fotos com o celular, explicando que aquele registro do passado expresso em uma fotografia é salvo na memória do celular. Em outro exemplo, perguntei a eles(as) se já haviam notado que nomes de prédios públicos e ruas costumam homenagear sujeitos históricos que se destacaram na história, dessa forma, levei eles(as) a refletir sobre como homenagens são uma forma de preservar a memória. Por fim, disse que alguns lugares preservam a memória de importantes acontecimentos do passado e são lugares de memória. Para alunos(as) do 8º ano, explicar tal conceito não foi tão simples quanto parece, afinal, como sabemos, um lugar de memória pode variar de objetos materiais até questões mais abstratas como símbolos, lemas, rituais.

Helenice Rocha (2014), ao analisar a presença do passado na aula de história, analisou casos de docentes que vão em busca de produtos culturais que remetem ao passado para

conectá-los ao ensino de história na escola. Demonstra como docentes utilizam livros, filmes, jornais, revistas, jogos, músicas e outros produtos para atrair atenção e conferir sentido ao que ensinam nas aulas de história. Durante as aulas realizadas no ano de 2022 e descritas nas linhas acima, percebi que encontraria dificuldades para trazer essa “presença do passado” às minhas aulas. Estava diante de um impasse pois, embora o município do Acará me oferecesse uma riqueza de possibilidades, não sabia como conectá-las. Foi nesse contexto que a história pública apareceu como uma possibilidade durante as orientações e análise dos dados apresentados nessa subseção.

3.2. É possível uma história pública da Cabanagem no Acará/Pará?

Ao longo do processo de orientações fui, aos poucos, sendo inserido num nicho de debates que desconhecia até o ingresso PPGEH/UFPA, a história pública. A coletânea de artigos reunidos no livro *Que história pública queremos?* Serviu de convite à área e ajudou a refletir sobre o que é história pública e como eu poderia desenvolver um trabalho que fizesse dialogar: história pública, ensino de Cabanagem e as comunidades no município do Acará. Na coletânea o artigo de Hebe Mattos, Keila Grinberg e Martha Abreu intitulado *Que diferença faz a perspectiva da história pública nos estudos sobre a escravidão* foi o que mais saltou aos olhos. O artigo inicia falando sobre como, no contexto dos anos de 2017/2018, o tema da escravidão vinha sendo amplamente consumido em múltiplas narrativas, para o bem e para o mal. Entre os problemas levantados pelas autoras e os diálogos possíveis com a história pública, destacam:

É um terreno pantanoso o que pisamos, e são muitos os dilemas vividos pelos historiadores que lidam com a escravidão a partir da perspectiva da história pública. Como podemos construir uma visão historicamente correta da escravidão que seja, ao mesmo tempo, sensível e complexa, que abarque as ambiguidades comuns a todos os seres humanos, mas que seja, ao mesmo tempo, respeitosa com os que vivenciam o legado traumático da escravidão, inscrito na experiência viva do racismo contemporâneo? Como interpretar as diferentes formas de reação do público? É correto visitar lugares de tragédia e genocídio como turistas? Como distinguimos projetos de visita educativa da pura e simples exploração? E o que faremos não apenas com as estátuas de supostos heróis que estamos derrubando, mas com as antigas fazendas escravistas? Devem ser transformadas em santuários ou devem ser destruídas? (Mattos, Grinberg, Abreu, 2018, p. 232)

Os problemas levantados pelas autoras eram semelhantes aos meus, no momento em que comecei a conceber o que eu imaginava como produto da dissertação. De alguma forma, minhas vivências como professor no município do Acará me faziam problematizar, minhas

questões de forma semelhante aquilo que li no artigo. Imaginei, por exemplo, a possibilidade de criar um percurso museológico tratando da história da Cabanagem no Acará/Pará. Após isso, imaginei algo ainda maior, um museu físico abordando o tema e que pudesse ser implantando com o apoio do poder público municipal. Numa outra, das tantas ideias que o texto me despertou, imaginei que seria possível criar algo na Fazenda Acará-Açu, propriedade que pertenceu a Félix Clemente Malcher, presidente Cabano, e que segue de pé às margens do rio Acará, mas, em todas as possibilidades percebi que precisava começar do começo e dentro da realidade de um pesquisador que dá os primeiros passos na pesquisa em ensino de história.

Através do texto conheci o projeto *Passados Presentes: Memória da escravidão no Brasil*. Trata-se de projeto de turismo de memória, desenvolvido pelas autoras, e que serve de inspiração para o que vou apresentar como produto da dissertação. De acordo com as informações sobre o projeto, descritas no site, o tráfico atlântico de africanos(as) escravizados(as) para as Américas é considerado pela ONU como um crime contra a humanidade. No século 19, estima-se que cerca de dois milhões e meio de africanos(as) tenham desembarcado no Brasil. No Rio de Janeiro, a maioria deles(as) aportou no Cais do Valongo e depois em portos clandestinos do litoral, como a antiga fazenda do Bracuí, em Angra dos Reis, onde hoje se localiza o Quilombo do mesmo nome. Os(as) africanos(as) chegados viveram o resto de suas vidas nas plantações de café no Vale do Paraíba, como a antiga fazenda de São José da Serra, cujas terras hoje formam o Quilombo São José, em Valença. Com o objetivo de reconhecer essas histórias e estimular o turismo de memória no Rio de Janeiro, o projeto *Passados Presentes – memória da escravidão no Brasil*, aconteceu em parceria com as comunidades, desenvolveu um aplicativo para celular e construiu exposições permanentes no quilombo do Bracuí, no quilombo de São José da Serra e na cidade de Pinheiral. O projeto Passados Presentes foi elaborado a partir do Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil, ele contém informações sobre lugares de memória da escravidão no Brasil, acrescidas de verbetes sobre o patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro, tais como rodas de capoeira, grupos de jongo e quilombos. As informações completas sobre o projeto podem ser acessadas no *website* <http://passadospresentes.com.br/> ou através do QRcode a seguir.

Figura 11: Website Passados Presentes



Fonte: <http://passadospresentes.com.br/>

A virada de chave sobre qual produto queria desenvolver ocorreu a partir da conjugação de três momentos. A primeira delas veio com a defesa da qualificação, em agosto de 2023, momento no qual percebi que as dimensões daquilo que havia projetado eram muito grandes e, sem dúvidas, inviáveis. O segundo veio a partir da mudança na orientação da dissertação, momento no qual optamos pelo desenvolvimento de um *website*, aos moldes do utilizado no projeto Passados Presentes. A terceira veio a partir do curso da disciplina História Pública, ministrado pela Profa. Dra. Sônia Meneses (URCA) e realizado no segundo semestre de 2023.

“Começar do começo”, este foi o norte da orientação, e assim o fiz. Primeiro passo era dialogar com a história pública, conhecer mais sobre a trajetória do campo e como ele poderia auxiliar a atingir as metas que pretendia. Compreendi o processo de profissionalização do historiador, o movimento que se criou desde os anos 1970 em torno da história pública e o futuro internacional da história pública (Cauvin, 2019). Nos tantos textos e lives de Ricardo Santhiago percebi os múltiplos significados das palavras história pública e concluí que “o pensar história pública também está bastante consolidado” (Santhiago, 2016, 2018). Entendi que é preciso haver uma mudança de postura, mudança na escrita e a disposição para o diálogo e o compartilhamento de “autoridade” (Frisch, 2016) e que devemos nos manter vigilantes ao fato de que publicizar não é simplificar (Rovai, 2018).

À medida que avançava nos diálogos com a história pública minha perspectiva ia mudando de lugar. Aos poucos fui percebendo que eu não queria mais ensinar a história da Cabanagem no Acará apenas. Entendi que uma “placa” fazendo alusão ao fato de que a Fazenda

Acará Açú pertenceu a um líder cabano, que foi presidente da província do Grão-Pará, no século XIX, não fazia tanta diferença. Foi então que os ouvidos foram se abrindo para o que público falava, para como a comunidade dava sentido para o nome de uma rua ou, até mesmo, para a fazenda, para a comunidade, para a Cabanagem. Existia uma “Cabanagem” se passando diante dos meus olhos, mas eu, como historiador formado numa antiga “forma” de pesquisadores(as) só conseguia ver passado onde tinha muito do presente.

Neste processo de virada de chave, a pergunta que dá título à subunidade passou a nortear minha atitude historiadora. Passei a me perguntar a todo momento se é possível fazer uma história pública da Cabanagem no Acará/Pará com a participação da comunidade e encontrei respostas em diversas entrevistas concedidas por Ricardo Santhiago, entre as quais destaco a seguinte:

Acho mais proveitoso pensar a história pública generosamente, como um campo de trabalho, reflexão e diálogo que tem o público no centro de suas preocupações, mas de maneiras variadas. Pode-se produzir história para o grande público – o público não acadêmico –, mas se pode também produzir história com o público, atender a demandas públicas, compreender a história feita pelo público. São variações e modalidades que tornam o campo da história pública mais complexo e controverso, e por isso mesmo mais instigante e sujeito ao debate.³

Desde os anos 1970, quando se inicia o movimento que culmina com o surgimento da história pública, afirma-se da importância que a história oral exerce sobre o campo. Chega-se a falar que a história pública, em diversos aspectos, é tributária da história oral ou até mesmo sua “prima-irmã” (Santhiago, 2016). Cauvin (2019) demonstra como, desde os anos 1930, diversos estudos no campo da história oral ao redor do mundo trouxeram à luz experiências de pessoas que haviam sido ignoradas pelas correntes hegemônicas de registro de história.

Os historiadores orais consideram que o passado é mediado pela percepção íntima do próprio narrador e pela permanência das memórias coletivas (Hamilton; Shopes, 2008). Alessandro Portelli (1985, 1991, 2011) estudou as memórias coletivas da comunidade dos siderúrgicos de Terni (Itália) por meio da história oral, assim como dos mineiros de Harlan County, Kentucky. Pela sua produção colaborativa, na qual historiadores e narradores fazem a história, a história oral contribuiu para se repensar a participação pública. O interesse dos historiadores orais nos narradores e comunidades explica a razão de eles terem participado nos debates sobre a participação pública na história, como o fizeram Ronald Grele (1981) e, mais tarde, Michael Frisch (1990). A ascensão da história oral foi símbolo das novas correntes da historiografia nos anos 60 (história social, história vista de baixo, história do povo) que haviam deslocado o foco de seus estudos das elites para as pessoas comuns e para as minorias étnicas. No entanto, o impacto das novas correntes historiográficas no exercício público se mostrou mais significativo na Europa do que na América do Norte. (Cauvin, 2019, p. 12-13)

³ O público como protagonista da história. Blog de História, Ciências, Saúde – Manguinhos. [viewed 17 August 2014]. Available from: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/o-publico-como-protagonista-da-historia/>

Santhiago relembra os tempos em que a história oral era “detestada e excomungada” e avalia que a história pública, em nosso país, é vista com apreensão, precaução e entusiasmo. Para ele, há tempos se faz história pública no Brasil, embora tais ações não tenham sido assim nomeadas. Trata-se de dar nome novo a velhas práticas? Pergunta que ele mesmo responde demonstrando a vastidão que a seara da história pública abarca.

O *pensar* a história pública também já está bastante consolidado, se considerarmos a expressão como uma espécie de guarda-chuva conceitual capaz de abrigar tudo que tem sido pensado e escrito em chaves como: usos da memória; usos do passado; demanda social; percepção pública da história; divulgação científica da história; interpretação e curadoria; empoderamento e pesquisa-ação; apropriações midiáticas, literárias e artísticas da história – e assim por diante. (Santhiago, 2016, p.26)

Minhas primeiras leituras na seara da história pública me fizeram sentir que transitava no melhor dos mundos. Concluí que em minha prática docente eu já fazia uma certa história pública, muito embora não concebesse o que fazia com este nome. Atuar por anos junto a comunidades rurais no município do Acará exige do(a) professor(a) de história relacionar a sua prática aos usos da memória, usos do passado, demandas sociais de tempo presente ou dever de memória. Não é possível ensinar história sem dialogar com o universo dos(as) alunos(as), com o rural, com a ancestralidade e com as tantas histórias que são repassadas de geração em geração por meio da oralidade. Diversas vezes, em minha prática docente, precisei parar uma aula que tratava de determinado conteúdo curricular e relacionar esse conteúdo com o que meus alunos(as) traziam em suas bagagens culturais. Muitos foram os “deveres de casa” em que solicitei que meus alunos(as) entrevistassem seus parentes mais velhos(as) sobre os mais variados temas. A cada texto sobre história pública que leio mais percebo que é possível desenvolver um projeto que torne pública a minha prática, fui constatando que é possível uma história pública da Cabanagem no Acará com a participação da comunidade e que isso poderá engajar não somente a minha prática docente, mas a de outros(as) interessados(as) em utilizar o produto que desenvolvi ao longo do mestrado profissional em ensino de história e que será apresentado nas subseções seguintes.

No exercício de estabelecer diálogos possíveis com a história pública em minha dissertação considero que o caminho principal que desejo percorrer é o da publicização de entrevistas orais realizadas com a comunidade no Acará. Como disse anteriormente, em diversos momentos solicitamos que nossos(as) alunos(as) da educação básica façam “entrevistas” com seus mais velhos(as) a fim que de tragam para a sala de aula um pouco da memória contida nos relatos que fizeram. Almeida (2018) ao se perguntar sobre o que a história oral ensina a história pública, fala sobre o cuidado que devemos ter ao tornar públicas

entrevistas de história oral. Projetar as dimensões públicas da história oral e ter em vista a importância de que tais narrativas, ao se tornarem públicas, sejam narrativas autorizadas é um dos pontos que mais a autora chama a atenção e destaca que:

Ao estimular novas pesquisas, na inter-relação história oral e história pública, se descortinam os desafios e as possibilidades da construção e análise de narrativas públicas por meio de entrevistas em diferentes formatos (que podem ter, por exemplo, um caráter público aberto) – geradoras de diferentes acervos de história oral capazes de interagir histórias de vida, acontecimentos, subjetividades e questões sociais. A história oral não é feita de sujeitos abstratos, mas de micropoderes cotidianos, da construção da memória social; das resistências e dos sentidos da afetividade na história. O trabalho com história oral, a partir desses princípios, não tem como consequência apenas a divulgação da informação, mas a produção de conhecimento sensível que poderá implicar em compromissos públicos; por meio de debates amplos e processos de reconhecimento (Almeida, 2018, p. 107)

Em nossa pesquisa de campo realizada no segundo semestre de 2023 trilhamos o caminho proposto por Almeida (2018) e Carvalho (2016) naquilo que diz respeito ao projeto que queríamos desenvolver. Almeida afirma que o movimento da história oral possibilita a implementação de ações que inferem caminhos para parcerias no cotidiano das comunidades e destaca que existem etapas entre a realização da entrevista e sua a publicização, competindo ao(a) entrevistador(a) respeitar a narrativa autorizada pelo(a) entrevistado(a). Carvalho, por sua vez, trabalha o mundo de possibilidades que há no diálogo entre história pública e redes sociais.

A presença dos historiadores nas redes sociais na Internet é ainda mais desejável porque esses espaços são frequentemente inundados por conteúdos de história de má qualidade, incompletos, imprecisos, errôneos e até mesmo mal-intencionados. Ocupar estes espaços com editores comprometidos com a circulação e a recepção responsável do saber histórico é fundamental para combater a entropia que ameaça boa parte da Internet. E mais importante ainda é saber ocupar bem esses espaços [...]. (Carvalho, 2016, p. 41)

Carvalho oferece três razões para acreditar que as redes sociais na internet são importantes para os(as) historiadores(as). Redes sociais reúnem milhões de pessoas, o que possibilita ao(a) historiador(a) alcançar um público amplo e heterogêneo. Há nas redes sociais um enorme poder de colaboração popular e isso é importante, pois possibilita que a comunidade não apenas tenha acesso a divulgação do conhecimento histórico, mas também que participe da construção desse conhecimento. As redes sociais são o fenômeno histórico mais importante da história da comunicação da história contemporânea, o que por si só já deve ser visto pelos(as) historiadores(as) como um objeto de estudo do homem e da mulher no tempo. Mas para ser um(a) historiador(a) que atua nas redes sociais não basta apenas vontade, para Carvalho é preciso haver uma “atitude de presença”.

Para sobressair nas redes sociais na Internet é preciso ter o que podemos chamar de “atitude de presença”. Refiro-me aqui à capacidade de ocupar estrategicamente uma rede social, tornando-se seu protagonista, ponto de referência e irradiador de informações e debates, sujeito-autor capaz de propor temas e de gerar o engajamento de outros usuários. A “atitude de presença” só existe quando há planejamento, postura ativa, voluntarismo e empreendedorismo. O historiador público deve, para tal, dominar a linguagem das redes sociais – desde a composição do conteúdo até o discernimento de perfis de comportamento e demanda dos usuários, passando por elementos tão diversos quanto fundamentais para quem se debruça sobre esse universo, tais como design, monitoramento e estratégias de divulgação. A “atitude de presença” é, antes de tudo, fazer-se visível, posicionar-se na timeline dos usuários. (Carvalho, 2016, p. 45)

Neste ponto as observações de Almeida (2018) e Carvalho (2016) se conectam, pois ambos destacam a importância da elaboração do projeto como etapa principal de todo e qualquer empreendimento de História Pública. Carvalho avança ao sublinhar que, para além do projeto, é preciso formar uma equipe, possuir conhecimento técnico, conhecer sobre pesquisa digital e gestão de rede. Nesse sentido, ter “atitude de presença” é reconhecer que para ocupar espaços na internet não basta apenas ser historiador(a), pois é preciso também ser comunicador(a) e administrador(a).

Em uma das tantas aulas que tive na disciplina de História Pública, ministrada pela professora Sônia Meneses, a docente destacou que é preciso mostrar o rosto por detrás do produto e encerro esta unidade falando sobre isso, retomando a minha proposta de que minha dissertação seja também um memorial do meu crescimento docente a partir do ingresso no Mestrado Profissional em Ensino de História.

Considero que há um trabalho de pesquisa até agosto de 2023, quando defendi meu projeto de qualificação para a dissertação. Até a minha dissertação não imaginava as “mil flores” que poderiam desabrochar em meu trabalho. As “mil flores” são uma paráfrase ao texto de Jill Liddington (2011), tão sabiamente citado por Carvalho em seu artigo. Considero que entre agosto e dezembro de 2023 um outro trabalho desabrochou. A mudança na condução da orientação da dissertação e a realização da disciplina de História Pública ampliaram meu olhar para uma nova dimensão em minha pesquisa sobre a qual falarei na próxima unidade que trata, em formato de memorial, sobre como implementei um projeto de História Pública que tornará pública a memória da comunidade do Acará sobre a história da Cabanagem no município.

3.3. Projetando uma forma de trazer a presença do passado cabano do Acará na aula de história.

O dia após a qualificação foi um dos mais difíceis em minha jornada junto ao PPGEH/UFPA. A pergunta “o que você quer fazer em seu produto?” martelou minha mente não somente neste dia, mas ecoou por todo aquele mês de agosto de 2023. Meu “percurso museológico” era “grande demais”, “inviável demais”. Minha primeira orientação veio na última semana daquele mês e nela decidimos manter a escrita da minha história junto ao programa, optamos também por manter meu memorial e demos uma guinada em direção à História Pública. “Aprenda tudo sobre História Pública” foi o que o professor Thiago Broni de Mesquita me orientou. Junto com a orientação veio a sugestão de que, ao invés de um “percurso museológico”, desenvolvêssemos um *website* que tivesse como norte o *website* Passados Presentes, apresentado na unidade anterior. Mas como fazer um site se tudo que eu sabia sobre o assunto foi um curso que fiz junto à SEDUC sobre TICs (Tecnologia da informação e comunicação)? Eis o desafio.

O texto desta seção é produto de um “diário de bordo” que meu orientador pediu que fizesse. Nele registrei tudo que aprendi e fiz ao longo dos meses de agosto a dezembro de 2023. O primeiro passo veio através da matrícula na disciplina História e História Pública. Ofertada pelo PPGEH da Universidade Federal do Cariri (URCA), a disciplina foi ministrada pela Profa. Dra. Sônia Meneses. Para mim, a ementa da disciplina dialogava diretamente com as dúvidas que martelavam em minha cabeça desde a qualificação.

A proposta da disciplina era bastante arrojada e visava levar a turma a refletir sobre os aspectos fundamentais da história pública hoje, definições e conceitos, sua relação com ensino de história. Fomos inseridos nos mais recentes debates sobre o tema e eles, realmente, serviram como pontes entre a teoria e o ensino de história, que estão contidas no campo da História Pública. Durante quatro meses discutimos sobre os conceitos e os problemas da história pública, estabelecemos relações entre as questões da teoria e aspectos práticos da pesquisa em ensino de história, pensamos sobre os desafios para o ensino de história frente aos avanços dos negacionismos na cena pública, exercitamos questões teórico-metodológicas da escrita da história, práticas de pesquisa e lugares sociais do conhecimento histórico e, sobretudo, pesamos sobre o papel dos(as) professores(as) e historiadores(as) de história e as narrativas públicas, objetivos da disciplina.

Concomitantemente a realização da disciplina ocorreram as orientações da dissertação e a redefinição de rumos. No mês de setembro apresentei o esboço de um projeto possível, mas

tudo ainda no plano das ideias. Comecei a conversar com professores(as) da rede municipal de ensino do Acará e, informalmente, relatava o que queria realizar em minha dissertação. Falei sobre a importância da Cabanagem na história do Acará e tamanha foi sendo minha surpresa ao descobrir que muitos colegas de outras áreas e nativos do Acará tinham muito a falar sobre o tema.

No final do mês de setembro consegui projetar um primeiro objetivo que me parecia possível e coerente: Realizar entrevistas com moradores(as) do município do Acará que tenham memórias sobre a história da Cabanagem a relatar. Naquele momento eu já tinha um acúmulo dos debates feitos durante a disciplina História Pública e duas colegas da rede pública de ensino do Acará haviam sinalizado que concederiam entrevista falando sobre suas trajetórias de vida e sobre o que sabiam a respeito da história da Cabanagem no Acará.

3.4. Por que um *website*?

Do diálogo com a história pública resultou uma escolha acertada: a criação de *website* como produto desta dissertação de mestrado em ensino de história. Como se sabe, *website* é uma justaposição das palavras web (rede) site (sítio). Na prática um *website* é um agrupamento de páginas relacionadas entre si e que temos acesso em um determinado endereço na internet. Existem diversos tipos de *websites* disponíveis na internet, podendo eles funcionar como abrigo de páginas institucionais, informativos, voltados para blogs pessoais, ou que atendam a questões comunitárias, públicas. Nos *websites* podem ser colocados textos, imagens, vídeos, animações digitais e é possível estabelecer interação com o público.

Atualmente é possível encontrar na internet diversas plataformas gratuitas para a criação de *websites*. Estas plataformas oferecem serviços intuitivos de criação de *websites* e diversos templates (modelos) que podem facilmente ser manuseados por qualquer pessoa. Os resultados são surpreendentes desde que o projeto tenha uma boa margem de dados como textos, fotografias, vídeos e, sobretudo, ideias. Nessas plataformas quase tudo é possível, basta que você tenha um objetivo e saiba manusear as ferramentas para o desenvolvimento do site.

Antes de escolher qual plataforma iria utilizar, estudei a estrutura de três *websites* desenvolvidos por historiadoras e professoras de história. O primeiro deles foi o, já citado acima, Passados Presentes, coordenado por Hebe Mattos e David Scott. O segundo foi o *website* Ensinar História, desenvolvido pela professora de história Joelza Ester Domingues. O terceiro é o *website* Memorecord, desenvolvido por Anita Lucchesi. Os três sites serviram como referência e inspiração para o desenvolvimento do *website* Cabanos do Acará, que será descrito

na última seção dessa dissertação como produto voltado ao ensino de história. Do *website* Passados Presentes nos inspiramos no projeto de reconhecer a importância das comunidades, haja vista que “o projeto Passados Presentes foi elaborado a partir do Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos(as) e da História dos(as) Africanos(as) Escravizados(as) no Brasil”. Do *website* Ensinar História nos inspiramos na objetividade como temas de história são abordados, sobre como os artigos não tem a pretensão de serem artigos com linguagem acadêmica, mas sim com o objetivo de se comunicar com o público, além de ser um *website* voltado ao ensino de história. Por fim, o *website* Memorecord nos trouxe como inspiração o diálogo com a história digital e suas múltiplas possibilidades no campo da web 2.0 e da história digital.

Neste sentido, por que escolhemos um *website*? Certamente porque vivemos em um mundo conectado, por que as tecnologias digitais da informação e comunicação chegam a todos os lugares (com maior ou menor intensidade), porque podemos encontrar todo tipo de informação na internet, muitos são os porquês para essa pergunta. Mas a questão central que defendemos é: porque um site pode ser alimentado constantemente com informações textuais, imagéticas, audiovisuais e também com a interação do público, especialmente a interação de alunos(as) e professores(as) da rede pública municipal e estadual do município do Acará, público alvo prioritário do projeto.

Consideramos que o *website* Cabanos do Acará será uma importante ferramenta de ensino/aprendizagem, pois oportunizará ao(a) aluno(a) o usar a internet com o objetivo prático de pesquisar informações e criar informações que serão adicionadas ao *website*. Além disso o *website* nos permite discutir questões como capacidade de armazenamento de informações e memória, a importância da acessibilidade à internet na escola, flexibilidade e diversidade na pesquisa, manipulabilidade e interatividade na criação de conteúdo, garantindo assim um debate inicial sobre a importância do uso de qualidade da internet na escola.

Joelza Ester Domingues ao descrever o blog Ensinar História destaca que:

Os conteúdos priorizam os temas pertinentes à prática pedagógica do ensino de História que contribuam para o trabalho do professor e para a pesquisa do aluno. Dessa forma, o site abrange um variado espectro temático que transita entre temas recorrentes no currículo escolar a outros pouco mencionados em sala de aula, de política pública educacional a sugestões metodológicas, de pesquisas historiográficas recentes a atividades lúdicas para aplicar aos(as) alunos(as). (<https://ensinarhistoria.com.br/objetivo-do-blog/> Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues)

Embora o *website* Cabanos do Acará tenha um recorte específico, consideramos que ele contribuirá com o desenvolvimento de uma história comunitária no Acará, trazendo à tona a

histórias locais que poderão ser utilizadas nas aulas de história. No que se refere a experiência de Anita Lucchesi em seu *website* Memorecord, destacamos a ideia de trabalhar com a participação comunitária no desenvolvimento de um *website* dentro de uma proposta que engloba:

(...) memórias e narrativas de migração no Luxemburgo combinando um quadro de história cultural plural à uma análise histórica sistemática das memórias mediadas de migrantes no Grão-Ducado. O projeto adota a perspectiva da história vista debaixo e utiliza propões um aparato metodológico inovador, baseado em métodos de história pública digital. (...). Um dos principais objetivos deste projeto de pesquisa, (...), é a criação, de forma colaborativa, da plataforma Memorecord para uma narrativa digital alternativa sobre migração no Luxemburgo, com o objetivo de compartilhar memórias de diferentes gerações e comunidades on-line. (...)

O processo de construção e execução desta plataforma como um exemplo de fazer história pública com os meios de ferramentas e tecnologias digitais é o desafio empírico central desse projeto. A plataforma permitirá testar métodos digitais (por exemplo, crowdsourcing, web scraping, análise de redes sociais, leitura distante, topic modeling, web etnografia) para fazer história digital on-line e promover o engajamento ativo dos sujeitos do estudo. (<https://memorecord.uni.lu/pt/the-project/>)

Não temos a pretensão de avançar em direção as questões teóricas e metodológicas que Anita Lucchesi desenvolveu em sua tese de doutorado, mas trazemos para o nosso produto a ideia de colaboração e participação da comunidade através de depoimentos orais. Esse tema que será discutido mais adiante no item dedicado aos usos da história oral no *website* Cabanos do Acará. Por fim, consideramos o trabalho desenvolvido no *website* Passados Presentes a inspiração central do nosso projeto, pois ele tem como objetivo:

(...) reconhecer essas histórias e estimular o turismo de memória no Rio de Janeiro, o projeto Passados Presentes – memória da escravidão no Brasil, em parceria com as comunidades, desenvolveu um aplicativo para celular e construiu exposições permanentes no quilombo do Bracuí, no quilombo de São José da Serra e na cidade de Pinheiral. A sinalização turística e os memoriais a céu aberto buscam honrar as vítimas da tragédia da escravização e celebrar o patrimônio cultural negro erguido em terras brasileiras pelos que sobreviveram. O primeiro memorial foi inaugurado na cidade de Pinheiral em 2015, no primeiro ano da Década Internacional Afro Descendente instituída pela ONU (2015-2024). (<http://passadospresentes.com.br/>).

Turismo de memória é, sem dúvida, um futuro possível para o projeto Cabanos do Acará haja vista o potencial turístico dos lugares de memória existentes no município, entre os quais destaco a Fazenda Acará Açu, mas este é um debate para o futuro. Por hora finalizamos essa seção destacando a escolha da plataforma que abriga o *website* Cabanos do Acará.

Dentre as diversas opções de plataformas para a criação de site que estão disponíveis na internet optamos por utilizar a plataforma Wix.com. Por meio dela foi possível criar de forma gratuita e com o alta qualidade o *website* Cabanos do Acará. Entre outras ferramentas disponíveis no criador de site destacam-se a:

1. Escolha seu criador de site. Escolha que tipos de site você quer criar.
2. Selecione um template e personalize seu site. Escolha entre mais de 800 templates.
3. Arraste e solte mais de 100 recursos de design. Adicione textos, galerias, vídeos, arte vetorial e muito mais.
4. Edite a versão mobile do site. Otimize seu site para dispositivos móveis.
5. Prepare-se para os negócios. Crie uma loja virtual, sistema de agendamentos, área de membros e blog.
6. Publique o seu site e fique online. Comece a construir sua presença profissional online.
7. Gere tráfego para o seu site. Use as nossas ferramentas avançadas de SEO e soluções de marketing integradas. (www.wix.com)

O *website* Cabanos do Acará começou a ser desenvolvido no início do mês de outubro de 2023, quando reuni com um técnico em informática e com meu orientador para projetar o *website* que viria a se tornar o produto de minha dissertação. Colocava em ação os pontos a e b apresentados por Carvalho (2016), que são: a “elaboração do projeto” e “formação da equipe”.

- a) Elaboração de projeto: esta deve ser a primeira etapa de qualquer empreendimento de História Pública em redes sociais na Internet e envolve diversos subitens: percepção de tendências na historiografia, identificação de lacunas, definição de objetivos, elaboração de um plano de comunicação, definição da identidade visual, tutoriais, regras, público-alvo, abordagens temáticas, duração do projeto, plataformas, estratégias de divulgação e – quando for o caso –, criação e avaliação de cenários de sustentabilidade financeira, entre outros.
- b) Formação de equipe: um bom projeto de História Pública em redes sociais na Internet deve levar em conta a formação de uma equipe interdisciplinar de colaboradores. Jornalistas, sociólogos, antropólogos, especialistas em marketing, designers e programadores são profissionais que podem ser fundamentais para o êxito do projeto. (Carvalho, 2016, p. 45-46)

Importante desatacar que um projeto desta monta exigiu autofinanciamento e que a presença de um técnico em informática na equipe fez toda a diferença. Na reunião técnica tomei ciência de que existem diversas opções de páginas na internet que disponibilizam plataformas gratuitas e intuitivas para o desenvolvimento de *websites*, o que barateou os custos e me livrou do “medo” de desenvolver um site com programação aos moldes antigos.

A primeira decisão em relação ao projeto tratava-se exatamente dos objetivos, o que eu queria comunicar com aquele *website*? Expliquei que queria um *website* sobre a as memórias da história da Cabanagem no Acará, onde pudesse compartilhar entrevistas que seriam gravadas com a comunidade. Nesse momento surgiu o nome que daria identidade ao projeto, qual seja, “Cabanos do Acará”.

A segunda decisão era exatamente a identidade visual do *website*. Era preciso decidir sobre o público que a quem é destinado, cores, movimento, linguagem, abas, recursos, interatividade e outras ferramentas que definiriam qual plataforma de desenvolvimento de sites

seria a mais adequada. Definimos, inicialmente, que o público-alvo seriam os(as) estudantes(as) da rede pública municipal de ensino do Acará, que utilizaríamos as cores da bandeira municipal (verde, amarelo e vermelho), optamos pela disponibilização de informações e textos em formato de *blog* e que a interatividade seria limitada à inscrição dos(as) alunos(as) como membros da página.

Entre as opções de plataformas para a criação e edição de sites apresentadas, a que mais atendia aos objetivos do projeto foi a Wix.com. A plataforma permite aos usuários criarem sites em HTML5 e sites Mobile sem necessidade de conhecimento prévio em programação ou *design*. Os *templates* oferecidos para o desenvolvimento de sites são fáceis de personalizar e isso permite criar um site do zero, utilizando inclusive os recursos de inteligência artificial disponíveis. Em menos de uma semana tínhamos um protótipo do *website* Cabanos do Acará.

Ainda no mês de outubro, entre os dias 19 e 23/10/2023, realizei a primeira pesquisa de campo. A pesquisa foi devidamente projetada visando: a produção de conteúdo para o *website*; a criação de banco de dados de imagens e vídeos para serem utilizados na identidade visual do produto e a certeza de que outras possibilidades iriam aparecer durante a pesquisa de campo.

Carvalho (2016) destaca que a elaboração de um projeto em História Pública carece da “criação e avaliação de cenários de sustentabilidade financeira”. A contratação de uma equipe de filmagem e fotografia certamente é algo que está fora do planejamento financeiro de um mestrando. Só sabemos o tamanho do desafio que é fazer a História Pública acontecer quando estamos diante dele. No planejamento da pesquisa de campo estabeleci três objetivos:

1. Fotografar lugares de memória que fazem alusão à Cabanagem no Acará;
2. Realizar tomadas de vídeos registrando todos os lugares por onde passamos durante a pesquisa de campo;
3. Gravar duas entrevistas sendo uma na zona urbana e outra na zona rural do município.

Bourdieu (2006) em alusão ao trabalho de Robbe Grillet, relembra que “a realidade é descontínua, formada por elementos únicos justapostos sem razão de ser, difíceis de entender na medida em que ocorrem de forma imprevisível, sem propósito e aleatoriamente”. Como a realidade da vida, a realidade de uma pesquisa de campo ocorre também a partir da justaposição de eventos que nele ocorre. À medida que minha pesquisa de campo foi acontecendo, minhas perspectivas em relação ao trabalho que havia projetado foram mudando.

3.5. Construindo o *website* Cabanos do Acará com a participação da comunidade em fotografias, vídeos, depoimentos e entrevistas.

Esta seção inicia com uma ressalva importante: o *website* Cabanos do Acará ainda é um protótipo de um projeto maior que pretendemos desenvolver após a defesa da dissertação. Trata-se de um protótipo que vem sendo desenvolvido desde o segundo semestre de 2023, portanto, esperamos ampliar as ações que estão descritas, nesta dissertação, ainda de forma experimental.

Isto dito, passemos a descrição de uma das mais importantes ações que pretendemos desenvolver no *website* Cabanos do Acará: a divulgação de vídeos com entrevistas realizadas junto à comunidade acaraense. Até o momento da defesa desta dissertação realizamos e editamos duas entrevistas com professoras da rede pública de ensino do Acará. A primeira entrevista foi realizada com a professora Kátia Cristina Oliveira, moradora da Rua dos Cabanos e a segunda foi realizada com a professora Daise Souza da Cunha, moradora da comunidade Acará-Açu, zona rural do município e descendente da família de Félix Clemente Malcher, primeiro presidente cabano.

A Rua dos Cabanos é uma das principais ruas localizadas no centro da cidade do Acará. A rua é paralela a Avenida Comandante Pedro Vinagre, mais importante via da região central do município, onde está localizada a orla e também a zona comercial. Como podemos ver, duas das principais vias públicas do Acará prestam homenagem a história da Cabanagem.

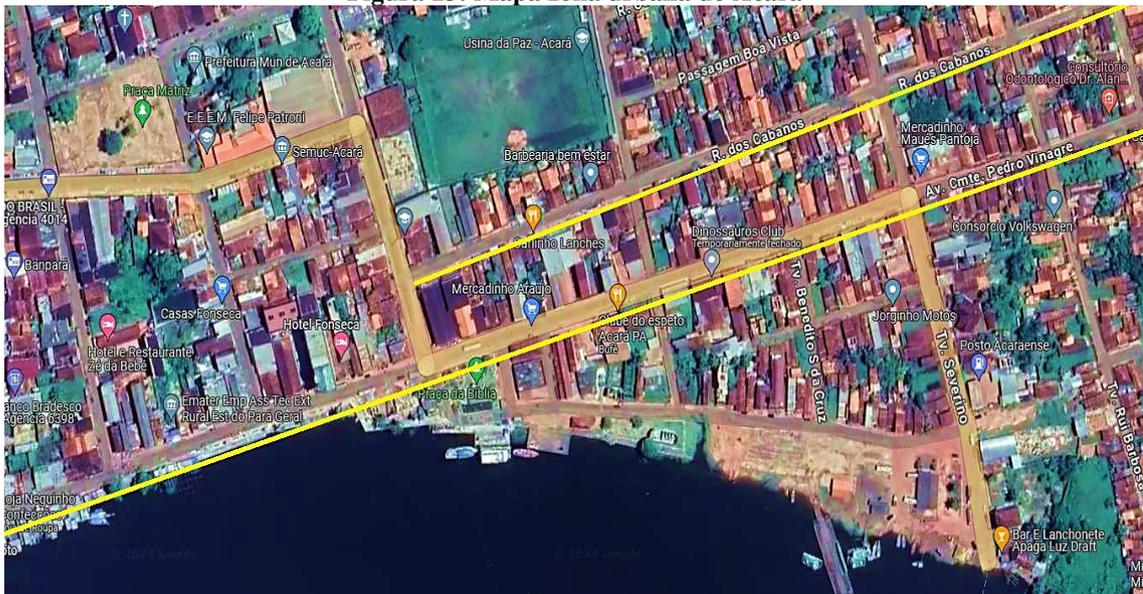
No primeiro dia de pesquisa de campo, tinha como meta fotografar e fazer tomadas de vídeo em lugares de memória que faziam alusão a história da Cabanagem na zona urbana do município do Acará. Interessante que há anos sou professor de história do município, conheço bem as ruas, os prédios, as comunidades, mas tudo muda quando você está com uma câmera e passa diante do público. Nora (2012) afirma que memória e história não são sinônimas e isso pude vivenciar nesse dia. A imagem e o mapa a seguir retratam a zona urbana do município do Acará e uma visão aérea das vias públicas que tem no logradouro nomes alusivos a história da Cabanagem (destacadas com a linha em amarelo).

Figura 12: Vista aérea da zona urbana do município do Acará/Pará



Fonte: https://viagemturismoaventura.blogspot.com/2020/04/acara-para-0019-5570.html#google_vignette

Figura 13: Mapa zona urbana do Acará



Fonte: Google Maps.

Nossos primeiros registros ocorreram na Rua dos Cabanos e Avenida Comandante Pedro Vinagre. Inicialmente fizemos tomadas de vídeo de toda a extensão das vias. Usamos o estabilizador portátil de celular para fazer os registros pela janela do carro e após isso fizemos algumas tomadas de vídeo à pé. A população que passava pela rua e alguns outros(as) moradores(as) que estavam na porta de suas casas notaram a movimentação e ficaram curiosos para saber o que se passava. Sabíamos um pouco da história da rua, mas foi no contato com os(as) moradores(as) que nos fizeram atestar a afirmação de Nora quando diz que a memória

“está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações” (Nora, 1993, p. 9). A sequência de fotografias a seguir fala um pouco sobre essa constatação.

Figura 14: Manoel Gonçalves em frente à sua casa



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Na fotografia vemos o senhor Manoel Gonçalves, aposentado. Pedimos a ele a autorização para fazer o registro fotográfico da sua casa e placa com o nome da rua que nela está afixada. Explicamos que o registro faria parte do acervo fotográfico de um projeto de pesquisa que tem como finalidade o ensino de história da Cabanagem no Acará e foi quando, além de permitir que tirássemos a fotografia da sua casa, ele também pediu que ele estivesse no registro e posou para a fotografia como alguém que sabe da sua importância para a história que queremos desenvolver. Após registrarmos as fotografias, Manoel Gonçalves falou que cresceu na zona rural do município e que lá sempre ouviu falar sobre as histórias da Cabanagem, disse que tem orgulho de ter sangue cabano e de morar na Rua dos Cabanos.

Ana Isabel Sousa Dias (2012) ao abordar a importância da relação entre fotografia e ensino de história, destaca que a fotografia é o testemunho de uma realidade, um momento congelado pela objetiva da lente da câmera. Para ela, somos uma sociedade fotográfica, muito embora a fotografia não seja sempre a reprodução fiel do real. Uma questão interessante que a autora também aborda é sobre como a fotografia estimula a oralidade em sala de aula, desde que levemos em consideração que a fotografia é um elemento basilar na construção do conhecimento histórico, dialogando com a análise textual e com a própria apreciação estética dos(as) alunos(as). Tal é o caso, por exemplo, da sequência de fotografias que fizemos com a comunidade acaraense. Por meio dessas fotografias pretendemos levar nossos(as) alunos(as) a se reconhecerem não somente nos lugares de memória, mas, sobretudo, nas pessoas e nas

paisagens que compõem o acervo fotográfico que estará disponível no *website* Cabanos do Acará.

Deste modo, o uso de imagens no ensino de História é uma necessidade constante do professor, que fala de um tempo e também de um espaço, que não é o do aluno. E estas podem desempenhar um papel tão importante como o documento escrito quando analisadas de forma a fornecerem e sistematizarem conhecimentos, já que, através delas, é possível transmitir um número quase ilimitado de informações sobre costumes, crenças, cerimônias, pessoas, técnica, arte, etc. (Dias, 2012, p. 35)

As imagens a seguir ilustram o cotidiano do centro da cidade do Acará, a arquitetura de algumas casas da Rua dos Cabanos e Avenida Comandante Pedro Vinagre. Nossa intenção com esses registros é estabelecer diálogos possíveis entre o cotidiano dos(as) alunos(as) que terão acesso a essas fotografias através do *website* e conceitos que vem à tona quando estamos trabalhando conteúdos relativos à história da Cabanagem tais como: líderes cabanos, povo, população ribeirinha, além de também poder trabalhar questões como alimentação e contextos típicos de municípios amazônicas.

Figura 15: Casa abandonada - Rua dos Cabanos



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 16: Casa de madeira - Rua dos Cabanos



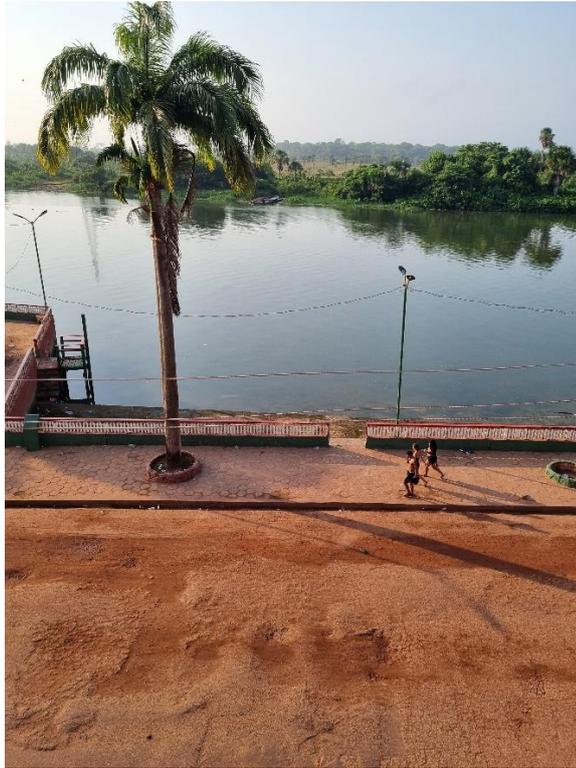
Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 17: Carochos de açaí - Rua dos Cabanos



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 18: Orla do rio Acará - Av. Comandante Pedro Vinagre



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 19: Vendedor de peixe seco na feira da Av. Comandante Pedro Vinagre



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 20: Venda de peixe e camarão seco - Av. Comandante Pedro Vinagre



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Aryana Costa (2019) no verbete “História Local” do Dicionário de Ensino de História, relembra que durante muito tempo a história foi escrita e ensinada sob uma perspectiva eurocêntrica. Fala sobre como, em geral, esse tipo de narrativa tende a tomar a parte pelo todo. Assim, por exemplo, a história de uma cidade como o Rio de Janeiro é tida como a história do Brasil e movimentos únicos como a Cabanagem são engolidos por uma engrenagem nacional que generaliza e reduz a história desses eventos a uma parte do todo que é a história do Brasil.

Um primeiro ponto a ser indicado é que dificilmente o material base com trabalhamos em sala de aula, ou seja, livros didáticos e apostilas conseguirá dar conta das nossas especificidades locais. Como são produzidos para atender professores e alunos de norte a sul do país, esses materiais costumam trazer uma abordagem mais “universal” da história, a que mais pessoas possam se relacionar e não têm como se aprofundar equanimemente em orientações para trabalhos referentes aos estados do Amazonas, Paraíba, Mato Grosso do Sul ou Santa Catarina, por exemplo. Muito menos cidades ou regiões diferentes dentro dos estados. (Costa, 2019, p. 134)

Por meio dos registros fotográficos que fizemos na cidade do Acará, em vias públicas que trazem nomes ligados à Cabanagem, pretendemos demonstrar para o(a) aluno(a) que é possível começar a trabalhar a história a partir da sua realidade e localidade. Nesse sentido, a história da Cabanagem não é um simples levantamento de nomes, datas e uma iconografia distante da vida do(a) aluno(a) do Acará, a história da Cabanagem pode ser vista na rua do município e por meio de pessoas que talvez esse(a) aluno(a) conheça. Exemplo disso são os possíveis diálogos entre a clássica pintura de Alfredo Norfini que retrata um cabano paraense e a fotografia de um vendedor de peixe seco na feira da Av. Comandante Pedro Vinagre.

Figura 21: À esquerda - Cabano Paraense (Pintura de Alfredo Norfini) / À direita: Vendedor de peixe seco na feira da Av. Comandante Pedro Vinagre



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Para Costa (2019), tal diálogo é possível dentro da perspectiva do ensino de história local, pois ajuda os(as) alunos(as) a desnaturalizarem a narrativa histórica a partir de outros marcos temporais e causalidades. Por meio desse diálogo, o(a) aluno(a) também entenderá que o que está escrito no livro de história também é um texto produzido por alguém e que, àquela narrativa, pode ser incrementada, confirmada ou modificada por eles(as) mesmos(as). Finalizamos essa primeira discussão retomando a autora quando afirma que “Mobilizar ‘matéria-prima’ propicia uma visão do *making of* da história, de uma primeira incursão em como ela é produzida” (Costa, 2019, p. 135).

Tão rica quanto as possibilidades de diálogos que encontramos nas ruas da cidade do Acará são as histórias que o povo do Acará conta sobre a Cabanagem. Neste sentido, o ponto alto do que projetamos para o *website* Cabanos do Acará está na divulgação de entrevistas que faremos com a participação da comunidade. Como se sabe, o processo de gravação e edição de vídeo é longo, por isso optamos por realizar apenas duas entrevistas que servirão de base para o projeto que pretendemos dar prosseguimento após a defesa da dissertação.

Nosso primeiro critério de seleção para a escolha das entrevistadas foi que uma delas fosse da zona urbana e outra da zona rural. Nosso segundo critério foi que essas entrevistadas fossem moradoras da Rua dos Cabanos e da Comunidade Acará-Açu (onde está localizada a Fazenda Acará-Açu, propriedade que século XIX pertenceu à Félix Clemente Malcher, primeiro presidente cabano). Duas colegas de trabalho se dispuseram a colaborar com as entrevistas, foram elas: a professora Kátia Cristina Oliveira e a professora Daise Souza da

Cunha. Tínhamos em mãos um roteiro para as entrevistas, mas consideramos que a espontaneidade com a qual os depoimentos foram gravados é o ponto central do trabalho que fizemos.

A primeira entrevista foi gravada com a professora Kátia Cristina Oliveira e dizia respeito a história de uma escola localizada no final da Rua dos Cabanos, na travessa Esperança, uma das transversais que corta a Rua dos Cabanos. Curiosamente a escola tem como nome *Escola Municipal 13 de Maio*. Pensamos que o nome da escola, que foi revitalizada e recentemente entregue a população, poderia fazer alusão a história da Cabanagem. Nossa hipótese girou em torno da história do 13 de maio cabano. No dia 13/05/1836, as tropas legalistas expulsam os cabanos de Belém e cerca de 800 deles foram mortos. Nossa curiosidade foi respondida durante a entrevista que realizamos com a professora Kátia Cristina Oliveira.

Figura 22: Escola 13 de Maio



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Kátia Cristina Oliveira é moradora da Rua dos Cabanos e professora da rede municipal de ensino. Atua na Escola Municipal 13 de Maio e viu tanto a rua quanto a escola se transformarem. As origens de Kátia estão ligadas à comunidade Araxiteua, na zona rural do município. A comunidade tem uma forte ligação com a história da Cabanagem no Acará e esse dado mobilizou bastante o modo como a professora construiu a sua narrativa em relação a sua trajetória de vida. A entrevista completa da professora Kátia Oliveira pode ser acessada no QR Code a seguir:

Figura 23: Entrevista com Kátia Cristina Oliveira



Fonte: Projeto Cabanos do Acará – Disponível em: <https://youtu.be/HYOWqH0IO4>.

Na entrevista prévia, perguntei à professora sobre a história da Escola 13 de Maio e ela contou sobre uma disputa que se criou em relação a isto. Disse a ela que era curioso que a escola, que fica localizada no final da Rua dos Cabanos, tivesse como nome a data que marca a retomada da capital Belém pelas tropas legalistas. Após o 13 de maio, em 1836, o movimento cabano se interioriza e ganha longevidade. Frustrando minhas expectativas, a professora explicou que o nome da escola, inicialmente, foi uma homenagem ao aniversário de Francisca Martins, ex-prefeita da cidade. Falou sobre como a prefeitura, naquela gestão, priorizou a educação no bairro e construiu a escola, mas que a atual gestão questionou a homenagem e chegou a pautar a mudança do nome da escola durante a reforma. A equipe de professores(as) se reuniu e pautou a prefeitura dizendo que para além da homenagem a ex-prefeita, a data também é uma referência ao dia 13/05/1888, quando foi assinada a Lei Aurea e decretado o fim da escravidão no Brasil. A atual gestão acabou concordando com a manutenção do nome da escola, desde que a memória celebrada fosse a da abolição da escravidão. Ao tomar consciência de que o dia 13/05/1836 simboliza o processo de interiorização da Cabanagem, a professora disse que é mais uma memória que pode ser trabalhada e nos mostrou o uniforme escolar dizendo que existem muitas memórias em relação ao nome 13 de maio da escola.

Figura 24: Uniforme da Escola 13 de Maio



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

A segunda entrevista que está disponível no *website* Cabanos do Acará é a da professora Daise Souza da Cunha e pode ser acessada no QR a seguir. Daise é professora da rede municipal de ensino do Acará. Nativa do município do Acará, Daise mora na comunidade Acará Açú, zona rural do município. Em seu depoimento ela falou sobre a importância da zona rural do município. Ao ser perguntada sobre a sua relação com a história da Cabanagem, a professora destacou que tem descendência cabana, sua família é oriunda de Félix Clemente Malcher, primeiro presidente cabano.

Figura 25: Entrevista com Daise Souza da Cunha



Fonte: Projeto Cabanos do Acará – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MFD0OfLtgBo&t=82s>.

Antes de falarmos sobre a entrevista, considero importante fazer uma síntese da história de Félix Clemente Malcher. O líder cabano e primeiro presidente eleito da Província do Grão-Pará no contexto da Cabanagem, foi filho de Antônio José Malcher e Anastácia Josefa Matilde de Sousa, nasceu no ano de 1772 em Monte Alegre. Durante sua vida foi militar e casou-se com Rosa Maria Henriques de Lima, filha de um rico proprietário de terras do Rio Acará, com quem teve o filho João Diogo Clemente Malcher (1820-1891), importante político paraense. A história de Félix Clemente Malcher está envolta em uma memória de traição ao movimento. Mark Harris assim escreve sobre o primeiro presidente cabano:

Um proeminente proprietário de terras foi declarado o novo presidente. No entanto, apesar de sua proclamação de lealdade ao Império do Brasil e a dom Pedro II, filho de Pedro I, a administração no Rio de Janeiro recusou-se a reconhecê-lo. Ainda assim, os rebeldes estavam no controle do governo provincial e buscaram manter a máquina administrativa em funcionamento. Facções logo surgiram, trazendo à tona antigas diferenças entre elites locais e seus contrários mais pobres. Soldados de uma facção (aliados dos pobres rurais e urbanos) enfrentaram aqueles do presidente (uma elite liberal). O presidente foi capturado: a caminho da prisão, foi morto por um tiro e seu corpo foi mutilado. (Harris, 2020, p. 30)

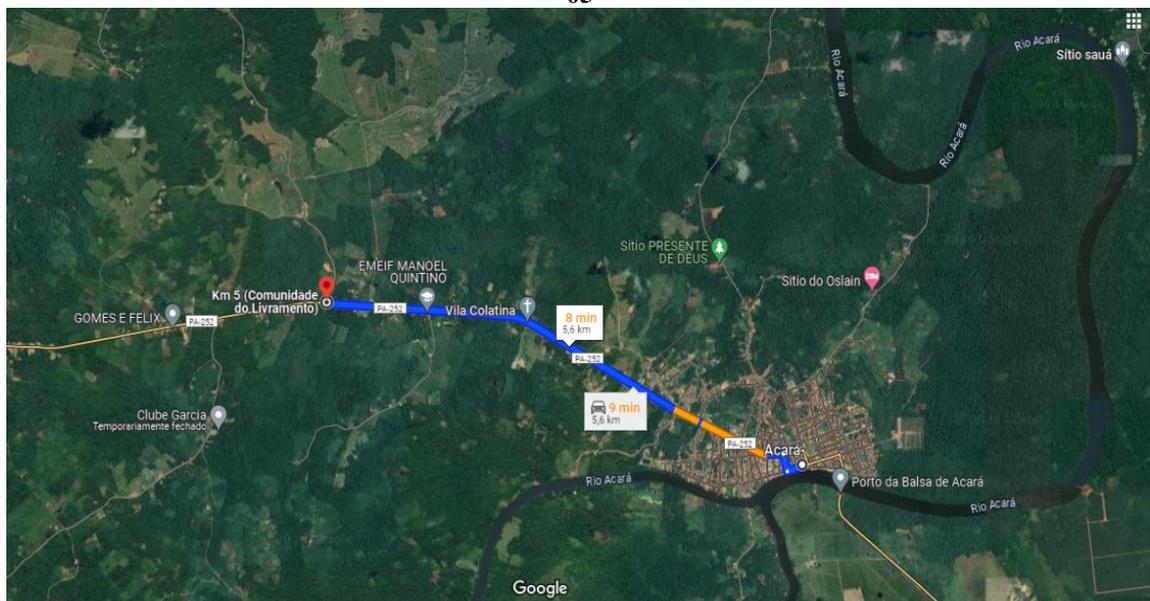
Quintiliano Barbosa foi o cabano que colocou fim a trajetória de vida de Félix Clemente Malcher. Tanto na narrativa de Mark Harris quanto em uma porção de *websites* na internet os relatos sobre o que aconteceu com o corpo de Clemente Malcher dão conta de um pós-morte trágico. A história do que aconteceu com o líder cabano atravessou o tempo, a memória e os documentos de seus descendentes. Seu sobrenome foi apagado do registro de nascimento de Daise Souza da Cunha e a história que nossa segunda entrevistada conta, dá a dimensão do trabalho que ainda precisa ser feito junto no projeto Cabanos do Acará.

O contato com Daise Souza da Cunha aconteceu da forma mais inusitada possível. Em um almoço, num restaurante à beira da estrada no Acará, reconheci um ex-aluno meu e fui cumprimentar a ele e sua família que estava à mesa. Comentei que estava desenvolvendo um projeto sobre o ensino de história da Cabanagem no Acará e vi os olhos deles todos mudarem. Meu aluno disse que ele e sua família são descendentes diretos de Félix Clemente Malcher e foi quando Daise Souza da Cunha, de forma espontânea, disse que tinha muita coisa para me falar. Fiquei surpreso com o fato inusitado e me disponibilizei a realizar uma entrevista com ela, em sua casa, na comunidade Acará-Açu. No dia seguinte organizei todo o equipamento de filmagens e partimos em direção a casa da professora.

Dados do *Diário de Bordo* da minha pesquisa dão conta da aventura que foi para chegar até a casa de Daise Souza da Cunha. Saímos do centro da cidade por volta de 08h da manhã. Acessamos o ramal do Km 05, localizado às margens da PA-252, próximo à Comunidade

Livramento. Como não estava em período de chuvas, no mês de outubro de 2023, o caminho na estrada de terra foi relativamente tranquilo. Eu conhecia apenas o “rumo” para chegar a Fazenda Acará-Açu, mas chegando até um dos pontos de travessia de barcos, após quase 1 hora na estrada, me disseram que não havia travessia naquele dia, mas que eu poderia ir rumo ao furo do igarapé Itapiocaba tentar a sorte. Seguimos rumo ao igarapé e no final de uma pequena estrada de terra encontramos um pequeno trapiche de madeira. Sentamos e lá ficamos esperando alguém aparecer com um barco para nos levar a casa da professora por cerca de mais 1 hora. Por volta das 10h30 da manhã uma rabeta⁴ com uma ex-aluna minha passou. Eu e a reconheci, chamei e perguntei se ela sabia onde a professora Daise Souza da Cunha morava. Ela estava acompanhada de seu pai que disse que sabia onde a professora morava e, solícito, se disponibilizou a nos levar. A ansiedade era tanta que acabei esquecendo no carro os microfones de lapela, essenciais para a boa qualidade da gravação da entrevista. Durante a travessia entre o igarapé Itapiocaba e a casa de Daise Souza da Cunha passamos em frente a Fazenda Acará-Açu. Os mapas a seguir marcam os locais que passamos até chegar ao local da entrevista. Os registros fotográficos após o mapa foram feitos com a intenção de dar ao leitor a dimensão do que essa entrevista representa para essa dissertação.

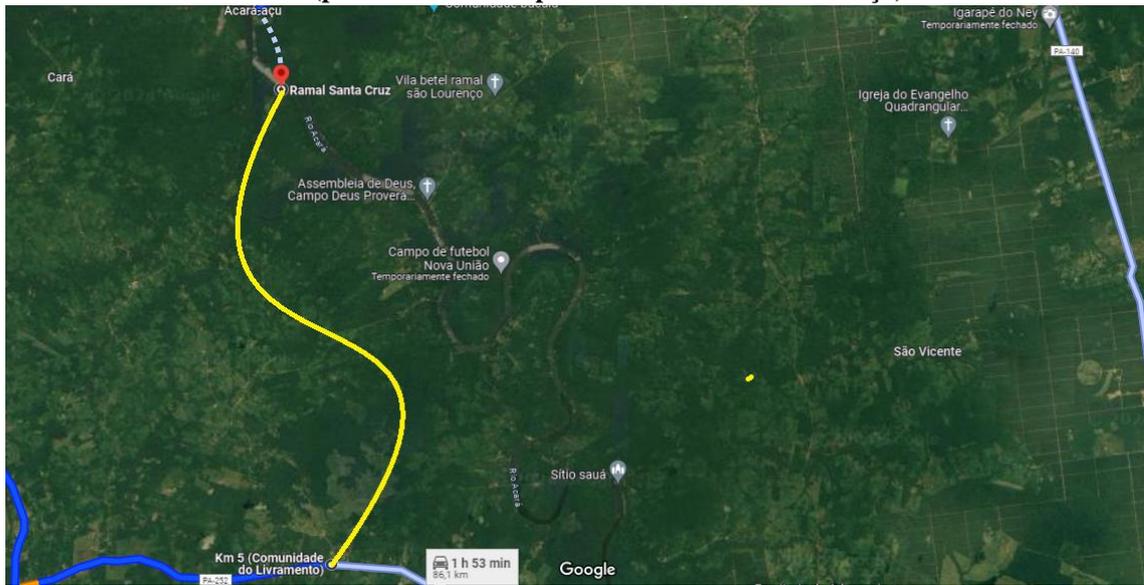
Figura 26: Mapa registrando o percurso entre o centro da cidade do Acará e a entrada do Ramal do Km 05



Fonte: Google Maps e Diário de bordo da pesquisa.

⁴ Pequena embarcação típica da região amazônica movida a partir de um pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira da embarcação é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções.

Figura 27: Mapa com trecho percorrido em estrada de terra entre a entrada do Km 05 e o Ramal Santa Cruz (ponto de travessia para a Comunidade Acará-Açu)



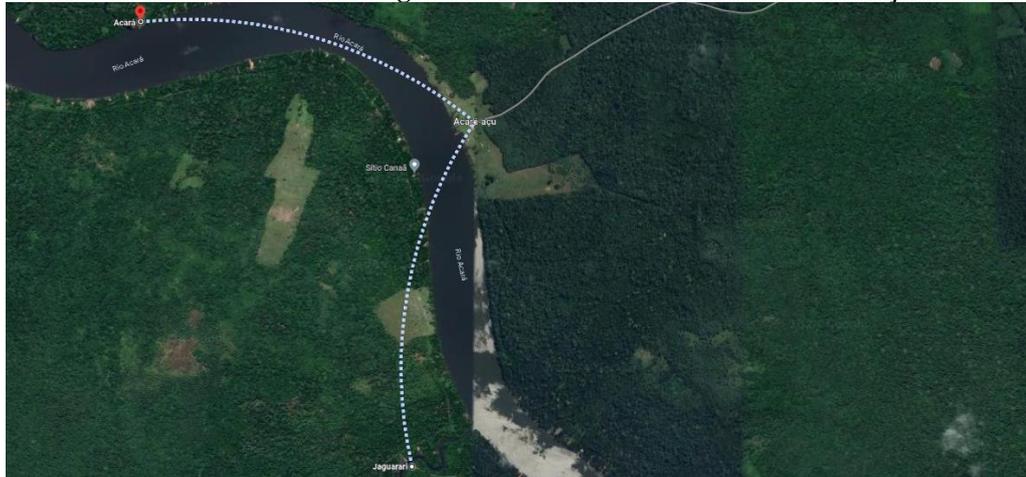
Fonte: Google Maps e Diário de bordo da pesquisa.

Figura 28: Mapa com o trecho entre o Ramal Santa Cruz e a travessia do Jaguarari às margens do igarapé Itapiocaba



Fonte: Google Maps e Diário de bordo da pesquisa.

Figura 29: Trecho entre a travessia do Jaguarari no igarapé Itapiocaba e a casa da professora Daise Souza da Cunha às margens do Rio Acará – Comunidade Acará-Açu



Fonte: Google Maps e Diário de bordo da pesquisa.

Figura 30: Ramal do Km 05



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 31: Ponto de travessia do Jaguarari no igarapé Itapiocaba



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 32: Travessia de rabeta entre o igarapé Itapiocaba e o Rio Acará



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 33: Família da professora Daise Souza da Cunha em sua casa às margens do Rio Acará



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 34: Retorno para a cidade de Acará após a entrevista. Ao fundo: Fazenda Acará Açú



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Fiz questão de disponibilizar os mapas e as imagens para que o leitor tenha a dimensão de como foi realizar uma pesquisa de campo, voltada para o ensino de história, em uma cidade do interior. Para além das entrevistas, do desenvolvimento do produto e de todos os diálogos possíveis com a literatura, enfrentar o desafio de produzir fontes para este trabalho foi um dos

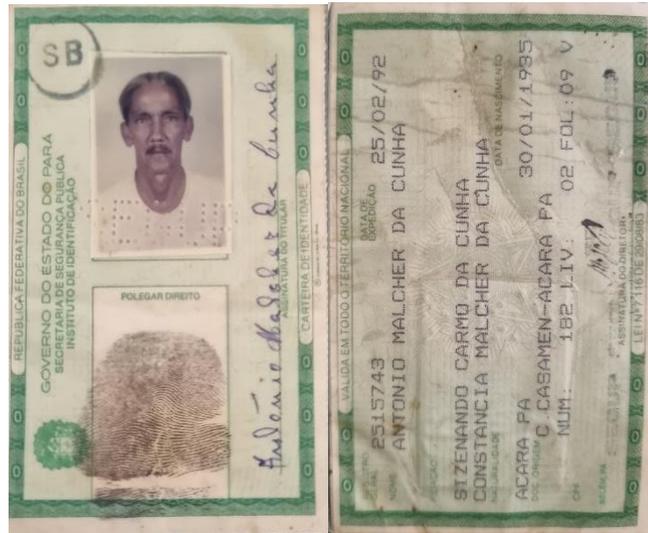
maiores desafios que enfrentei. Dessa forma, adquirir os equipamentos, estudar o roteiro das entrevistas e editar o vídeo para o *website* Cabanos do Acará só fará sentido, para mim, se o leitor conseguir imaginar como foi esse dia e também para que entenda a importância do Diário de Bordo na pesquisa em ensino de história.

A professora Daise Souza da Cunha nasceu na comunidade Acará Açú. Passou boa parte de sua vida na cidade de Belém onde estudou e obteve suas formações em letras e pedagogia. Após concluir seus estudos, retornou ao município do Acará, mais especificamente para a comunidade Acará-Açú, onde nasceu e cresceu. Durante a sua vida jamais imaginou que sua comunidade tivesse tamanha importância para a história da Cabanagem, só soube disso durante sua graduação em letras. Seu pai foi uma de suas referências de modo que, para ela, as histórias sobre a Cabanagem que ele contou valeram mais do que todas aquelas que ela conheceu através de livros. Quando perguntamos a ela sobre a relação da comunidade com a história da Cabanagem ela relatou que:

Desde que eu me entendo por pessoa, por gente, vamos dizer assim, dizem que Acará Açú é berço da Cabanagem, né? É berço, é lugar de concentração onde tu ficas, né? E aí depois passei a estudar, passei a investigar e fui estudar em Belém. Lá eu tive contato por meio de uma pesquisa com a história da Cabanagem, mas eu jamais imaginava que eu ia chegar a Acará Açú. Era o lugar de onde eu sou e quando eu fui pra faculdade fazer essa pesquisa, que eu vi essa relação, eu me assustei, porque enquanto aluna daqui que eu fui, quando criança, filha de moradores, eu jamais imaginava, eu não tinha esse conhecimento, eu nunca tinha ouvido falar na escola de Cabanagem, de berço da Cabanagem, da história da minha comunidade, né? E lá eu tive esse contato. Eu volto, eu imediatamente venho pra cá, eu procuro meu pai, eu sento pra conversar e ele me dá informações que na faculdade, na minha pesquisa, eu não consegui encontrar. Então ele me relata muita coisa. Ele começa a falar desse movimento, ele começa a falar da história melhor do que nos livros que eu fui pesquisar, né? Então começou a me interessar, né? Depois disso eu me formo, eu volto pra cá e aí eu comecei realmente nas minhas formações, no contato com os(as) professores(as), eu tive contato com um professor de Abaetetuba, de história, que eu não lembro o nome dele agora, e aí eu falava do meu nome, que eu era Malcher e ele falava: - Poxa, Daise, porque não tá no teu nome? E eu falava: - Ele achou que não era importante, pra ele, que era cristão, não era bem visto, vamos pensar assim. Ele falou: - Tenta resgatar isso, isso é muito forte, isso é histórico, né? Isso pesa. Então eu passei a conhecer, passei a me interessar, comecei a ler sobre a Cabanagem, comecei a estudar. (Cunha, 2023)

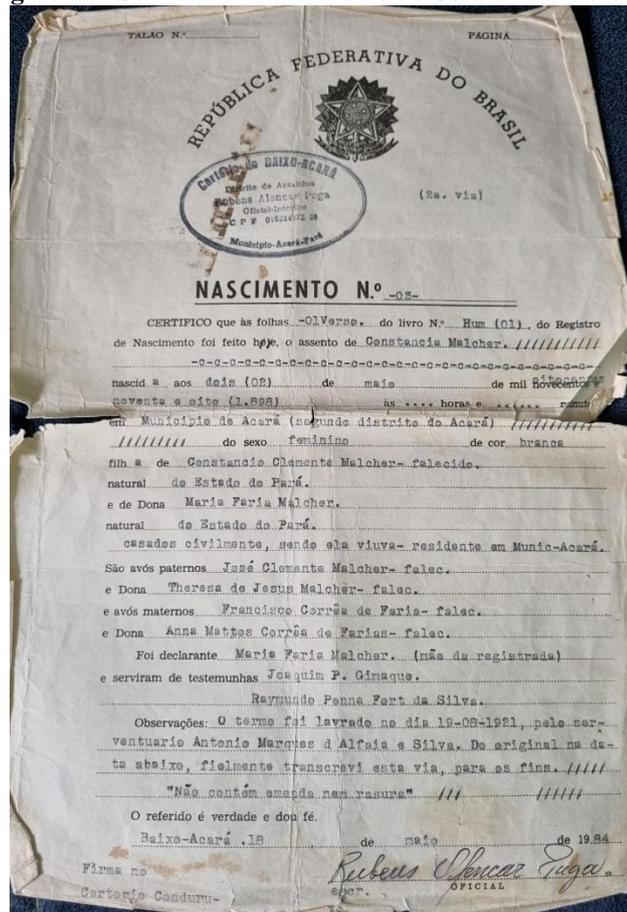
O pai da professora Daise Cunha foi Antonio Malcher da Cunha, nascido em 30/01/1935. Antonio Malcher da Cunha foi filho de Constância Malcher e Sizenando Carmo da Cunha. Ao final da sua entrevista, Daise Cunha fez questão de compartilhar conosco o Registro Geral de seu pai e a Certidão de Nascimento de sua avó, Constância Malcher da Cunha. Na Certidão de Nascimento de sua avó, nascida em 02/05/1898, é possível constatar que ela foi filha de Constâncio Clemente Malcher e Maria Faria Malcher.

Figura 35: Registro Geral de Antônio Malcher da Cunha



Fonte: Acervo pessoal de Daise Souza da Cunha.

Figura 36: Certidão de Nascimento de Constância Malcher



Fonte: Acervo pessoal de Daise Souza da Cunha.

Em que pese a importância dos documentos compartilhados pela professora e autorizados para que fizéssemos uso nesta dissertação, um dado chamou nossa atenção, qual seja, o aprendizado que ela desenvolveu sobre a história da Cabanagem. Ao longo de sua entrevista, Daise Cunha demonstrou grande conhecimento histórico e geográfico sobre a história da Cabanagem no Acará. Destacou que a história do movimento na região ocorre dentro do espaço geográfico das comunidades Tauaú, Acará-Açu e Fortaleza e estabeleceu relação entre o passado e o presente. Segundo ela, Tauaú, onde atualmente funciona uma fazenda particular que não permite acesso a propriedade, é uma localidade com relevo alto, utilizada durante a Cabanagem como uma espécie de porto de vigia. Os cabanos registravam a movimentação de tropas a partir de Tauaú e comunicavam aos líderes e membros do movimento que seguiam escondidos onde hoje é a fazenda Acará-Açu. O último ponto de esconderijo dos cabanos estava localizado na atual comunidade Fortaleza, onde se é possível ter acesso, mas com alguma dificuldade. Das três comunidades apenas a Acará Açu mantém preservados vestígios da época da Cabanagem como a igreja e cemitério. Após a entrevista de Daise Cunha, visitamos a Fazenda Acará Açu e fizemos registros fotográficos que podem ser vistos a seguir.

Figura 37: Sede da Fazenda Acará Açu



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 38: Igreja da Fazenda Acará Açú



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 39: Projeto Guardiões do Cacau - Fazenda Acará Açú



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 40: Escola Nossa Senhora do Desterro - Fazenda Acará Açú



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Figura 41: Vista do Rio Acará - Fazenda Acará Açú



Fonte: Diário de bordo da pesquisa.

Ao falar sobre a história da comunidade, a professora destaca a materialidade da história da Cabanagem. Segundo ela, a localidade guarda vestígios concretos como a igreja e o cemitério, mas ali também é possível ter acesso a igarapés artificiais construídos por escravizados(as) e uma porção de outras histórias, que o povo conta, e sobre as quais é possível ter a comprovação histórica. O final da entrevista de Daise Souza da Cunha nos fala sobre diversas questões importantes que dizem respeito à discussão sobre a história oral como metodologia e sobre as possibilidades de os usos do passado e da memória em sala de aula.

Não existe ser humano sem história, não existe comunidade sem história, não existe sociedade sem história. E essa história precisa ser valorizada, entendida e

compreendida por nós, pra que hoje (...) a gente possa fazer hoje para que o amanhã seja diferente, não é pensar no que foi ontem, o ontem já foi feito, não tem como você mudar lá, mas hoje você pode semear para que o amanhã seja diferente. E como eu falava ainda agora pra você, hoje quando eu falo assim pros meus filhos, pros meus alunos eu sempre faço esse teste na sala: - Quem quer ser professor? Ninguém quer, é um ou dois (...). Só que ser professor não é só dar aula pra criança, ser professor é ser profissional da sociedade, você tem acesso ao conhecimento, compartilha! Seja um historiador da vida, fala da sociedade, fala da realidade, das mudanças que a gente já viveu para que as mudanças que virão elas sejam diferentes, elas sejam mudanças positivas para nós. Né?! Então dizer pra muita gente que a história dos cabanos eles são só uma luz no fim do túnel para que a gente chegue as outras histórias. Por trás da Cabanagem, ao redor dela e diante dela existiram muitas outras pessoas que se movimentaram para que hoje a gente tivesse Acará Açú com esse título de berço da Cabanagem, né? Existiram pessoas aqui, eu falei do meu pai ainda agora. O meu pai ele tinha esse pertencimento muito forte de dizer eu sou de Acará, a minha mãe foi uma Malcher, a minha teve uma história, ela construiu algo pra cá, ela deixou seu legado! Né?! Eu sempre digo, eu não pretendo deixar o legado, ah a professora Daise foi, não! Eu pretendo que as pessoas olhem para uma coisa e digam: - ela contribuiu para isso, né? Ela fez parte disso, alguma coisa vem dela. É, um dia num encontro que eu participei uma pessoa perguntou para mim: - Professora, o que a senhora tem pra deixar hoje? Eu falava assim: - Filhos arrogantes, filhos rebeldes, pois a gente precisa ser rebelde, as vezes, sabe? A gente precisa realmente dizer, fazer ser ouvido e essa rebeldia no bom sentido. Então eu sempre digo pros meus alunos: - Sejam rebeldes um pouquinho, porque senão alguém passa por cima de você e você não pode, você não contribui e você fica, você vai ficando, porque na sociedade de hoje é assim, se você não se faz, alguém faz por você e você fica. É isso aí! (Cunha, 2023)

Verena Alberti (2004) afirma que podemos dizer que uma entrevista de história oral é um relato sobre o passado e sobre o que acontece na própria entrevista. Ela, assim como diversos(as) pesquisadores(as) da história oral, avalia que a entrevista é resultado da relação entrevistador(a) e entrevistado(a). Mesmo falando pouco, o entrevistador também faz parte do resultado da entrevista. Para ela, o que a entrevista documenta enquanto resíduo da ação:

Em primeiro lugar, ela é resíduo de uma ação interativa: a comunicação entre entrevistador e entrevistado. Tanto um quanto o outro têm determinadas ideias sobre seu interlocutor e tentam desencadear determinadas ações: seja fazer com que o outro entenda o relato de tal forma que modifique suas próprias convicções enquanto pesquisador (o caso do entrevistado).

Em segundo lugar, a entrevista de história oral é resíduo de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado. Note-se que, se chamo isso de *ação* é porque estou indo um pouco além da constatação inicial de que a entrevista é uma construção do passado. Tomar a entrevista como resíduo de ação, e não apenas como relato de ações passadas, é chamar a atenção para a possibilidade de ela documentar as ações de constituição de memórias – as ações que tanto o entrevistado quanto o entrevistador pretendem estar desencadeando ao construir o passado de uma forma e não de outra. (Alberti, 2004, p. 35)

Em ambas as entrevistas descritas nesta dissertação, nosso objetivo não era interpelar as entrevistadas sobre o que elas sabiam sobre a Cabanagem. Nosso objetivo era observar como a memória social da Cabanagem atravessou suas trajetórias de vida e como, por meio dessas memórias, podemos estabelecer diálogos possíveis com o ensino de história. Por meio das entrevistas que estão disponibilizadas no *website* Cabanos do Acará, queremos oferecer outras

possibilidades de interpretação do passado tendo como referências pessoas da comunidade acaraense. Para Santhiago e Valéria Magalhães (2015) a história oral pode ser entendida como a materialização desse diálogo, pois:

Ela insere alunos, professores e narradores em uma mesma conversa cultural. Ela é interativa e inerentemente disciplinar, resistindo à compartimentalização do conhecimento e fomentando, mais uma vez, os diálogos entre diferentes campos do saber. As vidas das pessoas (e as entrevistas que as revelam) são refratárias às disciplinas e lançam luz sobre vários aspectos da sociedade, do mundo, da experiência humana. Por isso tudo, a história oral ganha força. Em uma era de transformações profundas em nossas concepções sobre os processos de ensino-aprendizagem e sobre o próprio conhecimento – acompanhadas por novidades pedagógicas de significado discutível -, a história oral é um poderoso recurso de aproximação e construção de teias de diálogo. (Santhiago e Magalhães, 2014, p. 13)

Encerramos essa unidade reforçando que o *website* Cabanos do Acará reúne diversos tipos de fontes, muitas das quais foram produzidas durante o desenvolvimento da pesquisa para esta dissertação. Oferecer ao(a) aluno(a) acesso a um produto que está na internet, por si só já gera curiosidade e vontade de participar do processo de construção de conteúdo. Além disso temos oferecido um aprendizado mais efetivo e participativo, onde os(as) alunos(as) também poderão produzir fontes e compreender que a história é lida e interpretada a partir de diversificadas fontes de informação sobre o passado. Teremos ainda a possibilidade de observar questões importantes no processo de ensino e aprendizagem, tais como o desenvolvimento do pensamento crítico, a convivência com a diversidade, o reconhecimento do protagonismo deles como produtores de história, o reforço da consciência histórica, a compreensão das relações passado e presente, história e memória, além do exercício das habilidades de comunicação oral, escrita, fotográfica e audiovisual (Santhiago e Magalhães, 2014)

3.6. Ideias de última hora: fotografia, vídeo, verbetes de memória e diálogos possíveis entre humanidades digitais e cultura *maker*.

Durante a realização da disciplina História e História Pública, ofertada pela professora Sônia Meneses da Universidade Regional do Cariri no segundo semestre de 2023, ampliei meu olhar sobre o *website* Cabanos do Acará. Durante os quase cinco meses de realização da disciplina refleti sobre as definições e conceitos do campo e aprendi mais sobre como utilizar essas abordagens no desenvolvimento do meu produto. Também pude conhecer colegas de diversos estados do Brasil e como eles pensaram e desenvolveram seus produtos. Por fim, recebi diversas orientações que chamo de “ideias de última hora”, pois foram ideias que se agregaram

ao meu produto entre os meses de dezembro de 2023 e janeiro de 2024, quando estava concluindo a escrita da dissertação.

Como sabemos, por todo o mundo se discute a chamada “4ª revolução industrial”, também conhecida como revolução tecnológica na qual todos estamos direta, ou indiretamente envolvidos. A cada dia esta revolução tecnológica vem transformando os modos como vivemos, trabalhamos, nos relacionamos e estudamos, constituindo-se como uma das principais características da Sociedade da Informação e Comunicação. Essa nova configuração da sociedade, exige o desenvolvimento de cidadãos cuja capacidade de criação, inovação, resolução de problemas, comunicação e liderança esteja devidamente atrelada à uma formação humanística.

Dentro dessa perspectiva, as atividades experimentais são um diferencial num processo de ensino e aprendizagem significativo e colaborativo. É evidente que para se ensinar na Educação Básica de uma forma que faça sentido para o(a) aluno(a), deve-se tomar como ponto de partida situações-problema do cotidiano da comunidade local, pois trabalhando de forma contextualizada e com situações reais do seu cotidiano, o(a) aluno(a) tem a possibilidade de observar, criar, depurar, refletir, executar e conectar melhor os conteúdos físicos apresentados, tendo o uso das tecnologias como potencializador do processo de aprendizagem.

Utilizar as ferramentas e recursos tecnológicos disponíveis atualmente significa não somente uma questão de sobrevivência, mas também é o início de um verdadeiro processo de transformação e inserção social. Hoje falamos sobre a construção de uma sociedade onde o analfabetismo digital é vetor de exclusão social. Por isso, incorporar ao processo de ensino e aprendizagem estratégias em ambientes informatizados é importante, pois transpõe barreiras relacionadas ao aspecto estrutural/técnico, de formação e de superação de paradigmas educacionais, mas também necessário devido às inúmeras possibilidades metodológicas e pedagógicas que podem potencializar a relação dialógica entre *website* o Cabanos do Acará enquanto produto desenvolvido junto em um PPGEH/UFPA e as escolas da rede pública de ensino do Acará.

Experiência realizada por Anita de Almeida e Keila Grinberg (2009) aponta para a necessidade de desenvolvermos metodologias de ensino que façam o aluno se ver como parte do processo de produção do conhecimento histórico. A experiência proposta por elas envolve *WebQuests* e ensino de história. *WebQuests* são atividades de ensino/aprendizagem desenvolvidas para ajudar a usar a internet e a lidar com a quantidade de informações nela disponível.

Há 20 ou 30 anos atrás, os(as) professores(as) pediam aos(as) alunos(as) que fizessem uma “pesquisa” sobre determinado tema, e então eles recorriam às enciclopédias, copiavam as informações que achavam mais relevantes – ou que iam deixar o professor mais contente – e faziam uma compilação sobre o assunto. Agora, com o acesso à internet, esse tipo de “pesquisa” se tornou mais *fácil*, dispensando as cansativas horas de cópia. Basta um clique e está tudo impresso. E para que serve o que está impresso? Ai, então, é que começa propriamente a elaboração do “trabalho”: seguindo as instruções do professor, o material impresso é reelaborado e utilizado para montar exposições em cartolina ou arquivos em *power point*. A dificuldade já não está na coleta dos dados, embora estes possam ser mais ou menos confiáveis. Qualquer site de busca fornece respostas em volume surpreendente. Na verdade, o perigo é ser soterrado pela avalanche de informações, mas quase nunca ficar sem elas. (De Almeida e Grinberg, 2009, p. 210)

Passados 15 anos da experiência com *WebQuests* desenvolvida por De Almeida e Grinberg, vivenciamos atualmente um contexto onde escolas da rede pública de ensino precisam ser vistas como espaços privilegiados para o desenvolvimento de atividades relacionadas às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Esses projetos são de suma importância para reduzir barreiras à inclusão digital, atendendo as exigências do MEC que busca, por meio dos investimentos em educação, capacitar e qualificar melhor a juventude brasileira.

Mesmo imersos em um mundo digital ainda há resistência quanto a inserção das tecnologias dentro das escolas como ferramenta de ensino, na prática e planejamento diário dos(as) professores(as). Muitos(as) professores(as), escolas e setores, discriminam e não aceitam este benefício, o que se explica por inúmeros fatores, principalmente por lacunas deixadas na formação inicial docente. De acordo com os avanços da tecnologia e do processo impulsionado pela pandemia havia/há expectativas de que o uso das tecnologias nas escolas seja mais valorizado e reconhecido. Uma coisa é entender que a tecnologia ajuda e facilita a vida da sociedade, principalmente no meio educacional, mas não podemos nos deixar iludir e acreditar que os meios tecnológicos, hoje oferecidos, melhoram diretamente a aprendizagem do país.

Um fato interessante que merece espaço nesse contexto é que apesar da chegada das TDIC – juntamente com a internet – muitos(as) alunos(as) ainda não sabem sistematizar a quantidade imensurável de informações que são colocadas à sua disposição. No mundo hiper conectado que vivemos, não é suficiente que o(a) aluno(a) apenas “pesquise” sobre um determinado assunto ou tema, é preciso que essa informação seja transformada em conhecimento e que esse(a) aluno(a) se veja como protagonista do processo de transformação da sua pesquisa em conhecimento para pesquisas e trabalhos futuros.

Na última década o Ministério da Educação vem implementando importantes mudanças através da BNCC e, mais recentemente, desde o ano de 2020, o chamado “novo Ensino Médio” que busca mobilizar a sociedade brasileira e a escola em torno de um modelo de educação que vise os processos de aprendizagem baseados no pensamento científico, crítico e criativo e que promova a ampliação do repertório cultural do(a) aluno(a) a partir do uso de diferentes linguagens.

A formação humana integral e a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva foram norteadoras para a BNCC definir um conjunto de dez competências gerais que devem ser desenvolvidas de forma integrada aos componentes curriculares. Nos anos 2000, essa concepção começa a aparecer no Brasil por meio das grandes avaliações, como o ENEM. A partir dessas ações, uma série de medidas foram sendo implementadas no sentido de garantir uma base curricular que desse conta das questões que estavam postas nesse início de século. No texto da BNCC, a definição de competência aparece como a mobilização de conceitos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. É, portanto, a capacidade de mobilizar recursos, conhecimentos ou vivências para resolver questões da vida real com pensamento crítico, criativo e empatia.

No que tange a utilização das TDICs, a BNCC aponta, entre suas competências gerais a necessidade de alunos(as) e professores(as) criarem situações educacionais para que possam compreender e utilizar as tecnologias de forma crítica, reflexiva, significativa e ética nas diversas práticas sociais. Que sejam capazes de se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. Rompe-se assim, a ideia de uso apenas instrucional das ferramentas tecnológicas, partindo-se à uma perspectiva de construção e participação ativa no processo de ensino e aprendizagem. Já as habilidades indicam o que aprendemos a fazer e são sempre associadas a verbos de ação, como: identificar, classificar, descrever e planejar. No contexto escolar, ler e interpretar um texto, ou apresentar um trabalho para os colegas são exemplos de habilidades que os estudantes devem desenvolver ao longo do processo escolar.

Práticas de ensino/aprendizagem que envolviam *WebQuests* há 15 anos atrás se transformaram em movimento *maker* ou cultura *maker*. O movimento, que é inspirado na ideia de “faça você mesmo”, vem sendo cada vez mais incorporado ao campo da educação. Por meio da cultura *maker* estudantes são estimulados a serem protagonistas de seu aprendizado e, sobretudo, desenvolvem o pensamento computacional a partir da utilização dos pilares dessa cultura que são: criatividade, colaboração, sustentabilidade e escalabilidade.

O movimento *maker* estende esse pensamento para outros campos da sociedade, como por exemplo a educação. Hoje o conhecimento é apresentado de forma pronta e estruturada, quase como se tivesse sido fabricado. O estudante consome as aulas - sem compreender como certos conceitos foram criados, com foco apenas no conteúdo que cada disciplina tem a transmitir. Enquanto que na abordagem de aprendizagem por resolução de problemas (ou desafios), tão disseminada em espaços de educação *maker*, é preciso quebrar os problemas em partes, partir de pressupostos para então chegar à solução, formulando teorias e construindo-as por meio da experimentação. Neste sentido, a educação associada ao movimento *maker* é diferenciada em relação às aulas tradicionais porque o aluno adquire ferramentas para compreender e aprimorar os conhecimentos recebidos nas aulas expositivas, ou seja, o estudante aprende a aprender. (Brockveld, 2017)

A construção do *website* Cabanos do Acará ocorreu de forma concomitante à disciplina de História e História Pública e a cada semana fui percebendo que o produto tinha um potencial para além da simples divulgação de entrevistas. Em uma das orientações sobre o que poderia fazer para tornar meus alunos(as) protagonistas no desenvolvimento do meu produto, conheci o debate sobre humanidades digitais. Percebi que além de consumidores das informações que estão disponíveis no *website*, meus alunos(as) poderão ser também editores da página e gerar conteúdos que ficarão disponíveis na internet, por meio do site, como resultado das pesquisas que eles(as) mesmos(as) fizeram.

Chegamos ao ponto que explica a escolha do nome do nosso produto “Cabanos do Acará”. Cabanos do Acará serão os(as) alunos(as) da rede pública de ensino do Acará envolvidos no desenvolvimento de conteúdo para o *website* com o mesmo nome. Importante fazer uma última discussão teórica sobre o que são humanidades digitais e como pretendemos aproveitar dessa discussão para apresentar uma proposta de “última hora” para o produto que apresentamos nessa dissertação.

Como sabemos, nos últimos anos a internet foi povoada com discussões que tem como norte o negacionismo histórico. Espaços que antes eram vistos com certa desconfiança por historiadores como a Wikipédia passaram a ser ocupados por sujeitos que querem pautar o debate público sobre a história. A Wikipédia, atualmente, é um lugar privilegiado para onde estudantes da educação básica vão em busca de informações. Pesquisas para atividades de história são sempre encontradas na página. De acordo com a própria página a Wikipédia é:

A Wikipédia é um projeto de enciclopédia multilíngue de licença livre, baseado na web e escrito de maneira colaborativa. Foi lançado em 2001 por Jimmy Wales e Larry Sanger e é atualmente administrado pela Fundação Wikimedia (organização sem fins lucrativos que engaja pessoas para desenvolver conteúdo educacional sob uma licença livre ou no domínio público e para disseminá-lo globalmente), integrando vários projetos mantidos pela fundação. É formada por mais de 61 milhões de artigos (1 117 959 em português, até 30 de janeiro de 2024) escritos de forma conjunta por diversos editores voluntários ao redor do mundo. Em maio de 2023, havia edições ativas da Wikipédia em 321 idiomas.

Quase todos os verbetes presentes no sítio eletrônico podem igualmente ser editados por qualquer pessoa com acesso à internet e que possua um endereço eletrônico. Esta enciclopédia tornou-se a maior e mais popular obra de referência geral na internet. Em 2010, tinha cerca de 365 milhões de leitores. A Wikipédia é uma ferramenta de pesquisa amplamente utilizada por estudantes e tem influenciado o trabalho de publicitários, pedagogos, sociólogos e jornalistas, que usam seu material, mesmo que nem sempre citem suas fontes. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia>.

Segundo Terres e Piantá (2020), desde o ano de 2006 a Wikipédia recebe atenção da historiografia quando Roy Rosenzweig levanta questionamentos sobre a habilidade dos(as) wikipedistas enquanto historiadores(as) e faz uma análise do conteúdo histórico da Wikipédia anglófona, comparando seus verbetes aos de enciclopédias físicas reconhecidas. Hoje, historiadores(as) discutem a importância de ocupar este espaço e qualificar o debate público que se faz de modo colaborativo.

Em que pese a importância do debate sobre a ocupação de espaços na internet, que é pautada pelas chamadas humanidades digitais, um ponto sobre esse debate nos interessa, qual seja, como podemos trabalhar com as Wiki's no ensino de história? Como sabemos, há um potencial educativo a ser explorado nesse campo e visando aproveitar o debate sobre a construção de verbetes de forma colaborativa aos moldes da Wikipédia, propomos que os(as) alunos(as) da rede pública de ensino do Acará possam ser editores(as) de verbetes específicos ligados a história da Cabanagem e a história local do município do Acará.

Criamos uma área no *website* Cabanos do Acará a qual chamamos de “Verbetes de Memória”. Os Verbetes de memória foram projetados para funcionarem como um projeto de enciclopédia escrito de maneira colaborativa com alunos(as) da rede pública de ensino do município do Acará. A cada ano os verbetes são atualizados com mais informações coletadas em atividades de pesquisa desenvolvidas nas aulas de história. Todos os verbetes podem ser editados por qualquer pessoa com acesso à Internet e que esteja cadastrada no site. Outros verbetes podem ser adicionados ao site a qualquer momento. Nossa intenção é a de que os Verbetes de Memória sejam uma forma de divulgar os resultados das pesquisas de alunos(as) da rede pública de ensino do Acará, bem como da comunidade e visa dar visibilidade a história do Acará e à história da Cabanagem no município.

Uma outra área importante do *website* que será construída junto com os(as) alunos(as) da rede pública de ensino do Acará é a “Memória Fotográfica”. Vivemos rodeados de imagens e boa parte da nossa comunicação se faz através da produção de imagens sobre nossas vidas particulares, sobre o cotidiano, sobre nossos olhares para a cidade, etc. Por isso, é importante reconhecer a capacidade comunicativa das imagens (Mauad, 2009). Boa parte de nossos(as)

alunos(as) tem acesso a celulares, câmeras e compartilham imagens em suas redes sociais a todo tempo.

Quando debatemos a respeito da história da Cabanagem, diversos conceitos como os de povo, raça, comunidade, abandono, revolta, poder, lugar de memória são debatidos. Neste sentido, como consideramos que podemos aproximar os(as) alunos(as) da discussão dessa conceitual ao propor que eles produzam fotografias que representem tais conceitos e que essas fotografias fiquem armazenadas no *website* Cabanos do Acará. Ao longo dos anos teremos uma memória fotográfica como produto do trabalho de pesquisa e aprendizado desses conceitos e que serão expressos por meio de registros fotográficos.

Na descrição do produto a ser feita na última seção dessa dissertação consta mais informações sobre as áreas Verbetes de Memória e Memória Fotográfica. A discussão que apresentamos em nossas “ideias de última hora” dialogam ainda com o debate sobre “multimeios didáticos” e as TDICs, que são suportes de informação constituídos de vários materiais não convencionais. Todos os dias surgem novas tecnologias que podem tornar-se auxiliares no processo de aprendizagem e que podem ser utilizados em espaços e momentos diferentes. Tal perspectiva considera o fato de que professores(as) diante desses recursos necessitam aprimorar seus conhecimentos para que possam usar esses meios de forma eficaz, aliados ao ensino e ao planejamento para que saibam como, com qual recurso tecnológico e quando utilizá-los.

A questão que está posta para a educação básica e que atinge o campo da chamada “pedagogia dos multimeios” coloca a educação básica no cerne das considerações de Paulo Freire, sobre a educação não-formal. Quando ele afirma que os processos educacionais devem requerer do educador uma postura mais ativa dentro do trabalho que está realizando, ele pretende apontar para o fato de que esse educador possa ser a peça principal para a transformação nessa área, desde o local até o global.

Ao oferecermos aos(as) alunos(as) a possibilidade de edição e produção de conteúdo para o *website* Cabanos do Acará, temos a possibilidade de iniciar um processo de formação humanística que ocorrerá nos laboratórios de informática das escolas. Esta ação alia, portanto, formação técnica e humana, favorecendo a atitude historiadora dos(as) alunos(as) que se verão como parte do processo de produção do conhecimento histórico. Por meio do *website* poderemos falar sobre a importância de refletir sobre as transformações que queremos na educação básica pautadas de forma humanística e percebendo a importância das múltiplas linguagens não somente para a formação do cidadão pleno de direitos, mas, sobretudo,

pensando esse cidadão como agente de transformação da sua comunidade a partir do momento em que a escola oferece os meios adequados para tal percepção.

Cada vez mais a internet captura crianças, jovens e adultos que se colocam diante de uma cultura informacional que impulsiona aqueles que bem se servem desse campo. Assistimos cada vez mais o uso dos termos “criador de conteúdo”, “digital influencer”, “vídeo *maker*”, “blogger”, “youtuber”, entre outros que fazem parte do cotidiano da geração Z. Essa geração busca referências em jovens que nasceram e cresceram plenamente na era digital, ou seja, com acesso a computadores, celulares e internet a todo o momento.

O jovem conectado, ou hiper conectado irá consumir dentro de sua bolha, determinados conteúdos que poderão fazê-lo hiperfocar em um determinado assunto, ou tema, se arriscando perigosamente nas teias dos chamados algoritmos informacionais. Uma vez que esse consumidor de informação não souber fazer as pesquisas nas redes de forma adequada, poderá vir a se tornar um disseminador de informações falsas, cair em golpes e se isolar do mundo real, vivendo dentro de uma bolha virtual.

O contrário dessa realidade é visto no caso de jovens que usam tais tecnologias em seu favor e conseguem consumir conteúdos que dizem respeito a sua realidade social de forma humanística e dentro de um leque de linguagens que favorecem a sua atuação dentro do mundo. Assim assistimos a escalada crescente de jovens que criam conteúdos e os divulgam através de *podcasts* e *videocasts* na internet, jovens que criam marcas e lojas virtuais em redes que vão das mais conhecidas como o Facebook e Instagram, até as mais complexas plataformas de compra e venda na internet.

De criadores de *podcasts* que tratam de questões racionais e de gênero como Mano a Mano a grandes empresários do ramo da música como Kondzilla, todos souberam aproveitar as benesses da tecnologia ao fazerem a leitura correta das múltiplas linguagens que compõe o tecido informacional, mas sobretudo souberam ler a sociedade, suas complexidades e potencialidades. O *website* Cabanos do Acará vislumbra o ensino de história dentro dessa perspectiva e mira nas possibilidades que podemos alcançar com o passar dos anos e a medida em que pudermos validar questões que levantamos ao logo desta dissertação.

3.7. O *website* Cabanos do Acará: descrição do produto.

O Grupo de Trabalho Produção Técnica vinculado a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no ano de 2019 divulgou relatório do GT com a finalidade de aprimorar os instrumentos relacionados a avaliação da pós-graduação. Este

documento foi compartilhado durante as orientações do mestrado e é considerado requisito da dissertação de mestrado. De acordo com o documento são considerados “produto” todo trabalho que:

É o resultado palpável de uma atividade docente ou discente, podendo ser realizado de forma individual ou em grupo. O produto é algo tangível, que se pode tocar, ver, ler, etc. pode ser um cultivar ou conjunto de instruções de um método de trabalho. O produto é confeccionado previamente ao recebimento pelo cliente/receptor, que só terá acesso após a conclusão dos trabalhos. (Capes, 2019, p. 16)

O produto que apresentamos foi desenvolvido entre os meses de agosto de 2023 e janeiro de 2024. Trata-se de um projeto piloto a ser implementado na rede pública de ensino do Acará a partir da defesa desta dissertação, momento no qual ajustes serão feitos levando em consideração os apontamentos levantados durante a defesa da dissertação. De acordo com o documento é importante descrever critérios de impacto, aplicabilidade, inovação e complexidade do produto.

Diante do exposto ao longo deste trabalho, consideramos que o *impacto* do *website* Cabanos do Acará no ambiente social para o qual foi proposto é significativo, pois oferece novas perspectivas para o ensino de história; atende a uma demanda social de tempo presente de um município que foi berço da história da Cabanagem e que homenageia a história desse movimento em lugares de memória, mas que, no entanto, carece de meios para que alunos(as) e a comunidade tenham acesso a uma história pública do que foi a Cabanagem e o que pode ser debatido a respeito dela. Apresentamos dados de uma pesquisa de corte feita com alunos(as) da rede pública de ensino do Acará onde é possível constatar que embora reconheçam a história e a importância do movimento cabano no Acará, faltam elementos que garantam que esse passado chegue à sala de aula e ao cotidiano do público que demanda esse conhecimento. A pesquisa e o *website* são experimentais e visam atender a uma demanda específica de alunos(as) da rede pública municipal, mas a área impactada pela produção pode ser ampliada ao longo dos anos e à medida que o projeto for sendo implementado.

Do ponto de vista da *aplicabilidade* o *website* Cabanos do Acará dialoga diretamente com seu público alvo, estudantes da rede pública de ensino, em sua maioria adolescentes e considerados(as) nativos(as) digitais. Por se tratar de um site hospedado na internet é possível que não apenas estudantes tenham acesso e se tornem membros do projeto, mas também professores(as) e a própria comunidade. Critérios de validação podem ser estabelecidos a partir da avaliação dos pares e da divulgação dos trabalhos em eventos, revistas e em futuras pós-graduações.

Consideramos que o projeto tem médio teor de *inovação*, pois combina conhecimentos pré-estabelecidos, muito embora conjugue memória social e divulgação do conhecimento histórico em *website* na internet. Ao longo da dissertação apresentamos trabalhos desenvolvidos nesse sentido, tais como o *website* Passados Presentes e Ensinar História, referências para o desenvolvimento do nosso produto.

Quanto a *complexidade* item que avalia como uma propriedade associada à diversidade de atores, relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento de produtos técnico-tecnológicos, consideramos que o projeto piloto possui média complexidade pois envolve a participação da comunidade em depoimentos que tem como fim a divulgação da memória social sobre a Cabanagem no Acará.

DETALHAMENTO DO PRODUTO		
PRODUTO DE COMUNICAÇÃO (16)		
Nome do produto:	Cabanos do Acará	
Eixo principal:	Eixo 3 – Divulgação da produção.	Atividades relacionadas à divulgação da produção.
Produção técnica:	Produção de programas de mídia.	
Produto:	Produto de comunicação.	
Subtipo:	Produção de programas de mídia.	
DEFINIÇÃO		
O produto implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. Trata-se, portanto, de produto midiático. Mídia compreende o conjunto das emissoras de rádio e de televisão, de jornais e de revistas, do cinema e das outras formas de comunicação de massa, bem como, das recentes mídias sociais em suas diversas plataformas.	O projeto Cabanos do Acará está vinculado a plataforma de produção de <i>websites</i> Wix.com, portanto, implica a existência de um intermediário tecnológico para que a sua comunicação se realize. Trata-se de um produto desenvolvido dentro das recentes mídias sociais e suas diversas plataformas entre as quais o próprio <i>website</i> e um canal no YouTube onde são disponibilizados vídeos com entrevistas realizadas no âmbito do projeto.	
CAMPOS DESCRITIVOS OBRIGATÓRIOS		
Descrição do Produto de Comunicação e de sua finalidade (até 50 palavras): O <i>website</i> Cabanos do Acará é um produto de ensino de história e divulgação da história do Acará e da Cabanagem no Acará. Desenvolvido no PPGEH/UFPA, investiga a memória social da Cabanagem e oferece aos(as) alunos(as) da rede pública acesso às tecnologias da informação e comunicação nas aulas de história.		
Avanços tecnológicos/grau de novidade: (até 50 palavras): Inova ao oferecer, por meio de um <i>website</i> , uma plataforma de ensino história e de divulgação da história do município do Acará e, especificamente, a divulgação da memória social da Cabanagem no município. É um produto de história pública inovador no município que foi palco da Cabanagem no século XIX.		
<input type="checkbox"/> Produto com alto teor inovativo: Desenvolvimento com base em conhecimento inédito; <input checked="" type="checkbox"/> Produto com médio teor inovativo: Combinação de conhecimentos pré-estabelecidos; <input type="checkbox"/> Produto com baixo teor inovativo: Adaptação de conhecimento existente; <input type="checkbox"/> Produto sem inovação aparente: Produção técnica.		
Definir se o Produto de Comunicação é resultado do trabalho realizado pelo programa de pós-graduação ou se é resultado do trabalho individual do docente, o qual seria realizado independentemente do mesmo se docente de um programa ou não:		

O *website* Cabanos do Acará é resultado de um trabalho de pesquisa realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Pará (PPGEH/UFPA), sob a orientação do Professor Dr. Thiago Broni de Mesquita como parte de seu trabalho no campo da história pública.

Docentes Autores:

Nome: Thiago Broni de Mesquita CPF: 890.717.512-87 () Permanente (x) Colaborador/orientador

Discentes Autores:

Nome: Délcio Balieiro Frazão CPF: 697.967.852-34.

() Mestrado Acadêmico (x) Mestrado Profissional () Doutorado

Conexão com a Pesquisa

Projeto de Pesquisa vinculado ao Produto de Comunicação: Cabanos do Acará: as múltiplas possibilidades de usos de um *website* para o ensino de história da Cabanagem no município do Acará/Pará.

Linha de Pesquisa vinculada ao Produto de Comunicação: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

() Produto de Comunicação, sem vínculo com o Programa de Pós-graduação

Conexão com a Produção Científica

Relacione os artigos publicados apenas em periódicos que estão correlacionados a este Produto de Comunicação:

a) Título: _____

Periódico: _____

Outros dados: ano _____; vol _____; páginas _____ - _____; doi _____.

Campos descritivos opcionais*

Situação atual do Produto de Comunicação

(x) Piloto/Protótipo

() Em teste

() Finalizado/implantado

Recursos e vínculos do Produto de Comunicação

Data início: 01/03/2022

Data término: Produto seguirá sendo implantado após a defesa da dissertação de mestrado em ensino de história.

Total investido: R\$5.000,00

Fonte do Financiamento: Recursos próprios.

Aplicabilidade do Produto de Comunicação: faz referência a facilidade com que se pode empregar o Produto de Comunicação a fim de atingir seus objetivos específicos para os quais foi desenvolvida. Entende-se que um Produto de Comunicação que possua uma alta aplicabilidade, apresentará uma abrangência elevada, ou que poderá ser potencialmente elevada, incluindo possibilidades de replicabilidade. Para avaliar tal critério, as características a seguir deverão ser descritas e justificadas:

Descrição da Abrangência realizada: (até 50 palavras)

Vislumbramos, inicialmente, que o produto possa abranger alunos(as) da rede pública municipal do ensino do Acará em séries onde são aplicados temas relativos à história da Cabanagem (8º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio). Pretendemos abranger ainda professores(as) que tenham interesse em participar do projeto.

Descrição da Abrangência potencial: (até 50 palavras)

Por se tratar de *website* hospedado em uma URL pública na internet, portanto aberto ao público, consideramos que o mesmo tenha o potencial de atingir a população do município do Acará que, em especial municípes de comunidades que estejam envolvidos na produção de materiais para o site.

Descrição da Replicabilidade: (até 50 palavras)

Consideramos que apresentamos ao longo desta dissertação as bases teóricas e metodológicas utilizadas para a construção do produto. A validação dos resultados apresentados depende da implementação do produto ao longo

do tempo, o que pretendemos fazer ao longo dos próximos anos e com as considerações apresentadas na defesa desta dissertação.

Título do Produto de Comunicação: Cabanos do Acará.

Tipo de tecnologia (programas de mídia, de veículos de comunicação ou de mídia social): Mídia social hospedada em URL na internet.

Descrição: *Website* voltado para o ensino de história e para a divulgação da memória social sobre a história da Cabanagem no município do Acará/Pará.

Ano de Realização: 2022-2024.

Mídia de Veiculação: Internet.

Divulgação (impresso, digital): Digital

Data Inicial de Veiculação / Data Final de Veiculação (se necessário): não é necessário.

Instituição Financiadora: Projeto vinculado ao PPGEH/UFPA e financiado com recursos próprios.

URL: <https://cabanosdoacara.wixsite.com/cabanosdoacara>.

A produção necessita estar no repositório? Sim

Documentos Anexados

(x) a produção em si

ANEXOS

1. Página inicial do *website* Cabanos do Acará

Acesse o website Cabanos do Acará no QR Code:



O projeto

O projeto Cabanos do Acará é um produto voltado para o ensino de história e para a divulgação da história do Acará e da Cabanagem no Acará. Desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PPGEH/UFGA), tem como objetivo investigar memórias e história da Cabanagem no município do Acará/Pará a partir de entrevistas com moradores da cidade e oferecer aos alunos da rede municipal de ensino o acesso à novas tecnologias da informação e comunicação nas aulas de história.

Saiba mais



RUA
DOS CABANOS

149

Cabanos do Acará

**Kátia Cristina Almeida
Carneiro Oliveira**



Professora da Educação Básica no município do Acará/Pará

Kátia Oliveira é professora da rede municipal de ensino do Acará. Nativa do município do Acará, Kátia mora na rua dos Cabanos, zona urbana do município, desde o seu

Daise Souza da Cunha



Professora da Educação Básica no município do Acará/Pará

Daise da Souza Cunha é professora da rede municipal de ensino do Acará. Nativa do município do Acará, Daise mora na comunidade Acará Açú, zona rural do município. Em seu depoimento ela fala sobre a importância da zona rural do município. Ao ser

Verbetes de Memória

Verbetes de Memória é uma seção colaborativa do nosso projeto e é voltado para o ensino de história. Os verbetes disponíveis nesta seção são atualizados com a participação de alunos da rede pública de ensino do Acará, bem como com a participação da comunidade. Basta se cadastrar como membro do projeto na seção Membros e enviar sugestões de verbetes e atualizações.

Quer saber mais sobre os Verbetes de Memória, clique no link abaixo.

[About Me](#)



Memória fotográfica

Seção destinada a divulgação de memórias fotográficas do projeto Cabanos do Acará. As primeiras fotografias foram registradas durante pesquisas de campo realizadas no mês de outubro de 2023. Nos próximos anos a seção deve divulgar registros feitos por alunos da rede municipal de ensino de Acará.



Fazenda Acará Açu

Família da zona rural do Acará

Morador da rua dos Cabanos



"A herança cabana mais evidente e rica para mim está na lucidez com que o povo paraense percebe continuidades seculares entre seu mundo e o dos cabanos de 1835. Ainda hoje vários pontos de pauta dos cabanos estão por ser discutidos seriamente. Cito ao menos dois: a questão do acesso mais amplo e democrático à terra e a do respeito a diversidade étnica e cultural. Hoje já avançamos muito no regime democrático e esta luta felizmente estamos consolidando, mas ainda há muito a fazer em prol de um Pará e uma Amazônia mais humanizada e justa."

— Magda Ricci —

Juntos por objetivos em comum

Receba nossa newsletter

Email *

Assinar

Contato

Envie sua mensagem para
contato@exemplo.com

Desenvolvido por
Wix.com

2. **Página O Projeto do *website* Cabanos do Acará**
Acesse no QR Code:



The image shows a screenshot of a website with a dark green header. The header contains the logo 'Cabanos do Acará' on the left and a navigation menu on the right with items: 'Início', 'O projeto', 'Cabanos do Acará', 'Verbetes de Memória', 'Acará na rede', 'Mais', and 'Login'. Below the header is a large banner image. On the left side of the banner is a QR code. On the right side of the banner is a text block with the title 'A Cabanagem' in white serif font. The text block contains two paragraphs of white text on a dark green background. The first paragraph describes the Cabanagem as a social revolution in the Amazon that led to the loss of power during the imperial period, mentioning the province of Grão-Pará and the state of Brazil, and the actions of extermination between 1835 and 1840. The second paragraph mentions that the revolution resulted in the deaths of 30,000 people and that the local population only began to grow again in 1860, noting that the movement targeted mixed-bloods, Indians, and poor or enslaved Africans, but also spared a portion of the Amazonian elite (Ricci, 2007). The final sentence of the text block states that an important part of the Cabanagem history occurred in the village of São José do Acará, near Belém.

Cabanos do Acará

Início O projeto Cabanos do Acará Verbetes de Memória Acará na rede Mais Login

A Cabanagem

A Cabanagem foi uma revolução social amazônica que levou o povo ao poder, durante o período imperial, e que ultrapassou os limites da, então província do Grão-Pará. O Estado brasileiro, nascido em 1822, teve responsabilidade direta nesse processo: do abandono político, econômico e social da região às ações de extermínio que dizimaram a população da região entre 1835 e 1840. A revolução social dos cabanos que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou a crescer significativamente em 1860. Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia (Ricci, 2007).

Uma parte importante da história da Cabanagem ocorreu na vila de São José do Acará, próxima à Belém. Na época, a vila fazia parte da

O projeto Cabanos do Acará

Cabanos do Acará é um projeto de ensino de história que tem como principal público os(as) alunos(as) da rede pública de ensino do município do Acará/Pará.

O site Cabanos do Acará é parte e produto deste projeto que foi desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Pará.

Atualmente, o município do Acará/Pará possui uma forte relação com a história da Cabanagem. Com o objetivo de reconhecer essas histórias e estimular a discussão sobre a memória da Cabanagem no município do Acará/Pará, o projeto Cabanos do Acará busca ouvir, nas comunidades locais, relatos de moradores que falem sobre como a história da Cabanagem se constituiu como uma importante memória para o município.

O projeto é estruturado em um site experimental onde é possível ter acesso a duas seções voltadas para a divulgação e para o ensino de história. A primeira delas, é intitulada Cabanos do Acará, e tem como finalidade a divulgação de histórias e memórias da Cabanagem no município do Acará. A segunda, é intitulada Verbetes de Memória, nela é possível editar, de forma colaborativa, verbetes falando sobre pontos de memória da cidade. A pesquisa foi desenvolvida por Delcio Balieiro Frazão sob a



Coordenador

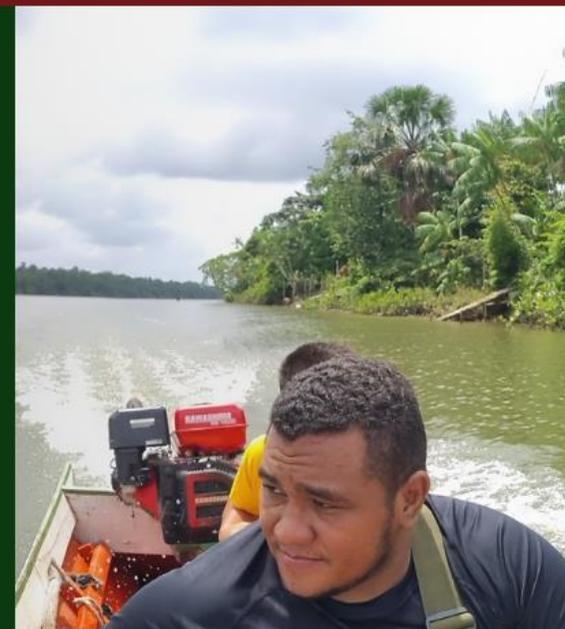
Prof. Délcio Luis Balieiro Frazão

Professor da rede estadual de ensino e da rede municipal de ensino do Acará.

Licenciado e bacharel em história (UFPA). Licenciado em filosofia (UFPA). Especialista em história contemporânea (FIBRA).

Discente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (UFPA).

About Me



3. Página Cabanos do Acará - Entrevistas

Acesse no QR Code:



Cabanos do Acará

Início O projeto Cabanos do Acará Verbetes de Memória Acará na rede Mais Login



Cabanos do Acará

A seção Cabanos do Acará é um blog integrado ao site. Destinado a divulgação de histórias e memórias da Cabanagem no Acará, a seção visa ser um ponto de encontro entre ensino de história e a comunidade.

All Posts

All Posts



cabanosdoacara
há 4 dias · 2 min

Nas margens do rio Acará: memórias e histórias da Cabanagem na zona rural do...

As margens do rio Acará tem muito rio e muitas histórias para contar. Em nossa segunda entrevista para o projeto Cabanos do Acará vamos

6 visualizações · 0 comentário



cabanosdoacara
18 de nov. de 2023 · 1 min

Katia Oliveira conta suas memórias na Rua dos Cabanos

Todo morador da cidade do Acará/Pará tem uma história para contar sobre a Cabanagem. O município, considerado por seus munícipes, berço...

15 visualizações · 0 comentário



4. Página Verbetes de Memória

Acesse no QR Code:



Cabanos do Acará

Início O projeto Cabanos do Acará Verbetes de Memória Acará na rede Mais Login



Verbetes de Memória

Verbetes de memória é um projeto de enciclopédia escrito de maneira colaborativa com alunos da rede pública de ensino do município do Acará. A cada ano os verbetes são atualizados com mais informações coletadas em atividades de pesquisa desenvolvidas nas aulas de história. Todos os verbetes podem ser editados por qualquer pessoa com acesso à Internet e que esteja cadastrada no site. Outros verbetes podem ser adicionados ao site a qualquer momento. Verbetes de memória é uma forma de divulgar os resultados das pesquisas de alunos da rede pública de ensino do Acará, bem como da comunidade e visa dar visibilidade a história do Acará e à história da Cabanagem no município.



Verbetes de Memória

18 de nov. de 2023

Acará

Cidade



[Read More](#)

18 de nov. de 2023

**Escola Estadual
Felipe Patroni**

Escola



[Read More](#)

18 de nov. de 2023

Escola Municipal

Escola



Cultura de Acará

Início O projeto Cultura de Acará Visitas de Memória Acará no rede Mais Login

< Back

Acará



Dados Gerais
18 de maio de 2023

Cidade



Acará ou São José de Acará é um município brasileiro do estado do Pará, pertencente a Mesorregião do Tocantins, localizada no norte brasileiro, a uma latitude 01°57'23" sul e longitude 48°11'46" oeste, distando 66 km do capital do Estado, Belém. O município possui uma população estimada em 22.912 mil habitantes, distribuídos em 4.310,82 km² de território territorial. Com acesso na rodovia BR-163 e, atualmente, graças ao alto padrão de gestão, estão sendo implementadas projetos voltados ao desenvolvimento econômico produtivo de São do Acará (SARÉ).

Etimologia
Ve também: Topônimos lusófonos no Brasil

O nome do região Acará deriva do rio de mesmo nome. O rio Acará vem do tupi e significa "rio de boa mata", um referência a uma paisagem brasileira, mais especificamente a floresta de Curió no Acará, encontradas nos rios do Rio São do rio.

História
Criada durante a expansão dos colonizadores portugueses em direção ao interior da Província de São-Paulo e Maranhão, de colonizadores "seculares colonos" do rio Acará fundaram um núcleo de colonização no rio de São José de Acará, em uma primeira colônia agrícola, entre os rios Acará-Miri (chamada pelas antigas e atuais moradores do estado de Acará, como no Prémio, o São-Francisco) e o rio Acará, após a cidade, que segue no sul, para o rio de São Acará.

Em 1822, com o êxodo da Província ao noroeste, ficou pertencendo a governo do Belém. Conforme João de Palma Moura e "Santos José de São-Francisco, em 1822 foi anexado o Progresso de São-Francisco de Muro, após a sua criação, em 1823, com a criação do Estado.

5. Página Acará na rede

Acesse no QR Code:



The image shows a screenshot of a website with a dark green header and a dark red main content area. The header contains the logo 'Cabanos do Acará' on the left and a navigation menu on the right with items: 'Início', 'O projeto', 'Cabanos do Acará', 'Verbetes de Memória', 'Acará na rede', 'Mais', and 'Login'. The main content area features a large photograph of a grassy field with palm trees in the background. Overlaid on the right side of the photograph is a dark green rectangular box containing the title 'Acará na rede' in white serif font. Below the title is a short paragraph in white text: 'Essa é a sua página de divulgação das entrevistas realizadas pelo projeto e também de divulgação de vídeos que falam sobre o município do Acará e sua história.' Below the photograph, on the left side, is a white square containing a QR code.

Cabanos do Acará entrevista Katia Oliveira

[Assista aqui](#)



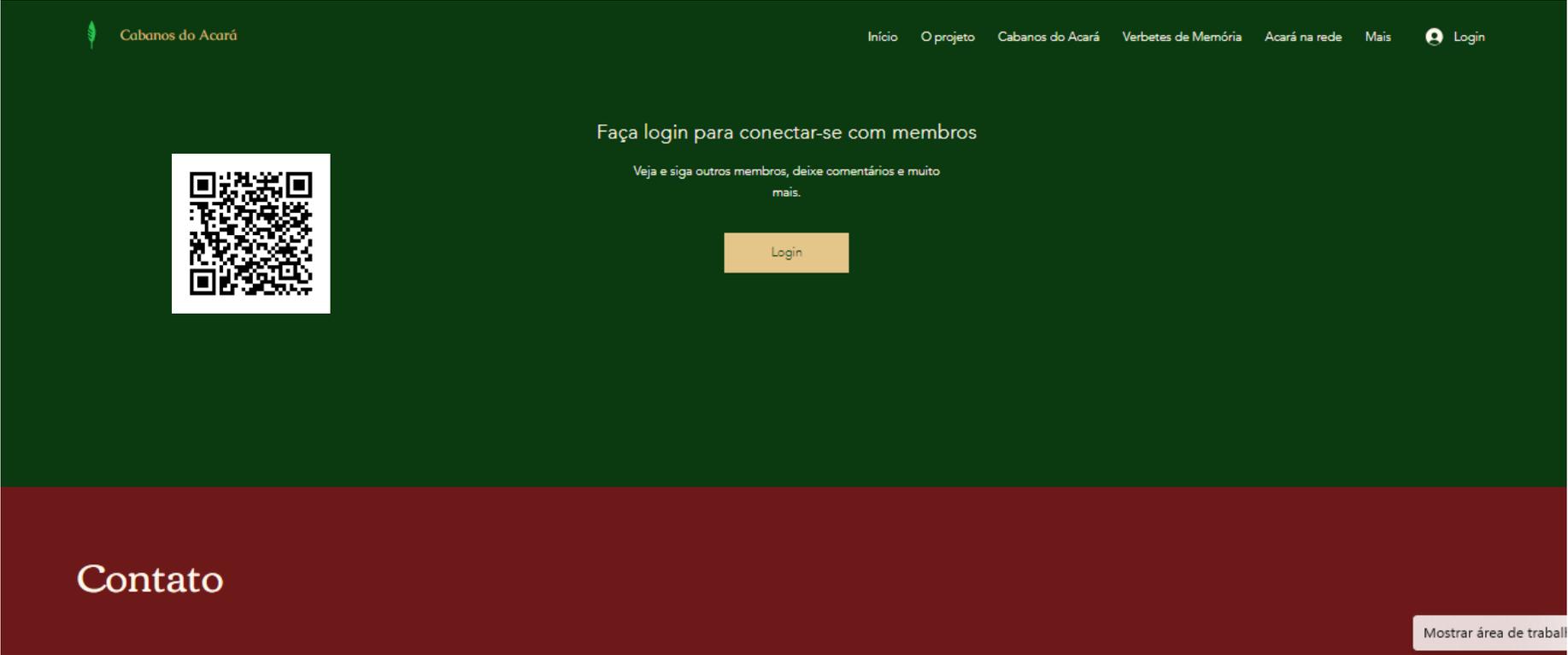
Cabanos do Acará entrevista Daise Souza da Cunha

[Assista aqui](#)



6. Página Membros

Acesse no QR Code:



The screenshot displays the 'Página Membros' (Members Page) of the 'Cabanos do Acará' website. The page has a dark green background. At the top left, there is a logo with a green leaf and the text 'Cabanos do Acará'. To the right, a navigation menu includes links for 'Início', 'O projeto', 'Cabanos do Acará', 'Verbetes de Memória', 'Acará na rede', 'Mais', and a 'Login' button with a user icon. The main content area is centered and contains the text 'Faça login para conectar-se com membros' (Log in to connect with members). Below this, it says 'Veja e siga outros membros, deixe comentários e muito mais.' (See and follow other members, leave comments and much more). A large QR code is positioned on the left side of this section. Below the QR code is a yellow 'Login' button. At the bottom of the page, there is a dark red footer with the word 'Contato' (Contact) on the left and a 'Mostrar área de trabalho' (Show workspace) button on the right.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego à seção final desta dissertação não com a sensação de dever cumprido, ao contrário, para mim ela é o começo de um trabalho que quero levar adiante em minha vida como professor da rede pública de ensino. Minha vida que inclusive faz parte da escrita desse trabalho, afinal de contas durante o mestrado em ensino de história aprendi que professores(as) devem fazer da sua prática o seu objeto de pesquisa e como ouvi da minha professora da disciplina História Pública “seu trabalho precisa ter a sua cara” afinal no ProfHistória, disse ela, “ensinamos(as) professores(as) a serem pesquisadores(as)”. Se lá atrás, na qualificação desse trabalho, ouvi que minha biografia não importava, mas sim o produto, chego às considerações finais afirmando que sim! A trajetória de todo e qualquer professor(a) que se propõe fazer um mestrado profissional em ensino importa e pode e deve ser escrita. Nossas histórias são parte dos nossos produtos.

Isto dito e levando em consideração a extensão do texto que submeti as considerações da banca, serei breve em minhas considerações finais. A primeira delas fala sobre a importância do nosso esforço de memória para lembrar como nós aprendemos história para daí então refletir sobre como ensinamos e, estabelecermos hipóteses, sobre como nossos(as) alunos(as) aprendem história. Quando me foi lançado o desafio de lembrar os meus tempos de aluno da educação básica, imaginei que isso não pudesse fazer o menor sentido, mas ao chegar ao final dessa dissertação vejo o quanto esse exercício me fez refletir sobre como eu ensino e sobre como o produto, que apresento como resultado dessa dissertação, pode alterar os rumos sobre como meus alunos(as) aprendem. Se na minha época aprendi sobre Cabanagem lendo o mundo ao meu redor, supostamente compartilhando de uma memória coletiva presente na inauguração de monumentos na cidade de Belém e vivenciando a luta para conquistar a política na periferia de Belém, hoje, por meio do *website* Cabanos do Acará posso não somente falar sobre a minha experiência, mas dividir com meus alunos(as) histórias de vida de pessoas da comunidade acaraense, posso convidá-los a saber mais sobre o que são lugares de memória e mostrar que há potencial na pesquisa que eles(as) fazem, mostrar que, assim como os cabanos de antes, eles também são protagonistas de suas histórias e que o passado sobre a Cabanagem no Acará segue vivo e em constante transformação.

Ainda na linha de reafirmar a importância de nossas biografias e nossas trajetórias entre a formação de professores(as) de história e nossa chegada às salas de aulas, quero falar sobre como vi esta experiência. Revisitar o Bloco B de História da UFPA, hoje faz todo sentido. Ao lembrar meus tempos de graduação pude compreender o sentido do fluxo professor(a) –

pesquisador(a) – professor(a), tema bastante debatido no PPGEH/UFGA. Após a graduação quando chegamos à sala de aula é comum normalizar a prática de ler e explicar apenas aquilo que está nos livros didáticos, acabamos esquecendo de tudo aquilo que lemos e aprendemos em nossa formação. Como meu orientador e eu somos contemporâneos do Bloco B, pudemos em muitas das nossas conversas lembrar um pouco do que vivemos quando a escrita da história da Cabanagem estava sendo (re)escrita. Rer ler tantos artigos daquela época fez todo sentido hoje e nesse “rer ler” vi o quanto cresci não apenas como pesquisador do ensino de história, mas, sobretudo, o quanto posso crescer como professor que vê na sua trajetória o seu objeto de estudo. Foi a partir dessa virada de chave que li as indicações feitas nas orientações e, de alguma forma, estabeleci relações possíveis entre historiografia, ensino e criatividade para unir esses universos ao desenvolvimento de um produto que agrega a participação da comunidade como parte dos instrumentos que poderei utilizar em minhas aulas visando o desenvolvimento da atitude historiadora de meus alunos(as).

A terceira e mais extensa seção foi dedicada ao processo de criação do *website* Cabanos do Acará. Diante de tudo que vivi nos últimos dez anos como professor da rede pública de ensino do município do Acará/Pará posso afirmar, a Cabanagem é uma demanda social de tempo presente para esse lugar. Partir do presente para compreender o passado foi mais uma das experiências que experimentei ao longo desta dissertação e para isso gerei dados que confirmassem as hipóteses que tinha em relação aos meus alunos(as). De acordo com os dados levantados foi possível concluir que “supostamente” a maioria deles(as) desconhecia a história da Cabanagem, mas a mesma maioria reconhecia a importância do tema e também conheciam lugares de memória que prestavam homenagem a história do movimento. Concluí que mesmo com aulas expositivo-dialógicas meus alunos(as) possuíam uma bagagem e conhecimentos sobre o tema e isso fez com que eles interpretassem conceitos importantes durante as aulas partido de suas perspectivas e do tempo presente.

Outras perspectivas se abriram, conheci mais sobre a história pública e percebi que uma história pública da Cabanagem no Acará/Pará é absolutamente possível. Do contato com a disciplina História Pública, ministrada por Sônia Meneses (URCA), pude conhecer o trabalho de colegas de todas as regiões do Brasil. Nas orientações conheci o projeto Passados Presentes: memória da escravidão no Brasil e desenvolvi a pauta para criação do produto que apresentei nessa dissertação. Se em meados do ano de 2023 eu dava os primeiros passos no desenvolvimento de um *website*, hoje posso dizer que vejo o potencial do meu produto e tenho buscado meios para aprender mais sobre a criação e o desenvolvimento de plataformas digitais na *web*, edição de vídeo e outras ferramentas que foram comigo compartilhadas durante as

orientações. Considero que o *website* Cabanos do Acará trará a presença do passado cabano do Acará para a sala de aula à medida em que for implementado.

A pesquisa de campo realizada no município do Acará foi o ponto alto do trabalho que desenvolvi em equipe a fim de gerar conteúdo para o *website*. As gravações, o diário de bordo, as entrevistas e tudo que ocorreu nos dias de pesquisa de campo mudaram meu olhar sobre como me vejo como professor – pesquisador – professor. A dimensão do trabalho a fazer é imensa, assim como os próprios trabalhos de mineração (termo que conheci recentemente) das informações geradas e edição. Para se ter ideia o trabalho de edição das duas entrevistas que realizamos durou 1 mês cada. Muito embora eu ainda não saiba fazer a edição de um vídeo de forma autônoma, durante a disciplina de História Pública aprendi sobre a importância dos detalhes, a posição da câmera, a diferença entre faixas de vídeo, faixa de áudio, faixa de música, faixa de texto e a escolha de templates de entrada e saída; um universo que nunca imaginava conhecer e que jamais pensei que poderia fazer parte do que hoje conheço como ensino de história.

Em meio aos tantos desafios que uma dissertação para um mestrado profissional possa apresentar a nós, professores da educação básica, que seguimos em sala de aula durante todo esse processo, uma orientação de “última hora”: “Precisamos envolver os(as) alunos(as)”. Em um final de ano letivo dialoguei com as “humanidades digitais” e “cultura *maker*”, temas apresentados como uma forma de fazer meus alunos(as) se envolverem diretamente com a produção do *website* Cabanos do Acará. Sobre isso, considero que eles têm muito a contribuir, são da geração dos “nativos digitais” e, como professores(as) de história que somos, sabemos que só de falar que as aulas de história irão ocorrer nos laboratórios de informática, já temos motivos suficientes para ter o interesse pela aula em nossas mãos. Essa foi a maior das limitações que enfrentei, desenvolver um produto que, ainda, não foi testado junto aos meus alunos e alunas.

Chego ao parágrafo final de minha dissertação informando que o Projeto Cabanos do Acará foi inscrito junto a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) e foi contemplado com carga horária para o ano de 2024. Ao longo deste ano poderei implementar o produto que desenvolvi e observar na prática as perspectivas e limitações que ele oferece. Em minha biografia estará registrada a história de um professor da educação básica que aprendeu muito entre os meses de agosto de 2023 e o depósito dessa versão para a defesa. Me reinventei de diversas formas, lutei contra a ansiedade e contei com o apoio de tantas pessoas que tornaram possível o *website* Cabanos do Acará. A essa fase da vida, aprendida no curso do mestrado profissional em ensino de história atribuo o nome de recomeço.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcelo Santos de, Cunha, Nara Rúbia de C. Cultura de história, história pública e ensino de história: investigação e formação de professores de história. **Revista História Hoje**, v. 8, nº 15, p. 111-134 – 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO ACARÁ. **Documento Curricular do Município do Acará**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. 2022

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO ACARÁ. **Plano de Ensino do Acará - Biênio 2015/2016**: Ensino Fundamental II. 2015.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FVG, 2013

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história. Rio de Janeiro: FVG, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. As tempestades que habitam o paraíso: reflexões em torno das utopias do mundo contemporâneo. In COELHO, Fabiano. LEITE, Eudes. PERLI, Fernando. **História**: o que é, quanto vale, para que serve? São Paulo, Letra e Voz. 2021.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo. O que a história oral ensina à história pública? In Mauad, Ana Maria; Santhiago, Ricardo; Borges, Viviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo, Ed. Letra e Voz. 2018.

ALVES, Davison Hugo Rocha. **Contando a História do Pará**: A disciplina ‘Estudos Amazônicos’ e os livros didáticos (1990 – 2000). São Gonçalo-RJ: Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2016.

ALVES, Edivania Santos. **Marchas e contramarchas na luta pela moradia na Terra Firme (1979-1994)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2010.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021 <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-09>.

BAENA. A. L. M. **Ensaio corográfico sobre a Província do Pará**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

BARBOSA, M.M.C. **O Povo cabano no poder**: memória, cultura e imprensa em Belém – PA (1982-2004). 2004. Dissertação de Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2004.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2018.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BRAGA, Theodoro. **Apostilas de história do Pará**. Belém: Imprensa Oficial, 1915.

CARMO, C. S.; FARIA NETO, Alcyr M. O Memorial da Cabanagem como espaço colateral. In: 1º Congresso Internacional: Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre. **Anais do 1º Congresso Internacional Espaços públicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. v. 1.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Transversos: Revista de História**. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In: MAUAD, Ana Maria; Santhiago, Ricardo e BORGES, Viviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo: Letra e Voz, 2018.

CAUVIN, Thomas. A ascensão da história pública: uma perspectiva internacional. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 11, n. 23, p. 8-28, maio/ago. 2019.

COSTA, Aryana. História local. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e DE OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (Coord.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2019.

COSTA, Marcella Albaine Farias da; FRANCO, Aléxia Pádua. Cultura digital e ensino de história: diferentes abordagens e metodologias. In PEREIRA, Nilton Mullet. ANDRADE, Juliana Alves de. **Ensino de história e suas práticas de pesquisa**. São Leopoldo, OIKOS. 2021.

CRUZ, Ernesto. **História do Pará**. Belém: UFPA, 1963.

DE ALMEIDA, Anita Correia Lima e GRIBERG, Keila. As *WebQuests* e o ensino de história. In: ROCHA, Helenice, MAGALHÃES, Marcelo e GONTIJO, Rebeca. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

DE LIMA, Ana Renata do Rosário. Terra e trabalho como componentes das lutas cabanas no Acará-PA (Século XIX). **Anais do XXV Simpósio Nacional de História - ANPUH – Fortaleza**, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772189_8fc7c5672a580e10847f3a474a7294b1.pdf. Acesso em: 24/10/2023.

DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. **Os senhores dos rios: Amazônia, margens e história**. São Paulo: Ed. Elsevier, 2004.

Dias, Ana Isabel Sousa. **A fotografia no ensino da história**. 2.º Ciclo de Estudos em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do EB e ES, 2012.

DUARTE, Rosângela de Oliveira. **Ensinar história com o museu: produzindo a Balaiada a partir do patrimônio e da memória histórica**. Curitiba: CRV, 2022

ENDERS, Armelle. **A nova história do Brasil**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2012.

FERREIRA, Eliana Ramos. **Em tempo cabanal: cidade e mulheres no Pará imperial** – primeira metade do século XIX. São Paulo - SP: Dissertação de Mestrado em História Social, Pontifícia Universidade Católica – PUC, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes e DE OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (Coord.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Demandas sociais e história do tempo presente. In: VARELLA, Flávia Florentino (Org.) [et al]. **Tempo presente & usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar história: anos iniciais do ensino fundamental**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FONTES, Edilza. **Contando a história do Pará**. Belém: Ed. Motion, 2003.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo, Cortez & Moraes. 1980.

FRISCH, Machael. A história pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. in Mauad, Ana Maria; Almeida, Juniele Rabêlo de; Santhiago, Ricardo. **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo, Letra e Voz. 2016.

GERARD, Prost. **História do Pará: das primeiras populações à Cabanagem**. volume I.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Memória. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e DE OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (Coord.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2019.

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil imperial**. 3 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HAGE, Dionísio João. **Estudos paraenses e amazônicos**. 2 ed. Belém: Distribel, 2003. HAGE, Dionísio. Estudos Paraenses.

HAGE, Dionísio João. **Estudos paraenses**. Belém: CEJUP, 1993.

HAGE, Dionísio João. **História do Pará**. 3 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1963. (Acervo “Obras do Pará” da biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará [CENTUR]).

HAGE, Dionísio João. **Pontos da nossa história**. São Paulo: Editora do Brasil, s/d. (Acervo da biblioteca da Universidade Federal do Pará [UFPA]).

HAGE, Dionísio João; MATOS, Léa Ceres da Rocha; LIMA FILHO, Lydio. **Estudos sociais do Pará – ensino de primeiro grau**. São Paulo: Editora do Brasil, 1973. (Acervo “Obras do Pará” da biblioteca Arthur Vianna – Fundação Cultural do Pará [CENTUR]).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARRIS, Mark. **Rebelião na Amazônia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presenteísmo e experiência do tempo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2013.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Orgs.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

LIMA, Maria. Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos. In: MAGALHÃES, Marcelo; ROCHA, Helenice; RIBEIRO, Jayme Fernandes e CIAMBARELLA, Alessandra. **Ensino de história, usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014.

LIMA, Maria. Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos. In: MAGALHÃES, Marcelo [et al.]. **Ensino de história**: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014.

LISBOA, KM. I Comemorações, memória, história e identidade. In RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., and. BIONDI, L. **A Universidade Federal de São Paulo aos 75 anos: ensaios sobre história e memória** [online]. São Paulo: Unifesp, 2008. pp. 35-91. ISBN: 978-85-61673-83-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

LOURAX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (Orgs.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, nº 74, 2017.

MATTOS, Hebe, GRINBERG, Keila e ABREU, Martha. Qual diferença faz a perspectiva da história pública nos estudos sobre a escravidão? In Mauad, Ana Maria; Santhiago, Ricardo; Borges, Viviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo, Ed. Letra e Voz. 2018.

MAUAD, Ana Maria. Ver e conhecer: o uso de imagens na produção do saber histórico escolar. In: ROCHA, Helenice, MAGALHÃES, Marcelo e GONTIJO, Rebeca. **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MELO. Francisco Egberto; Meneses, Sônia. Toda a história em cinco minutos! História pública e o ensino – considerações sobre o passado ensinado no Youtube. In PEREIRA, Nilton Mullet. ANDRADE, Juliana Alves de. **Ensino de História e suas práticas de pesquisa**. São Leopoldo, OIKOS. 2021.

MENESES, José Newton Coelho. O patrimônio e a compreensão do passado – experiência intelectual e diálogo público. In Almeida, Juniele Rabêlo; Meneses, Sônia. **História Pública em debate**: patrimônio, educação e mediações do passado. São Paulo, Ed. Letra e Voz. 2018.

MENESES, Sônia. Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **Revista História Hoje**, v. 8, nº 15, p. 66-88 – 2019.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **Da “história do Pará” aos “Estudos Amazônicos”**: os livros didáticos regionais entre produções e usos (séculos XX-XXI). Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa e PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. **Educação e Realidade**, v. 36, n. 1, Porto Alegre, 2011.

NETO, José Maia Bezerra e GUZMÁN, Décio de Alencar. **Terra matura**: historiografia e história social da Amazônia. Belém: Paka-Tatu, 2002.

NETO, José Maia Bezerra. **Fugindo, sempre fugindo**: escravidão, fugas escravas e fugitivos no Grão-Pará (1850-1888). Campinas - SP: Dissertação de Mestrado em História Social, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2000.

NICOLAZZI, Fernando. Muito além das virtudes epistêmicas. O historiador público em um mundo não linear. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 18-34, jan./jun. 2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 23 de março de 2022.

PANTOJA, Ana Renata R. Lima. **Terra de Revolta**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2014.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: [Memoria esquecimento silencio.pdf \(uel.br\)](#). Acesso em: 05 de abril de 2022.

PROST, Gerard. **História do Pará**: das primeiras populações à Cabanagem. Belém, 1998.

RAIOL, Domingos Antônio. **Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos na Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. Vol.2. Belém: Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, Universidade Federal do Pará, 1970.

RICCI, Magda. Cabanos, patriotismo e identidades: outras histórias de uma revolução. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil imperial**. 3 Vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RICCI, Magda. Cabanos, patriotismo e identidades: outras histórias de uma revolução. In: Grinberg, Keila e SALLES, Ricardo. **O Brasil imperial volume II (1831 a 1870)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RICCI, Magda. Fronteiras da nação e da revolução: identidades locais e a experiência de ser brasileiro na Amazônia (1820-1840). **Boletín Americanista**, Año LVIII, nº58, Barcelona, 2008, pp. 77 - 95, ISSN: 0520-4100.

RICCI, Magda. O fim do Grão-Pará e o nascimento do Brasil: movimentos sociais, levantes e deserções no alvorecer do novo Império (1808-1840). DEL PRIORE, Mary e GOMES, Flávio. **Os senhores dos rios**: Amazônia, margens e história. São Paulo: Ed. Elsevier, 2004.

ROCHA, Helenice. A presença do passado na aula de história. In: MAGALHÃES, Marcelo [et al]. **Ensino de história**: usos do passado, memória e mídia. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014.

ROCHA, Helenice. Aula de história: que bagagem levar? In: ROCHA, Helenice, MAGALHÃES, Marcelo, GONTIJO, Rebeca. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

RODRIGUES, Denise Simões. **Revolução cabana e construção da identidade amazônica**. Belém: EDUEPA, 2009.

ROQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001.

Rovai, Martha. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In Almeida, Juniele Rabêlo; Meneses, Sônia. **História Pública em Debate: Patrimônio, Educação e Mediações do Passado**. São Paulo, Ed. Letra e Voz. 2018.

RÜSEN, Jörn. **Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Tradução de Marcos Roberto Kusnick. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 7-16, jul./dez. 2006.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil in Mauad, Ana Maria, Almeida, Juniele Rabêlo de Santhiago, Ricardo **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo, Letra e Voz. 2016.

SANTHIAGO, Ricardo. Pode-se falar de uma história pública brasileira? In Mauad, Ana Maria; Santhiago, Ricardo; Borges, Viviane Trindade. **Que história pública queremos?** São Paulo, Ed. Letra e Voz. 2018.

SANTIAGO JÚNIOR, Francisco. A derrubada, a perspectiva e o antirracismo: sobre monumentos caídos. In: **HH Magazine – Humanidades em Rede**, em 17/06/2020. No endereço: <https://hhmagazine.com.br/a-derrubada-a-perspectiva-e-o-antirracismo-sobre-monumentos-caidos/>

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História”. **Intelligere, Revista de História Intelectual**, vol. 3, nº2, p. 60-76. 2017. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em 22/05/2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba: Editora da UFPR, 2011. **Revista de História da UEG**. Anápolis, v.4, n.1, p. 284-292, jan./jun. 2015

SCHWARCZ, Lilia M. e STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 99 - 129. jan./abr. 2017. jan./abr. 2017.

SILVA, I. A. C. e. **Corografia Paraense, ou descrição física, histórica e política da Província do Gram-Pará**. Bahia: Typografia do Diário, 1833.

SOUZA JÚNIOR, José Alves de. **Cabanagem**: revolução amazônica: 1835-1840. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2022.

TERRES, Pedro Toniazzo e PIANTÁ, Lucas Tubino. Wikipédia: públicos globais, histórias digitais. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 264-285, maio/ago. 2020. ISSN 2175-7976 DOI <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2020.e68391>.

VICENTINO, Cláudio; VICENTINO, José Bruno. **Teláris História**, 8º ano: ensino fundamental, anos finais. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2018.